



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

JANAÍNA DOS REIS ROSADO

“Oi, professor, vc tá on?”

**Docentes conectad@s, laços sociais e
significados construídos no Facebook**

Orientação: Profª Drª Lynn Gama Alves

Coorientação: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

SALVADOR

2018

JANAÍNA DOS REIS ROSADO

“Oi, professor, vc tá on?”

**Docentes conectad@s, laços sociais e
significados construídos no Facebook**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação e Contemporaneidade da Faculdade
de Educação da Universidade do Estado da Bahia
como requisito para obtenção do título de Doutora
em Educação.

Orientação: Prof^a Dr^a Lynn Gama Alves

Coorientação: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

SALVADOR

2018

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

ROSADO, Janaína dos Reis

"Oi, professor, vc tá on?": Docentes conectad@s, laços sociais e significados construídos no Facebook. / Janaína dos Reis ROSADO.-- Salvador, 2018.

202 fls : il.

Orientador(a): Lynn Rosalina Gama ALVES.

Coorientador(a): Leandro de LAJONQUIERE.

Inclui Referências

Tese (Doutorado) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC, Câmpus I. 2018.

1.Educação. 2.Redes Sociais na Internet. 3.Papel Docente.
4.Assimetria Pedagógica. 5.Tecnologias Digitais.

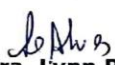
CDD: 107

TERMO DE APROVAÇÃO

"OI, PROFESSOR, VC TÁ ON?" DOCENTES CONECTADOS, LAÇOS SOCIAIS E SIGNIFICADOS CONSTRUÍDOS NO FACEBOOK

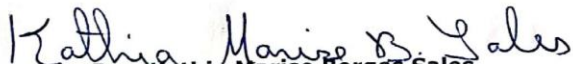
JANAÍNA DOS REIS ROSADO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 09 de agosto de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:


 Profa. Dra. Lynn Rosalina Gama Alves
 Universidade do Estado da Bahia - Uneb
 Doutorado em Educação
 Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


 Prof. Dr. Leandro de Lajonquière
 Université Paris 8 (França)
 Doutorado em Educação
 Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil


 Profa. Dra. Camila Lima Santana e Santana
 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano - IFBaiano
 Doutorado em Educação
 Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


 Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
 Universidade do Estado da Bahia - Uneb
 Doutorado em Difusão do Conhecimento
 Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil


 Profa. Dra. Mary Valda Souza Sales
 Universidade do Estado da Bahia - Uneb
 Doutorado em Educação
 Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

DEDICATÓRIA

À Beatriz e Dante, conectados ao meu coração.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos poderiam ser um capítulo da tese, visto que esta seção é tão importante quanto toda a escrita. São inúmeros momentos que identificam as pessoas aqui citadas como coparticipantes, de forma direta ou indireta, no processo de construção desta tese.

Um estudo acadêmico como o doutorado nos impulsiona para uma imersão densa não só ao encontro do objeto da pesquisa, mas também ao encontro de nós mesmos e de todos os outros que estiveram nesta trilha. Então eu preciso e quero agradecer aos encontros que me permitiriam sonhar e realizar este trabalho.

À Profª Lynn Alves, minha orientadora na graduação, no mestrado e agora neste processo de doutoramento. Foi meu farol durante toda minha vida acadêmica, me incentivando e principalmente sendo fonte de inspiração para seguir. Mostrou-me novos caminhos e possibilidades para a realização dos sonhos e mais do que isso juntou-se a mim na perspectiva de torná-los realidade. Todas as vezes que meu ânimo fraquejava um letreiro luminoso se acendia no meu imaginário dizendo para não a decepcionar. Assim, espero minimamente ter conquistado, após toda essa jornada acadêmica, o direito de ser uma boa lembrança discente. Com a competência, seriedade e amor que que lhes são característicos orientou este trabalho sempre buscando a minha melhor versão de pesquisadora.

Ao Prof. Leandro de Lajonquière, meu coorientador do estágio doutoral na Universidade de Paris 8, na França, que com notória competência, criticidade e humor, foi um forte sopro de fôlego neste último ano de pesquisa. Sempre disposto a me orientar, me fazendo perceber as lacunas e as potencialidades do trabalho. Me fez refletir sobre a relevância social desta pesquisa. Ao acolher a mim e a minha família em outro país atualizou em mim o significado de generosidade. Mas foi ao acolher a aluna que me fez (re)significar o meu papel docente. Doravante, cada vez que eu endereçar meu discurso a um aluno, estarei tentando pagar diminuta e gradativamente a infindável dívida que contrai neste um ano de sua coorientação.

À Profª Kathia Marise pelo acolhimento ao meu trabalho na perspectiva de contribuir com sua seriedade, competência e criticidade afetuosa para a construção deste momento importante da minha formação acadêmico e profissional.

À Profª Mary Sales por aceitar avaliar este trabalho com a competência, retidão e vivacidade que lhes são próprias, o que com certeza trará aprendizados significados para este processo.

À Profª Camila Santana, que com competência, generosidade, cuidado e amor contribui e orientou a escrita final desta tese e especialmente, no aceite em ler, contribuir e avaliar este trabalho com a seriedade que lhe é peculiar.

À Lizete (*in memorian*), minha mãe, meu primeiro exemplo de mulher, mãe e estudante. Que me ensinou a equilibrar todos os pratos da vida, sem perder o amor pelas pessoas e por mim mesma. Obrigada por não ter desistido da gente.

Aos meus amados filhos **Beatriz e Dante**, minhas molas propulsoras, que sempre curiosos indagavam o que eu estava fazendo durante a pesquisa, partilhando todas as alegrias e agruras do processo com a sabedoria que só as crianças possuem.

À **Marcos Pessoa**, meu amor, pelas inúmeras e brilhantes discussões sobre o tema desta pesquisa. Por compartilhar do prazeroso e ao mesmo tempo difícil percurso doutoral. Em nossa casa eram 6 entes: um homem, uma mulher, duas crianças e duas teses, cada um autônomo, mas amorosamente imbricados. Por ser meu interlocutor e me cobrar resultados. Por partilhar as dores e delícias do cotidiano. Ao concluir este trabalho nossos (re)encontros ficam ainda mais intensos.

À **Igor**, meu irmão, que sempre disse ter orgulho da minha trajetória acadêmica, pelas discussões acaloradas sobre educação, incentivo a minha escrita e auxílio com a logística referente a este trabalho no período que estive fora do país em estágio doutoral.

À **Rosemeire**, minha irmã, que em todo o tempo, compreendeu minhas ausências e me incentivou a seguir.

À **Ariovaldo** (*in memoriam*), meu pai, que me ensinou muito mais este ano na hora da sua partida que durante toda a sua existência paterna. Aprendi acima de tudo a ser forte.

À **Mateus**, meu afilhado, que mesmo não convivendo diariamente, me encoraja a seguir e mostrar que sonhos só existem para virar realidade. Por sua força e coragem para desbravar outras paragens assim como eu fiz.

Às minhas amigas amadas **Giulia, Juliana, Jacqueline, Camila, Delma**, que apostaram mais em mim que eu mesma, acreditando fielmente na conclusão deste trabalho. Pelo carinho e abraços calorosos. Sou o que sou por que somos.

À **Marcos Cajiá**, meu amigo, “cidadão do mundo”, mas que tem suas raízes fincadas na amizade, que nunca me abandonou, nunca duvidou do meu potencial e das minhas intenções, que nem mesmo a distância física fez diluir o interesse e as conversas sobre a vida. Por me encorajar incondicionalmente e me mostrar que o “sol vai brilhar amanhã”.

À **Paulo Henrique**, meu querido cunhado e compadre, que sempre demonstrou entusiasmo e interesse pelo tema desta tese, me incentivando e ficando feliz com minhas conquistas. Por todas as conversas sobre educação. Por partilhar de seus pensamentos sempre muito interessantes. Cada palavra de estímulo encontrou endereço certo dentro do meu coração.

À **D. Nancy e Sr. Edmilson**, meus sogros, que com carinho acolheram a mim e a minha família em sua casa no retorno do estágio doutoral, na reta final da construção deste trabalho.

À **Lara**, doce presente que a vida me deu nestes últimos anos, por seu carinho, compreensão pelas ausências e incentivo ao meu trabalho. E por principalmente ter nos brindado com a chegada de nossa princesa **Alice**.

Ao **Centro de Pesquisa Comunidades Virtuais** e aos seus **membros**, pesquisadores, colegas e amigos afetuosos que partilharam deste caminho em busca da excelência na pesquisa nacional.

À **Universidade do Estado da Bahia**, minha casa acadêmica desde a graduação, que me deu régua e compasso para ir por onde meus sonhos me levaram. Por seu compromisso com a educação de qualidade em nosso país e por me formar pedagoga e pesquisadora em educação.

Ao **Instituto Federal Baiano**, por investir em seus profissionais em busca da qualidade na educação baiana e brasileira.

Aos **docentes conectad@s**, sujeitos desta pesquisa, que disponibilizaram o seu tempo para participar da investigação e deram subsídios para que reflexões e conclusões fossem possíveis neste trabalho. A vocês e aos professores de todos os continentes meu respeito e gratidão por escolherem diariamente a nossa profissão.

Ao **Facebook** por ser uma ambiência de múltiplas possibilidades de interação e de conectividade, principalmente humana.

Minha eterna GRATIDÃO!

Você é apenas um garotinho como cem mil garotinhos. E eu não preciso de você. E você não precisa de mim também. Eu sou apenas uma raposa para você como cem mil raposas. Mas, se você me cativar, precisaremos um do outro. Você será para mim único no mundo. Eu serei para você único no mundo. ¹ (SAINT DE-EXUPÉRY, 2016, p. 70)

¹Texto original: “*Tu n'es encore pour moi qu'un petit garçon tout semblable à cent mille petits garçons. Et je n'ai pas besoin de toi. Et tu n'as pas besoin de moi non plus. Je ne suis pour toi qu'un renard semblable à cent mille renards. Mais, si tu m'apprivoises, nous aurons besoin l'un de l'autre. Tu seras pour moi unique au monde. Je serai pour toi unique au monde.*” Tradução nossa.

RESUMO

As tecnologias digitais se fundem a humanidade e promovem o (re)pensar e (re)significar da existência e relações humanas. A relação dos sujeitos com os artefatos tecnológicos constitui-se em produção conjunta e mediada na qual a tecnologia é concebida como construção cultural. O problema da tese apresenta a questão: quais significados e tensões os docentes conectad@s conferem à relação com seus alunos no Facebook tendo em vista as dimensões do papel docente e da assimetria pedagógica? O objetivo central foi investigar os significados que os docentes conectad@s atribuem à relação com seus alunos no Facebook e como esta tensiona seu papel docente, tendo em vista a assimetria fundante de toda relação pedagógica. A relevância da pesquisa está em sua contribuição para a discussão no campo das ciências humanas, notadamente na interface entre educação e redes sociais na internet. O estudo foi de natureza qualitativa com a abordagem etnográfica. Realizamos a pesquisa por meio da observação exploratória e sistemática dos perfis no Facebook dos sujeitos da pesquisa durante o período compreendido entre 21 e 27 de novembro de 2016, totalizando 49 horas, somada a entrevista semiestruturada com estes sujeitos e análise das categorias que emergiram da triangulação dos dados. A análise dos dados apoiou-se no referencial teórico sobre cibercultura, redes sociais na internet, conectividade, amizade e papel docente. O argumento da tese é que a relação entre professores e alunos no Facebook, ambiência estruturada de modo que as conexões entre os atores aconteçam de forma horizontal, tensiona o papel docente, uma vez que esta relação pressupõe assimetria pedagógica. Os resultados apontaram para existência da assimetria pedagógica mesmo no Facebook e demonstraram que relacionar-se com alunos nesta rede tensiona o papel docente na medida que pode promover reconfiguração desta função assim como da imagem deste profissional. Ao cabo, é mister destacar ainda que os resultados aqui apresentados não têm a intenção de generalizar os dados e podem ser considerados em discussões e novas pesquisas que se debrucem sobre o enlace entre redes sociais na internet e educação. Conclui-se que a assimetria pedagógica e autoridade docente mantem-se vivas na relação professor-aluno no Facebook e que tanto professores quanto alunos manifestam interesse pela manutenção destas características basilares na interação pedagógica. Relacionar-se com seus alunos no Facebook tensiona o papel docente, na medida que demanda do docente cuidados com sua imagem de professor e com a assimetria pedagógica em um espaço social no qual o docente apresenta muitas outras faces de sua personalidade. No entanto, esta tensão não dissolve a assimetria característica da relação pedagógica, visto que os docentes conectad@s (res)significam a relação com seus alunos mantendo-se no lugar de mestria enunciativa.

Palavras – chave: Facebook. Educação. Assimetria pedagógica. Papel docente. Conectividade.

ABSTRACT

The digital technologies merge with the humankind and foster a re-thinking and re-signification the human relations and existence. The relations between individuals and technological devices arise as a collective and mediated production in which technology is seen as a cultural construction. This thesis poses the following question: what meanings and tensions do connected teachers attribute to the relations with their students on Facebook, bearing in mind the dimensions of the teacher's role and the pedagogical asymmetry? The main objective was to inquiry the meanings that the connected teachers bestow on the relations with their students and how those relations call into question their role as teachers, having in mind the inherent asymmetry of every pedagogical relation. The importance of this research is in its contribution to the discussion in the scope of human sciences, especially in the interface between education and social networks on the Internet. This survey has qualitative nature and the approach is ethnographic. It was carried out by means of systematic and exploratory observation on the Facebook profiles of the individuals surveyed between November 21 and 27, 2016, amounting to 49 hours, besides semi-structured interviews with those individuals, as well as the analysis of the categories that emerged from the data triangulation. The data analysis was based on the theoretical bibliography on cyber culture, social networks on the Internet, connectivity, friendship and the teacher's role. The thesis argument is that the relations between teachers and students on Facebook, a realm that is structured so that the connections between the agents take place horizontally, calls into question the teachers' role, since this relation implies pedagogical asymmetry. The results show the existence of pedagogical asymmetry, even on Facebook, and demonstrate that being connected with students on that network put the teachers' role to test, as long as it might foster the resetting of this function, as well as the image of this professional. In the long run, I must highlight that the results presented herein do not mean to generalize the data, and might be considered in discussions and new researches on the connections between social networks on the Internet and education. The conclusion is the pedagogical asymmetry and the teachers' authority remain alive in the teacher-student relations on Facebook, and that both teachers and students apparently want to keep these basic characteristics in the pedagogical interaction. Being connected with students put the teachers' role to test as long as it demands precautions about their image as educators and the pedagogical asymmetry in a social space in which the teachers display many other traces of their personalities. Nevertheless, such tension does not destroy the asymmetry inherent to the pedagogical relation, since the connected teachers re-signify the relations with their students, remaining in the position of enunciation mastery.

Keywords: Facebook. Education. Pedagogical asymmetry. Teachers' role. Connectivity.

RESUMÉ

Les technologies numériques fusionnent avec l'humanité et favorisent la réflexion et la redéfinition de l'existence et des relations humaines. La relation des sujets avec les artefacts technologiques constitue une production conjointe et médiatisée dans laquelle la technologie est conçue comme une construction culturelle. Le problème de la thèse pose la question : quelles sont les significations et les tensions que les enseignants connectés confèrent à la relation avec leurs élèves sur Facebook, en tenant compte des dimensions du rôle pédagogique et de l'asymétrie pédagogique ? L'objectif central était d'étudier les significations que les enseignants connectés attachent à la relation avec leurs élèves sur Facebook, bien sûr cette relation met l'accent sur le rôle d'enseignant, compte tenu de l'asymétrie fondatrice de toute relation pédagogique. La pertinence de la recherche réside dans sa contribution à la discussion dans le domaine des sciences humaines, notamment dans l'interface entre l'éducation et les réseaux sociaux sur Internet. L'étude a été de nature qualitative avec l'approche ethnographique. Nous avons effectué la recherche à travers de l'observation exploratoire et systématique des profils dans le Facebook des sujets de recherche entre le 21 et le 27 novembre 2016, totalisant 49 heures, en plus de l'entretien semi-structuré avec ces sujets et l'analyse des catégories issues de la triangulation des données. L'analyse des données était basée sur la référence théorique sur la cyberculture, les réseaux sociaux sur Internet, la connectivité, l'amitié et le rôle de l'enseignant. L'argument de la thèse est que la relation entre les enseignants et les étudiants sur Facebook, en tant que lieu structuré de manière à ce que les liens entre les acteurs se produisent horizontalement, souligne le rôle pédagogique, car cette relation suppose une asymétrie pédagogique. Les résultats ont mis en évidence l'existence d'une asymétrie pédagogique même sur Facebook et ont montré que la relation avec les étudiants dans ce réseau souligne le rôle de l'enseignant dans la mesure où il peut favoriser la reconfiguration de cette fonction et l'image de ce professionnel. Au final, il convient de noter que les résultats présentés ici ne sont pas destinés à généraliser les données et peuvent être pris en compte dans les discussions et les nouvelles recherches sur le lien entre les réseaux sociaux sur Internet et l'éducation. On en conclut que l'asymétrie pédagogique et l'autorité pédagogique demeurent vivantes dans la relation enseignant-élève sur Facebook et que tant les enseignants que les élèves manifestent un intérêt pour le maintien de ces caractéristiques de base dans l'interaction pédagogique. La relation avec ses étudiants sur Facebook met l'accent sur le rôle de l'enseignant, car il exige que l'enseignant s'occupe de sa propre image d'enseignant et de l'asymétrie pédagogique dans un espace social dans lequel l'enseignant présente beaucoup d'autres visages de sa personnalité. Cependant, cette tension ne dissout pas l'asymétrie caractéristique de la relation pédagogique, puisque les enseignants connectés donnent d'autres significations à la relation avec leurs élèves tout en maintenant la place de la maîtrise énonciative.

Mots-clés: Facebook. Éducation. Asymétrie pédagogique. Rôle d'enseignant. Connectivité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Distribuição do uso do Facebook por idade entre internautas brasileiros	45
Figura 2 - Pesquisa IBOPE CONECTA sobre aplicativos dos internautas brasileiros	46
Figura 3 - Número de usuários de sites de redes sociais no mundo	47
Figura 4 - Número de usuários de sites de redes sociais no Brasil	47
Figura 5 - Estatística sobre o Facebook em 2018	48
Figura 6 - Perfil de usuário do <i>Facebook</i>	50
Figura 7 – Escolha dos sujeitos: referente a critério de definição profissional	52
Figura 8 - Escolha dos sujeitos: referente ao critério nacionalidade	53
Figura 9 - Preferências de visualização do <i>feed</i> de notícias	54
Figura 10 – a) Representação das sete pontes Königsberg e b) o grafo de Euler	64
Figura 11 – Mapa mental laços sociais	68
Figura 12 - Topologia de redes	69
Figura 13 – Marcas com maior audiência do Facebook em junho de 2018	75
Figura 14 - Personagem principal na rede social do episódio	94
Figura 15 - Página no Facebook sobre docência	104
Figura 16 - Postagem na página do Facebook do Presidente da França sobre episódio envolvendo adolescente em dia de solenidade francesa	118
Figura 17 - <i>Selfie</i> do Presidente da França com adolescente na solenidade	119
Figura 18 – Mapa mental sobre os significados atribuídos pelos docentes a relação com seus alunos no Facebook	130
Figura 19 – Sociograma representando da rede social pesquisadoras –sujeitos e sujeitos-sujeitos	131
Figura 20 - Nuvem de temas que mais surgiram durante a observação	134
Figura 21 – Postagem do professor Max sobre o tema racismo	135
Figura 22 – Postagem do professor José sobre o tema religião	136
Figura 23 – Postagem do professor Isaac sobre o tema educação	137
Figura 24 – Postagem do professor Jorge sobre o tema vida pessoal	138
Figura 25 – Postagem do professor Max sobre o tema amor	139
Figura 26 – Postagem da professora Grace sobre o tema culinária	140
Figura 27 – Professor Assis compartilhando sua rotina de exercícios físicos	140

Figura 28 – Postagem do professor Heráclito sobre o tema política	141
Figura 29 – Postagem do professor Max	141
Figura 30 – Postagem do professor Euclides sobre o tema natureza	142
Figura 31 – Postagem do professor Heráclito sobre o tema humor	143
Figura 32 – Postagem do professor Max	145
Figura 33 – Ações elencados pelos entrevistados para se denominarem docentes conectad@s	154
Figura 34 – Postagem do professor Jorge e comentários de suas alunas	155
Figura 35 – Mapa mental da qualificação realizada pelos docentes pesquisados sobre a relação professor-aluno	162

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Roteiro de Observação da pesquisa	54
Tabela 2 - Profissões dos sujeitos da pesquisa	57
Tabela 3 - Instituições de atuação profissional dos sujeitos da pesquisa	57
Tabela 4 – Matriz tipológica dos perfis dos docentes conectad@s	143
Tabela 5 - Sociomatriz da relação dos perfis dos professores da pesquisa	150

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Planilha postagem dos sujeitos – semana 21 à 27/11/16	56
Gráfico 2 – Sites de Redes Sociais mais utilizados pelos professores da pesquisa	151

SUMÁRIO

PÁGINA INICIAL OU DA INTRODUÇÃO	20
1 Desenho da pesquisa	22
2 Proposição de pesquisa	27
1 NOS (ENTRE)CAMINHOS DA REDE OU DOS ITINERÁRIOS DA PESQUISA	34
1.1 Escolhendo o método	35
1.2 Mapeando o espaço empírico	41
1.3 Sujeitos da pesquisa	51
1.3.1 Observação que interroga	52
1.3.2 Escuta que interroga	58
2 FACEBOOK E CONECTIVIDADE: RELAÇÕES MEDIADAS PELO CONCEITO DE AMIZADE	61
2. 1 Redes sociais na internet: breve panorama	63
2. 2 Facebook: caleidoscópio de significados	72
2. 3 O que é conectividade?	84
2. 4 Amizade na era da conexão	87
3 DOCENTES <u>CONECTAD@S</u>: NOVAS FORMAS DE SER E DE VIVER	100
3.1. “Ser professor parece ser uma personagem que, para os alunos, nunca sai de cena” ou o do papel docente	103
3. 1.1 Docente, “conhece-te a ti mesmo”	105
3. 1.2 Autoridade docente e assimetria pedagógica	115
3. 2 “Mesmo não exercendo atividade docente naquele momento, sou um docente”: relação professor-aluno	124
4 COMPARTILHAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	130

4. 1 Compartilhando a observação	132
4. 2 Compartilhando a escuta	150
4. 3 Analisando e comentando	153
4. 3. 1 Papel do docente conectad@: reconfiguração?	153
4. 3. 2 Imagem docente	158
4. 3. 3 Assimetria	161
 CONSIDERAÇÕES FINAIS #SQN	 165
REFERÊNCIAS	170
ANEXOS	188
APÊNDICES	197



Página inicial
ou da introdução

PÁGINA INICIAL OU DA INTRODUÇÃO

Escrever é estar no extremo de si mesmo, e quem está assim se exercendo nessa nudez, a mais nua que há, tem pudor de que outros vejam o que deve haver de esgar, de tiques, de gestos falhos, de pouco espetacular na torta visão de uma alma no pleno estertor de criar. (MELO NETO, J. C.)

O que queremos quando escrevemos uma tese? Esta pergunta nos acompanhou desde o início desta investigação, quando decidimos imergir em uma pesquisa sobre um tema que nos questiona e nos inquieta, a saber, docentes conectad@s, laços sociais e Facebook. Umberto Eco nos diz que uma tese, “[...]consiste num trabalho [...] no qual o estudante aborda um problema relacionado com o ramo de estudos em que pretende formar-se” (2008, p.01).

Esta é uma explicação técnica sobre o que vem a ser uma tese, mas não é apenas isso. Além destas características uma tese está totalmente imbricada com a trilha acadêmica e profissional do pesquisador e se imbuí de sentidos e significados que emergem deste percurso. A escrita da tese apresenta o audacioso intento de descrever e de transcrever esses sentidos e significados com embasamento teórico e argumentação crítica. Mas precisamos contar com as limitações da escrita. Pode parecer paradoxal, e talvez seja, mas para nós é um alento compreender que neste espaço delimitado que é a linguagem talvez não haja possibilidade de dizer e de descrever tudo que é visto e sentido no caminho percorrido. Além dos argumentos teóricos e das premissas, uma tese baseia-se também nos “estados problemáticos da matéria” (ZORDAM, 2004, P.15) e o investigador intenta compreender estes estados e com inventividade posicionar-se publicamente defendendo suas ideias.

Os laços sociais que unem professores e alunos no Facebook, assim como os significados que os docentes atribuem a esta relação são polimórficos e polissêmicos o que nos trouxe dificuldades em delimitar e compreender o tema em questão, mas também é onde reside toda a riqueza deste trabalho. Expressar uma ideia e escrevê-la em uma tese não é tarefa fácil, pois implica concatenar sentimentos, pensamentos, achados e leituras em um rigor científico. Nesta tese que envolve a construção de significados, conceitos que abarcam os elementos “afetivo-cognitivo, individual-social, consciente-inconsciente” (DACAL, 2012, p.83), esperamos que o que não conseguimos dizer com

palavras não tenhamos sufocado com elas (LISPECTOR, 1964). Escrever é aventurar-se em um complexo de ir e vir em busca da novidade, de dizer o que ainda não foi dito e neste caminho ficam muitos não-ditos ou semi-ditos. O texto fruto da racionalidade da linguagem sempre deixará lacunas ao mesmo tempo que nos levará a diversos caminhos e pensamentos (RAIC, 2015). Desta forma, nos sentimos contempladas e confiantes em seguir com esta escrita quando Bauman (2004) reflete sobre a difícil tarefa dos pensamentos de apreender a vasta multiplicidade das experiências humanas.

Para convidar o leitor a continuar nesta escrita tomamos emprestado um trecho da carta que Baudelaire (2016) escreveu ao seu amigo para apresentar o *Le Splenn de Paris*, obra póstuma publicada em 1869, a seus leitores.

Meu caro amigo, estou-lhe enviando um pequeno trabalho que não se poderia dizer, sem injustiça, que não tenha pé nem cabeça, pois, ao contrário, tudo o que ele tem é, ao mesmo tempo, cabeça e pé, alternada e reciprocamente. Considere, eu lhe peço, que admiráveis comodidades essa combinação nos oferece a todos, a você, a mim e ao leitor. Nós podemos interromper onde quisermos, eu os meus devaneios, você o manuscrito e o leitor sua leitura; porque eu não impeço a vontade contestadora de cada um no curso interminável de uma intriga superfina. Tire uma vértebra da coluna e as duas porções dessa fantasia tortuosa se reunirão sem dificuldade. Parta-a em numerosos fragmentos e você verá que cada um pode existir isoladamente. Na esperança de que alguns desses pedaços serão os mais vivos para agradá-lo ou distraí-lo, eu ousou dedicar-lhe a serpente inteira (BAUDELAIRE, 2016, p. 1)²

Toda a carta é magistral e assim como o escritor francês nós lhes apresentamos este “[...] pequeno trabalho que não se poderia dizer, sem injustiça, que não tenha pé nem cabeça, pois, ao contrário, tudo o que ele tem é, ao mesmo tempo, cabeça e pé, alternada e reciprocamente” (BAUDELAIRE, 2016, p. 1). Seria ambicioso demais tentar desejar que nós consigamos dizer nestas letras que se seguem quais são os significados da docência na era da conexão, mas esta é a nossa intenção. Ao interrogar-nos sobre o tema desta tese iniciamos um processo de problematização da pesquisa em um

² Tradução nossa para : *Mon cher ami, je vous envoie un petit ouvrage dont on ne pourrait pas dire, sans injustice, qu'il n'a ni queue ni tête, puisque tout, au contraire, y est à la fois tête et queue, alternativement et réciproquement. Considérez, je vous prie, quelles admirables commodités cette combinaison nous offre à tous, à vous, à moi et au lecteur. Nous pouvons couper où nous voulons, moi ma rêverie, vous le manuscrit, le lecteur sa lecture ; car je ne suspends pas la volonté rétive de celui-ci au fil interminable d'une intrigue superflue. Enlevez une vertèbre, et les deux morceaux de cette tortueuse fantaisie se rejoindront sans peine. Hachez-la en nombreux fragments, et vous verrez que chacun peut exister à part. Dans l'espérance que quelques-uns de ces tronçons seront assez vivants pour vous plaire et vous amuser, j'ose vous dédier le serpent tout entier.*

movimento dialético de conhecer – pensar – agir no qual a interrogação não é unicamente curiosidade. “Não é mera pergunta. É atitude mental que deseja e quer decididamente ir ao fundo do poço. E, ao mesmo tempo, incita a mente a procurar o caminho, a resposta que satisfaça ” (SALOMON, 2006 p. 173).

1. Desenho da pesquisa

Uma tese é a busca destas pesquisadoras por compreender e desvelar um fenômeno social emergente na contemporaneidade. Escutar e dar voz aos docentes conectad@s. Entender quais significados estes professores atribuem à relação com seus alunos no site de redes sociais Facebook e como esta relação tensiona seu papel docente. Os significados citados anteriormente estão intimamente ligados ao nosso caminho como professoras e usuárias das tecnologias digitais em especial os sites das redes sociais. A definição do tema foi um processo subjetivo de escolhas e abandonos de caminhos considerando nossas itinerâncias e errâncias (MACEDO, 2000). Nossas trilhas acadêmica e profissional que se iniciaram com o curso de pedagogia e nossa imersão no Facebook inicialmente por curiosidade/entretenimento e depois como espaço de compartilhamento sobre assuntos acadêmicos com alunos nos mostraram que tínhamos muito a conhecer, a refletir e a discutir sobre as facetas entre educação e o Facebook. Colegas professores expressavam seus sentimentos relativos ao uso acadêmico do Facebook. Como se sentiam em relação à privacidade na rede e a relação com seus os alunos. Então, percebemos que uma tese, com este tema poderia contribuir para a discussão sobre papel docente, pedagogia e educação, assim como para a reflexão dos professores sobre seu papel profissional tomando por base a lógica da ação-reflexão-ação como nos ensinou Paulo Freire (1983) e da relação professor-aluno. E não estávamos equivocadas. A fala do Professor Heráclito³, sujeito da pesquisa, nos presenteia com esta confirmação:

[...] ao responder estas questões, fui convidado a fazer memória do meu percurso enquanto docente e, conseqüentemente, das ações e, mais ainda, dos educandos e educandas que, em rede, ajudaram a construir este processo. Não há “prática docente” sem o outro, sem os outros.

³ Adotamos nesta tese codinomes para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

Para delinear a pesquisa com vistas a alcançar os objetivos da tese, iniciamos um trabalho de estado da arte ou estado do conhecimento com fito de mapear dissertações e teses realizadas no Brasil sobre o tema de pesquisa aqui apresentado. Esta iniciativa nos proporcionou saber se pesquisadores brasileiros interessam-se pelo Facebook, quais áreas de maior concentração de pesquisa e principalmente se o campo da educação destina olhar a este espaço no qual transitam cada vez mais alunos e professores. Conhecer o que já foi construído sobre o tema por pesquisadores contribuiu também para o desenvolvimento do lastro teórico desta pesquisa, visto que dissertações e teses encontradas nos bancos de dados foram utilizadas como fontes bibliográficas, bem como permitiram perceber lacunas e vieses sobre o assunto (SOARES, 1987).

Inicialmente escolhemos o Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁴ como site para busca das pesquisas. Esta opção sustenta-se no fato de ser um banco de teses e dissertações de todos os programas de pós-graduação brasileiros ligados à CAPES. Nós consideramos relevantes os trabalhos de teses e de dissertações estrangeiros, porém, inicialmente, para efeito de viabilidade da investigação, levantar pesquisas realizadas no cenário nacional foi utilizado como critério de corte e de delimitação do objeto. Centramos nossa atenção na busca por trabalhos de dissertação e tese pelo mesmo critério de corte e de delimitação do objeto, apesar de considerarmos também importantes artigos e monografias. Outro parâmetro que norteou a delimitação do estado da arte foi o intervalo de tempo eleito. Julgamos que oito anos é um tempo pertinente para que haja um mapeamento significativo da incidência de trabalhos sobre Facebook no Brasil. Sabemos que todo recorte específico apresenta limitações e carências, mas esta ação nos auxiliou a sistematizar pesquisas na área e refletir sobre os caminhos da tese.

O termo Facebook foi o descritor aplicado na busca e junto ao interesse em identificar trabalhos acadêmicos de programas de pós-graduação que se debruçaram sobre o tema, também tivemos a preocupação em identificar quantas e quais dessas pesquisas foram feitas na área de educação.

⁴Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br/> Acesso em: 10 Jun. 2015.

O primeiro levantamento foi realizado em junho de 2015⁵ e encontramos noventa registros de dissertações e de teses⁶ com a palavra-chave Facebook. Após a análise dos resumos, verificamos que dos noventa trabalhos encontrados setenta e sete realmente abordavam o tema Facebook. Os outros treze citavam apenas para exemplificar como um modelo ou um canal de comunicação da internet e não foram considerados.

O levantamento e análise realizados demonstraram que o site de rede social Facebook foi objeto ou *locus* de pesquisa de variadas áreas de conhecimento, com destaque especial para administração com 16,8% do total dos trabalhos, comunicação com 15,5%, engenharia/tecnologia/gestão e educação com 11,6% cada. Percebemos também que apenas oito das pesquisas são teses e que não havia, neste levantamento, nenhuma tese em educação que tratasse do Facebook como objeto ou *locus* de investigação.

Em fevereiro de 2018 voltamos a visitar o banco de dados da CAPES com o objetivo de atualizar este mapeamento e observar se houve alteração nos achados de 2015. Encontramos o site da CAPES totalmente modificado e com a plataforma Sucupira⁷ implantada. Utilizamos o mesmo descritor Facebook e uma outra realidade de informações apresentou-se.

Oitocentas e duas dissertações de mestrado e duzentas e três teses de doutorado⁸ que abordam Facebook em seus resumos foram cadastradas até fevereiro de 2018 no banco de dados da CAPES. Destas, vinte e oito teses e cem dissertações são na área de educação que ocupou o terceiro lugar no ranque das áreas com maior concentração de trabalhos sobre o Facebook, somando cento e vinte e oito pesquisas. Em segundo lugar ficou a área que engloba letras, linguística, literatura e língua portuguesa com dezesseis teses e cento e vinte e oito dissertações, totalizando cento e quarenta e quatro estudos. A área que mais se dedicou a estudos sobre o Facebook foi

⁵O site da CAPES apresentou nesta época uma nota informativa que explica “[...]como forma de garantir a consistência das informações, a equipe responsável está realizando uma análise dos dados informados e identificando registros que por algum motivo não foram informados de forma completa à época de coleta dos dados. Assim, em um primeiro momento, apenas os trabalhos defendidos em 2012 e 2011 estão disponíveis. Os trabalhos defendidos em anos anteriores serão incluídos aos poucos.”

⁶Os dados quantitativos encontram-se na Tabela A do Apêndice 2.

⁷ “(...)importante ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG)”. Disponível em <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> Acesso em: 15 fev. 2018

⁸Os dados quantitativos encontram-se na Tabela B do Apêndice 2.

comunicação com duzentas e cinquenta e três pesquisas divididas em quarenta e uma teses e duzentas e vinte e oito dissertações.

Ainda no site da CAPES podemos observar que entre os anos de 2010 e 2016 houve crescimento exponencial do número de dissertações e de teses cadastradas que abordam o Facebook, com queda significativa deste número em 2017⁹.

Analisando os resumos encontrados na área de educação verificamos que das vinte e oito teses, nove relacionam Facebook à docência e que nenhuma aborda o objetivo desta investigação que é compreender os significados atribuídos pelo professor à sua relação com alunos no Facebook e como esta relação tensiona seu papel docente, considerando-se a assimetria pedagógica. Achado relevante é que no estado da Bahia existem apenas duas teses e uma dissertação na área de educação que trabalham com o tema Facebook. As duas pesquisas de doutorado são da Universidade Federal da Bahia e o trabalho de mestrado¹⁰ é da Universidade Estadual de Feira de Santana¹¹.

Outro site pesquisado em fevereiro de 2018 foi o da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações - BDTD¹². Nesta plataforma foi utilizado o mesmo critério de busca: a palavra-chave Facebook e o mesmo intervalo de tempo, oito anos compreendidos entre 2010 e 2017. O filtro utilizado foi o item “assunto”. Encontramos sessenta e sete registros de pesquisas cadastradas¹³. Destas, nove são teses e cinquenta e oito dissertações.

Observamos que no período pesquisado nenhum registro foi encontrado referente aos anos de 2010, 2011 e 2012. Durante a leitura dos resumos percebemos que na área de educação existem uma dissertação e duas teses, sendo uma delas, da Universidade Federal da Bahia, também registrada no banco de dados da CAPES¹⁴. Dos sessenta e sete trabalhos catalogados na BDTD vinte e dois estão no estado de São Paulo e sete no Rio Grande do Sul. Na Bahia foram encontradas apenas três dissertações e uma tese¹⁵.

⁹Os dados quantitativos encontram-se na Tabela C do Apêndice 2.

¹⁰E abril de 2018 foi apresentada para defesa na Universidade do Estado da Bahia a dissertação de Ana Paula Matos que apresenta como tema Facebook e educação, mas que também não aborda o tema desta tese.

¹¹Os dados quantitativos encontram-se na Tabela D do Apêndice 2.

¹²Disponível em: <http://bdtb.ibict.br/> Acesso em: 22 mar. 2015.

¹³Os dados quantitativos encontram-se na Tabela E do Apêndice 2.

¹⁴É importante anotar que nem todos os resumos apresentavam a área de conhecimento.

¹⁵Os dados quantitativos encontram-se na Tabela F do Apêndice 2.

O *google acadêmico* inicialmente não foi pensando como base de dados e de busca neste trabalho. Porém este sistema do *Google* mostrou-se eficaz e eficiente na oferta de ferramentas de busca de produções publicadas em revistas qualificadas pela CAPES, bem como de teses, livros, resumos. Assim, utilizamos o descritor Facebook e analisamos o resumo ou a introdução de artigos que estavam disponíveis na web. Os textos escolhidos auxiliaram no embasamento teórico do nosso trabalho.

O mapeamento realizado nos sites dos dois bancos de dados e no sistema *Google acadêmico*¹⁶ aponta a importância do tema Facebook, levando-se em consideração o volume de trabalhos encontrados. Podemos inferir que a área de educação preocupa-se em discutir em seus espaços acadêmicos a relevância do Facebook para a campo, porém consideramos ainda parca a quantidade de pesquisas catalogadas principalmente no estado da Bahia e na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, onde nossa pesquisa ancora-se. Compreendemos que por ser um fenômeno relativamente novo, visto que o site de redes sociais em questão foi criado em 2004 e só ganhou popularidade no Brasil em 2008 quando o português brasileiro foi incluído na plataforma, ainda existem muitas facetas a serem investigadas desse caleidoscópio¹⁷ chamado Facebook. No nosso caso, estamos interessadas na combinação que faz conexão com a educação.

Em 2018, durante realização do meu estágio doutoral na Universidade de Paris 8 – Saint Denis/França, seguindo orientação dos avaliadores do *3ème Colloque International Ecole et Technologies de l'Information et de la Communication Francophone ETIC3 - Paris Descartes*¹⁸ decidimos agregar ao estado da arte desta investigação a busca por teses francesas. O banco de dados consultado foi o *Theses.fr*¹⁹ e o descritor foi o termo Facebook. Utilizamos o filtro Ciência da Educação e optamos pelo período de tempo compreendido entre 2008 e 2018 por consideramos que uma década é tempo

¹⁶<https://scholar.google.com.br/>

¹⁷ “Etimologicamente, a palavra caleidoscópio se originou a partir da junção dos termos gregos *kallós* (“belo”, “bonito”); *eidós* (“imagem”); e *skopeo* (“olhar para”, “observar”). Assim, o significado original da palavra grega seria “ver belas imagens” Disponível em <https://www.significados.com.br/caleidoscopio/> Acesso em: 10 dez. 2017. O sentido que queremos empregar aqui é de uma metáfora que represente o Facebook como espaço de múltiplas possibilidades de combinação, em constante movimento e que produz diferentes situações e contextos.

¹⁸ Esta orientação foi fruto da submissão e consequente aprovação de uma comunicação no *Colloque Ecole et Technologies de l'Information et de la Communication Francophone ETIC 3* realizado em 2018 por Paris Descartes. Disponível em: <https://colloque-etic-3.sciencesconf.org/resource/page/id/12> Acesso em: 15 abr. 2018

¹⁹<http://www.theses.fr>

significativo de produção acadêmica que envolva os enlaces entre as áreas de educação e de tecnologia. Um dado relevante é que só há registro de teses defendidas a partir do ano de 2014, o que pode sinalizar que as pesquisas sobre Facebook e educação na área da ciência da educação são muito recentes na França. Vinte e duas teses foram encontradas e após a leitura e análise dos resumos verificamos que todas tratavam de práticas pedagógicas e/ou atividades didáticas no Facebook. Apenas uma das teses aproximava-se do tema que emprega sentido ao nosso trabalho, visto que abordou a identidade profissional e a relação dos docentes com o conhecimento e com as tecnologias, porém sem ter como foco a relação entre docentes e seus alunos. Sendo assim, decidimos que a tese de Damani (2015) faria parte do lastro teórico da nossa investigação. Os achados nesta busca demonstraram o interesse dos pesquisadores franceses pela díade educação e Facebook, mas também apontaram para escassez de trabalhos na área, o que ratifica o tema desta tese como pertinente, pois o que presenciamos é o interesse em como os professores se apropriam das tecnologias para uso em atividades didáticas e práticas pedagógicas mas não encontramos trabalhos que se debruçassem sobre como os docentes significam a relação com seus alunos no Facebook e como esta relação tensiona sua papel docente.

Outro fruto da participação desta pesquisa no *3ème Colloque International Ecole et Technologies de l'Information et de la Communication Francophone ETIC3 – Paris Descartes* foi quando o Professor Baron²⁰, após ouvir nossa apresentação sobre o tema desta pesquisa, indicou-nos a leitura de uma tese de doutorado brasileira. Esta tese foi defendida em uma banca que este pesquisador fez parte e aborda o deslocamento do papel social e sociológico do professor no Facebook (SANTOS, 2017). Este trabalho que não foi encontrado quando da pesquisa nos bancos da CAPES contribuiu generosamente com a compreensão do papel docente nas redes sociais.

2. Proposição de pesquisa

²⁰Disponível em: <http://www.shs.parisdescartes.fr/ACTUALITES/Georges-Louis-Baron-nomme-docteur-honoris-causa-de-l-Universite-de-Patras> Acesso em: 15 jul. 2018

As tecnologias digitais fundem-se à nossa humanidade e nos fazem (re)pensar e (re)significar a nossa existência e nossas relações. Nesta tese compreendemos que a relação humana com os artefatos tecnológicos é de produção conjunta e de mediação na qual a tecnologia é “mais do que uma externalidade do humano, uma extensão do homem. Ela é parte da rede que o constitui” (LEMOS, 2013, p.23). Desde o surgimento e crescimento dos espaços de conexão na internet as pessoas questionam-se sobre como estão relacionando-se consigo mesmas e com os outros nestes ambientes. Destarte, no momento atual no qual a sociedade discute o papel e a influência dos ambientes digitais como o Facebook na vida dos cidadãos e das cidadãs é capital que a área da educação dedique-se a questionar quais são as tensões que o imbricamento do sujeito com as tecnologias digitais provocam no campo educacional. Os espaços digitais que utilizamos no cotidiano não são meras ferramentas. Levy (1999) faz um questionamento que atualmente ainda é mister nas discussões sobre o tema: “Seria a tecnologia um ator autônomo, separado da sociedade e da cultura, que seriam apenas entidades passivas por um agente exterior?” (p. 22). Assim como o pesquisador francês, compreendemos que tecnologia, sociedade e cultura não são dimensões separadas. A tecnologia não pode ser entendida como agente independente da cultura e da sociedade. As tecnologias são construções da cultura e é inconcebível dissociar o homem do seu ambiente cultural.

Outros pesquisadores e pesquisadoras também defendem a ideia de que as tecnologias são fruto da cultura. Entre eles podemos citar Pretto (1996) que compreende a conexão entre a humanidade e as máquinas em uma perspectiva, na qual as tecnologias da comunicação e da informação não são mais tão somente instrumentos, mas a representação de “[...] uma nova razão cognitiva” (p. 68). Ou seja, as tecnologias não estão à serviço do homem, longe disso estão juntas na construção do intelecto e do conhecimento humano. Alves (1998) também discute o uso dos termos como diferenciador do lugar de fala no que tange o entendimento das tecnologias. Ao conceituar tecnologia apenas como instrumento restringe-se muito “[...] o potencial dos elementos tecnológicos no contexto social e em especial no ambiente escolar, pois nesta perspectiva a tecnologia termina sendo usada para modelar o pensar humano” (ALVES, 1998, p. 06).

A autora afirma que “[...] não cabe um olhar apenas instrumental da interação com as distintas tecnologias [...]” (ALVES, 2016, p. 02) e ressalta a necessidade de pensarmos a interação com as tecnologias da informação e da comunicação para além da visão utilitária. Ao conceber as tecnologias digitais apenas como ferramentas e não como espaços de aprendizagem, trocas e interações sociais estamos reforçando a “versão *high tech* da política de reconhecimento” (KASTRUP, 2005, p. 12) mas sem criar possibilidades de problematização do aprendizado e da construção de uma postura criativa ante às questões do conhecimento. Para Kastrup (2005) quando as práticas pedagógicas apenas utilizam as tecnologias como fonte de informação, por exemplo, limitam as possibilidades de invenção cognitiva dos sujeitos o que não promove o deslocamento do foco da informação oferecida e pronta para o ponto de complexificação a análise dos contextos.

Nossas práticas diárias são (re)modeladas por estes espaços, promovendo comportamentos específicos decorrentes da interlocução e conectividade em rede. Presenciamos docentes maravilhados, interessados ou desconfiados como o fato de estarem compartilhando dos mesmos ambientes digitais com seus alunos e com as possibilidades pedagógicas que podem imergir desta relação. Pesquisas preocuparam-se em compreender como as tecnologias digitais podem contribuir para o processo de ensino e de aprendizagem. Pensamos ser igualmente importante perceber como a relação entre docentes e alunos nos sites de redes sociais são compreendidas pelos professores e como esta relação tensiona o seu papel docente.

O Facebook é um site de rede social que se configura em um ambiente de compartilhamento de informações e de comunicação entre pessoas. Estas redes são formadas por atores e suas conexões e constituem-se em “[...] uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p. 24). Nestes espaços, podemos notar perfis de professores que dialogam com seus alunos e/ou divulgam suas perspectivas teórico-metodológicas. Em nossa pesquisa, observamos que a relação de amizade²¹ entre professor e educando na rede pode promover mais diálogos para além dos conteúdos escolares e acadêmicos, ampliando atuação docente. Tais laços de amizade

²¹Palavra usada dentro da rede social Facebook para designar que há um laço social entre as pessoas.

implicam em uma docência *always on*²², ou seja, os professores que interagem com seus alunos nestes sites de redes sociais tornam-se acessíveis e por consequência supostamente disponíveis quase todo tempo.

A dinâmica de compartilhamento de informações e ações no universo do Facebook evidencia uma das características da cultura da conexão apontada por Jenkins, Ford e Green (2014), a saber, a propagabilidade. De acordo com os autores, nesta cultura “se algo não se propaga, está morto” (p.23), ou seja, o que não é passível de propagação ou que não tem potencial técnico e cultural de compartilhamento está fadado ao esquecimento e à morte nas redes sociais na internet. Com base na exposição desenvolvida até este ponto definimos o problema de pesquisa: quais significados e tensões os docentes conectad@s conferem à relação com seus alunos no Facebook tendo em vista as dimensões do papel docente e da assimetria pedagógica?

Esta pergunta nos convida a trazer para o cerne da discussão a díade educação e cultura da conexão e nos fornece argumentos para pensarmos as questões norteadoras da pesquisa: como os professores se apropriam do espaço do Facebook para divulgação e propagação dos conteúdos que envolvem conteúdos sobre educação? Esta ação tem a intenção de manter “vivo” o lugar do mestre? Ao relacionar-se com seus alunos no Facebook, a linha divisora entre os momentos pessoais e profissionais do docente está reconfigurando-se ou mesmo desaparecendo? Como os professores classificam a relação com seus alunos no Facebook?

Uma vez estabelecidos o problema e as questões norteadoras torna-se necessário traçar os objetivos da pesquisa. O objetivo geral da tese consiste em **investigar os significados que os docentes conectad@s atribuem à relação com seus alunos no Facebook e como esta relação tensiona seu papel docente, considerando-se a assimetria pedagógica**. Para consecução do objetivo geral delineamos os seguintes objetivos específicos:

- 1) Identificar o perfil de conexão dos docentes conectad@s para compreender como os professores se apropriam da plataforma Facebook;

²²O que não tem interrupção.

- 2) Mapear na perspectiva dos professores as características para se reconhecerem como docentes conectad@s;
- 3) Analisar se a assimetria pedagógica permanece no Facebook, ambiente elaborado originalmente para ser um espaço que promove relações horizontais.

Por este trabalho consistir em uma busca detalhada de um fenômeno social, em um lugar específico, pensamos ser a abordagem qualitativa indicada para subsidiar esta investigação, pois evidencia a importância de entender e analisar dados sociais coletados no campo observado, fazendo inferências sobre os resultados obtidos. A metodologia adotada é de base etnográfica uma vez que nos proporciona melhores condições de coleta e de análise de dados. Possibilita o uso de duas ou mais técnicas, favorecendo a triangulação de dados. Utilizamos a observação sistemática e não participante na qual o pesquisador observa sem interferir ou interagir com as pessoas observadas.

Após esta introdução intitulada **Página inicial ou da introdução**, para melhor compreensão este trabalho está dividido em quatro capítulos. Mais que pertinente, pensamos ser imprescindível para a construção coerente da tese que começemos por compreender qual suporte metodológico será o norteador da pesquisa. O primeiro capítulo - **Nos (entre)caminhos da rede ou dos itinerários da pesquisa** apresenta o *locus* desta investigação, os sujeitos da pesquisa, o método e as técnicas de pesquisa e análises utilizadas. Os procedimentos sobre os cuidados éticos também constituem este capítulo.

No segundo capítulo – **Facebook e conectividade: relações mediadas pelo conceito de amizade** - estabelecemos a discussão sobre os conceitos de sites de redes sociais, os laços e as interações sociais que são a base para trocas informacionais e simbólicas, bem como construção de identidade. O Facebook é discutido à luz do conceito de sites de redes sociais que assumimos nesta tese com base nos estudos de Recuero (2009). A conectividade e a amizade na era digital também fazem parte deste capítulo que pretende contribuir para pensarmos os significados que este site assume decorrente dos usos que são construídos no cotidiano de seus interatores.

Docentes conectad@s: novas formas de ser e de viver é o terceiro capítulo que aborda a discussão sobre papel docente, assimetria pedagógica e autoridade

docente. Os desafios do docente conectad@ são abordados principalmente no que tange ao compartilhamento da ambiência do Facebook com seus alunos.

No quarto capítulo - **Compartilhamento e análise dos dados** apresentamos o percurso da pesquisa e seus achados. A fala dos docentes conectad@s marca toda a escrita deste trabalho, porém neste capítulo há maior imersão, identificação e interpretação dos significados que estes professores atribuem a relação com seus alunos no Facebook.

Por fim, o capítulo intitulado **Considerações finais #sqn** sinalizou, partindo do problema e dos objetivos apresentados, se foi possível fundamentar o argumento da tese, bem como os aprendizados, os desafios da pesquisa e os encaminhamentos para futuras investigações.

A tese aqui apresentada trata da relação entre professores e alunos no Facebook, ambiência estruturada de modo que as conexões entre os usuários aconteçam de forma horizontal como um rizoma, e tem como argumento que tal relação tensiona o papel docente uma vez que esta pressupõe assimetria pedagógica. Esta tensão, no entanto, não dissolve a assimetria característica da relação pedagógica, visto que os docentes conectad@s (res)significam a relação com seus alunos mantendo-se no lugar de mestria enunciativa²³.

²³ Neste trabalho compreendemos enunciação na perspectiva da linguística. Desta forma, estamos nos referindo a ação de utilização da língua em um “ato de criação do falante” (LARROUSSE, p. 218).



**Nos (entre)caminhos
da rede ou dos itinerários
da pesquisa**

1 NOS (ENTRE)CAMINHOS DA REDE OU DOS ITINERÁRIOS DA PESQUISA

[...] a internet pode ser tanto objeto de pesquisa [...], quanto local de pesquisa [...] e, ainda, instrumento de pesquisa [...] (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013, p. 17).

Quando pensamos em pesquisa na internet, considerando a coleta e análise de dados neste espaço, devemos atentar para os diversos desenhos metodológicos necessários para estes estudos. Fragoso, Recuero e Amaral (2013) apontam que na literatura da área podemos encontrar diversos métodos utilizados: análise de conteúdos, análise de discurso, etnografia, análise de redes sociais, entrevistas, estudo de caso, observação participante, análise de *hyperlinks*, análise de *webesfera*, *webmetria*, entrevistas em profundidade, análise documental, teoria fundamentada, grupo focal *online*, análise de conversação, pesquisa de opinião, interacionismo simbólico etc, inclusive com possibilidade de diálogo entre os métodos.

A pesquisa empírica nesta tese foi composta por duas etapas distintas, porém que se complementam na direção de alcançar os objetivos propostos: observação exploratória e sistemática dos perfis dos sujeitos da pesquisa no Facebook e entrevista semiestruturada realizada com estes sujeitos. Nas Ciências Humanas e Sociais, a investigação prática intenta compreender os fenômenos sociais que nos cercam, considerando todas as nuances e as variáveis, o que exige observação acurada e detalhada da sociedade. Obviamente há uma limitação humana em abranger toda a compreensão do mundo sendo mister recortar um fragmento da realidade e envidar esforços para decifrá-lo (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013).

Desta forma, para estabelecer os caminhos da pesquisa foi necessário deixar claras as seguintes dimensões de investigação nesta tese: onde, quem e o que se pesquisa (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013). O onde remete-se ao Facebook que se configura como *locus* de pesquisa; quem são os doze docentes conectad@s sujeitos desta pesquisa e o que são os significados atribuídos pelos professores à relação com seus alunos no Facebook e como esta relação tensiona seu papel docente, considerando a assimetria pedagógica.

1.1. Escolhendo do método

A abordagem qualitativa tem suas raízes na teoria fenomenológica, que procura compreender o sentido das experiências na vida de pessoas comuns em situações específicas. Desta forma, concordamos com Santos (2008) quando ele afirma que:

O argumento fundamental é que a acção humana é radicalmente subjectiva. O comportamento humano, ao contrário dos fenômenos naturais, não pode ser descrito e muito menos explicado com base nas suas características exteriores e objectiváveis, uma vez que o mesmo acto externo pode corresponder a sentidos de accção muito diferentes. A ciência social será sempre uma ciência subjectiva e não objectiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenômenos sociais a partir das atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem as suas acções, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista a obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objectivo, explicativo e nomotético. (p. 38 e 39)

Pensamos que o paradigma emergente de qual nos fala Santos (2008) ainda não está claramente estabelecido. Estamos, como diz o autor, em um momento de transição onde é mister tentar superar essa tensão epistemológica entre abordagem qualitativa e abordagem quantitativa no sentido de construir um caminho metodológico que atenda aos objetivos da pesquisa que por vezes precisa das duas abordagens.

As autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2013) sinalizam que os métodos qualitativos e quantitativos podem ser compreendidos e concebidos como uma abordagem metodológica complementar, apesar de serem visto muitas vezes como excludentes. Assim, desejamos que as duas abordagens possam dialogar quando necessário e possível for, no sentido de dar sustentação teórico-metodológica a esta pesquisa que tem como seu objeto e campo de estudo a internet.

Minayo (2007) ressalta que a pesquisa qualitativa atende a questionamentos muito íntimos: desejos, significados, impressões, valores, ações. Este leque de percepções é integrante da realidade social, onde o sujeito reflete sobre sua ação. A humanidade e suas construções e interações sociais “é objeto da pesquisa qualitativa e dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos. ” (p.21). “A abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados” (MINAYO, 2007, p.22), precisando, desta forma, que o investigador seja sensível à sua interpretação.

Bogdan e Biklen (1994), autores que também tratam da investigação qualitativa, apresentam cinco características que a definem:

- A fonte direta de dados é o habitat natural da pesquisa qualitativa e tem como instrumento principal seu investigador, ou seja, mesmo que o pesquisador utilize vários outros instrumentos para obter informações, ele mesmo será capaz de apreender o significado das ações no local de estudo, valorizando sempre o comportamento humano;
- A pesquisa qualitativa é descritiva. A narrativa assume papel importante nesta abordagem, pois palavras, imagens, fotografias e outros registros são analisados de forma minuciosa e atenta.
- Para a pesquisa qualitativa, o processo é mais interessante que o resultado. Como os fenômenos acontecem e como as pessoas lidam com os significados constituem o foco da investigação.
- Tende a examinar seus dados de maneira indutiva. As inferências são feitas à medida que os dados coletados vão se constituindo.
- O significado é de suma importância na investigação qualitativa. O sentido que as pessoas dão ao que lhes rodeia é valorizado nesta abordagem, exercitando o multio olhar ante os fatos.

Os referidos autores acreditam que a pesquisa qualitativa apresenta planos e procedimentos que possibilitam ao investigador examinar as experiências sob o ponto de vista do sujeito observado, valorizando seu discurso. Bogdan e Biklen asseguram que:

O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra". (1994, p.51)

Para Richardson (1985), a abordagem qualitativa de uma questão justifica-se, principalmente, para compreender a natureza de um fenômeno social. Esses fenômenos apresentam situações complexas e muito particulares, onde a análise qualitativa demonstra ser a mais indicada, pois é o objeto da investigação que “escolhe” a abordagem da pesquisa utilizada.

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais,

contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (p. 39)

Como citamos na introdução para esta investigação, que se debruça sobre estudar quais significados os docentes conectad@s atribuem à relação com seus alunos no Facebook e como esta relação tensiona seu papel docente, escolhemos a metodologia de base etnográfica.

Do grego *ethos* (cultura) e *grafhe* (grafia) a etnografia²⁴ se propõe estudar os processos da interação social. São muitas as discussões sobre o conceito do termo, mas nesta pesquisa iremos dialogar com a perspectiva de Angrosino (2009, p. 30) que compreende etnografia como “[...] a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças. ” A etnografia carrega a preocupação em compreender a vida e a existência social como consequência do relacionamento e convívio. Considerando-se o ciberespaço como um espaço sócio-cultural, a abordagem etnográfica adequa-se às necessidades desta pesquisa que pretende compreender como o fenômeno é vivenciado e para que existe.

Angrosino (2009, p. 31) lista características da etnografia como método de pesquisa que dão sustentação à escolha feita neste trabalho. Para o autor o método etnográfico é

- “[...] baseado na pesquisa de campo [...]” ou seja, é no espaço empírico onde a pesquisa ganha vida nas relações do cotidiano dos sujeitos;
- “[...] personalizado”. A pesquisa é conduzida por um pesquisador que se inscreve como observador e/ou participante neste ambiente.
- “[...] multifatorial [...]” ou seja, pode utilizar-se de duas ou mais técnicas que podem ser qualitativas ou quantitativas;
- gerido por pesquisadores que estabelecem um compromisso de investigação por longos períodos de tempo, o que é uma característica de uma pesquisa de doutorado;

²⁴Disponível em: <https://www.significados.com.br/etnografia/> Acesso em 25 set. 16.

- “[...] indutivo [...]”. Centra-se na descrição detalhada “para construir ideias gerais ou teorias explicativas”;
- “[...] dialógico [...]” por que possibilita que as interpretações e conclusões do investigador possam ser discutidas pelo informante – sujeito no momento que foram construídas;
- “[...] holístico [...]” porque permite uma visão ampla e o mais completa possível dos fenômenos estudados.

Termos como netnografia, etnografia virtual, ciberantropologia, *webnografia* foram cunhados por autores na tentativa de adaptar a metodologia etnográfica aos meios digitais. Um desses termos é a netnografia, neologismo criado por Kozinets (2014) que é compreendida como metodologia que possui características singulares no que tange ao objeto e espaços de pesquisa, deixando bem clara a diferença entre *offline* e *online*. Kozinets defende que a netnografia é um método de pesquisa de observação participante experienciado em interações online com procedimentos, protocolos e ritos próprios, indicada para ser usada em ambientes virtuais.

O uso do termo e abordagem da netnografia no projeto geral sinalizaria não apenas a presença, mas o peso do componente online. Significaria que um tempo significativo foi gasto interagindo e tornando-se parte de uma comunidade ou cultura online. Referir-se à netnografia como uma prática particular além da etnografia é importante. O que ela sinaliza aos diversos constituintes da pesquisa – [...] – é que essa pesquisa em particular segue um conjunto comum distinto e especificado de procedimentos e protocolos metodológicos que foram acordados por uma comunidade de estudiosos. (KOZINETTS, 2014, p. 62)

A etnografia virtual, termo cunhado por Hine (2000) assim como a netnografia apresenta-se como método de pesquisa qualitativa e tem sua origem na antropologia cultural, constituindo-se em processo que se desenvolve a partir da ação do investigador e dos caminhos escolhidos por ele dentro do contexto pesquisado.

Para Hine (2000), a etnografia virtual pode ser usada para aprimorar a percepção sobre o conhecimento da tecnologia digital e dos espaços sócio-culturais que são por ela pesquisados. Por isso, a etnografia virtual tem espaço garantido nas pesquisas em que os objetivos incluem perceber o que as pessoas estão fazendo no ciberespaço. Se tempo e espaço são categorias importantes para a etnografia tradicional, visto que o pesquisador se insere fisicamente em determinado grupo, como este faria tais

procedimentos nos meios digitais, já que na contemporaneidade vemos que as tecnologias digitais vêm proporcionando repensar a própria ideia de tempo e de espaço? Mesmo quando um grupo humano está em um lugar onde não há territorialidade geográfica, é possível trabalhar com metodologia de base etnográfica.

A metodologia de uma etnografia é inseparável dos contextos onde ela se desenvolve e por isso consideramos o caráter adaptativo que emerge na reflexividade sobre o método. A postura etnográfica descrita aqui trata de fazer justiça a riqueza e a complexidade da internet, uma vez que defende a experimentação de um gênero que responde a novas situações²⁵. (HINE, 2000, p. 23)

Ao problematizar os usos da etnografia na internet, o que a autora apresenta-nos é a possibilidade de repensar a etnografia em espaços virtuais nos quais o entendimento do que seja espaço e tempo sofre mudança de acordo com os novos cenários tecnológicos e as diferentes formas de interagir dos sujeitos. A própria autora convida-nos a refletir sobre o termo cunhado por ela, etnografia virtual, argumentando que a etnografia é a mesma, o que tem características diferentes é o espaço empírico: internet. “O objeto da investigação etnográfica pode ser utilitariamente remodelado para se concentrar no fluxo de conectividade em vez de local e limite como princípio organizador” (HINE, 2000, p.64).

Utilizar uma metodologia de base etnográfica é uma forma de estar presente nas redes sociais na internet com um olhar crítico no movimento que se constitui no rizoma da própria rede. É importante escapar de uma visão integrada da realidade, e nem se inclinar ao determinismo tecnológico e apocalíptico (ECO, 1998), sendo necessário certo ceticismo na aproximação etnográfica (HINE, 2000), que relativize a força e a direção da transformação social que as tecnologias podem trazer. A escolha por uma metodologia de base etnográfica também se justifica pela necessidade de tomar conhecimento e compreender a visão dos sujeitos sobre o tema e analisar ações, comportamentos e situações que ainda não foram amplamente divulgadas e discutidas (ANGROSINO, 2009).

²⁵ Texto original: *La metodología de una etnografía es inseparable de los contextos donde se desarrolla y por eso la consideramos desde una perspectiva adaptativa que reflexiona precisamente alrededor del método. La postura etnográfica descrita en este libro trata de hacer justicia a la riqueza y complejidad de Internet, a la vez que aboga por la experimentación dentro de un género que responde a situaciones enteramente novedosas.* Tradução das autoras.

Rifiotis e Segata (2016) refletem sobre o resgate de um pleito etnográfico para a pesquisa na cibercultura, discutindo pressupostos de uma etnografia que se coloque a descrever as conexões existentes nas ações dos sujeitos partícipes da rede. Esta visão promete uma discussão aprofundada da práxis etnográfica e dos registros deixados na rede pelos sujeitos, constituindo-se em uma etnografia no ciberespaço²⁶. Trata-se ao nosso olhar de uma discussão também sobre antropologia e o social contemporâneo.

Diante do exposto até aqui vislumbramos que a pesquisa de base etnográfica traz de forma indissociável para o trabalho a subjetividade do pesquisador, a pluralidade do olhar, o contexto e a descrição precisa, intensa e profícua do que está sendo observado. O investigador apreende, reflete e aprende com o *locus* de pesquisa, questionando-o e questionando-se sobre o contexto analisado. Boaventura Santos (1989) afirma que tudo passa pelo olhar do pesquisador, sendo ele um intérprete e (re)criador daquela realidade observada.

Desta forma, o pesquisador é um observador que traduzirá tudo que for captado pelo seu olhar, sensibilidade e técnica. Desde o pesquisador silencioso ou *Lurker*²⁷ que tão somente observa o grupo social em questão até o *Insider* (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013), passando por todos os níveis de participação no grupo pesquisado, todos os pesquisadores que optarem pela etnografia estarão inseridos no contexto da pesquisa e de alguma forma irão interferir neste ambiente. A prática do *lurker* é própria do ciberespaço e por meio desta prática o pesquisador tão somente observa as ações dos sujeitos no grupo analisado. (POLIVANOV, 2013). Já o pesquisador *insider* está inserido no campo de estudos e tem relações próximas, desta maneira, sua postura não pode ser de alguém que exclusivamente observa aquela comunidade. (POLIVANOV, 2013). Ainda na perspectiva de compreender o papel do pesquisador que tem como campo a internet podemos trazer para a discussão dois outros conceitos: o distante e o envolvido. Morton (2001) autor que discute estes conceitos, nomeia distante o pesquisador que observa o grupo social, porém não há interferência do pesquisador no

²⁶De acordo com Levy (1999, p. 17) “é o novo meio de comunicação que surge de interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.”

²⁷ Tem origem na palavra *lurking*, que em uma livre tradução significa observar sem ser visto, notado. Tradução nossa.

ambiente, constituindo-se assim uma observação não participante. Já o pesquisador envolvido como o próprio nome sugere está intensamente imbricado no ambiente, interagindo com as pessoas do grupo.

Nesta pesquisa compreendemos que desempenhamos melhor nosso papel assumindo uma postura de “pesquisador-observador silencioso ou *lurker*” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2013, p. 193). Esta decisão foi tomada após reflexão sobre a necessidade de observação do *locus* de pesquisa com o mínimo de interferência possível com intuito de tentar garantir ao máximo liberdade de expressão e de interação dos docentes da pesquisa. Esta escolha também abrange questões éticas e de privacidade preservando a identidade dos sujeitos.

Utilizamos a observação sistemática e não participante na qual o pesquisador observa sem interferir ou interagir com as pessoas observadas (GIL, 2007). Conforme as explicações de Gil (1999), há aspectos positivos quando se adota a observação sistemática como técnica: promove a coleta de elementos que podem auxiliar na definição do problema da pesquisa; propicia a elaboração de hipóteses concernente o problema pesquisado; oportuniza a coleta de dados sem produzir conflitos entre membros das comunidades e grupos observados.

1. 2 Mapeando o espaço empírico.

Na contemporaneidade, as tecnologias digitais e a amplificação das possibilidades de interação entre as pessoas que estas promovem podem influenciar a percepção que temos do mundo e de nós mesmos, contribuindo para a constituição da subjetividade. Para Kerckhove (2013), estamos vivendo um novo paradigma em que a tecnologia ocupa lugar fundamental, instituindo-se em um novo totem, símbolo que funciona como etiqueta coletiva. O tecnototemismo, termo cunhado pelo autor, é estruturante para a compreensão da afirmação de que há um contínuo entre mente e máquina. Este contínuo entre homem e tecnologia pode definir novas características para o ser humano.²⁸

²⁸Conferência *Tecnologia, o Novo Totemismo*, realizada pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo no dia 17 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferencistas-internacionais/derrick-de-kerckhove> Acesso em 08 julh. 15.

Para Lèvy (1999), as tecnologias são intelectuais, compreendidas como artefatos que ressignificam e alteram a ecologia cognitiva dos sujeitos, o que resulta na construção ou reorganização de funções cognitivas, como a atenção, a criatividade, a imaginação, a memória, e contribuem para determinar o modo de percepção e intelecção pelo qual o sujeito entende o objeto. Baron (2014), afirma que as tecnologias digitais estão presentes no cotidiano das pessoas, principalmente jovens. Este autor compreende que os jovens, desde que nascem, já estão imersos nesses espaços de conexão de rede. O crescimento da internet colaborou imensamente para o aumento do uso das redes sociais, “em particular com o surgimento dos novos serviços como Facebook et Twitter. Este últimos também entraram na escola [...]”²⁹ (BARON, 2017, p. 31).

Ante às transformações e inovações tecnológicas que mudam o *modus vivendi* dos sujeitos, transformando e instaurando novos processos na economia, política, cultura, indústria, saúde, entretenimento e educação, nota-se o forjar de pessoas imersas nas tecnologias digitais protagonizando ações e compartilhando informações, ora são produtores e ora são consumidores de conteúdos. Estamos presenciando a Revolução da Conexão (ARBACHE, 2012) em que a maioria das pessoas vivem conectadas. Esta característica da conectividade *always on* é marcante nos dias atuais. O avanço tecnológico transforma cada vez o nosso dia-a-dia, favorecendo uma importante capacidade de interação íntima com mídias digitais e com o ritmo veloz da era da informação. Este rápido processo é refletido na forma como nos comunicamos, aprendemos, trabalhamos, nos divertimos, nos relacionamos. O ritmo impresso pelo desenvolvimento tecnológico pode alterar o uso dos nossos sentidos, exigindo que sejamos hipertextuais, desenvolvamos pensamento não-linear e façamos tudo ao mesmo tempo.

É esse ambiente tecnológico que se configura como espaço no qual navegamos em vários *sites*, falamos ao celular, nos comunicamos em *chats*, ouvimos música, etc, tudo isso simultaneamente, estabelecendo relação dialética com os elementos midiáticos, interagindo com seus diversos estilos: impressos, imagéticos, digitais, sonoros.

²⁹Livre tradução nossa para o trecho “en particulier avec l’apparition de nouveaux services comme Facebook et Twitter. Ces derniers sont également entrés à l’école[...]”.

Com o advento e difusão das tecnologias digitais, a humanidade atravessa um momento de significativas transformações. A internet vem alterando as formas como as pessoas se relacionam, fazem compras, consultam o médico ou estudam. É cada vez mais comum conversarmos com amigos nas redes sociais, fazermos compras online, ou mesmo participarmos de cursos na modalidade da Educação à Distância (EaD). A cultura inaugurada a partir da expansão do ciberespaço ficou conhecida por cibercultura como observa Lèvy:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge de interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (1999, p. 17)

Nesse contexto ressaltamos as redes sociais digitais que são formadas por atores e suas conexões, constituindo-se em “[...] uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores” (RECUERO, 2009, p. 24).

Os sites de redes sociais prometem atender à recorrente necessidade de autoprojeção, de protagonismo, de produção, de interação e de compartilhamento de conteúdos de forma rápida e com significativo alcance. Ao passo que a vida cotidiana é levada para a superfície das telas dos computadores e telefones portáteis e que se engendra na rede tecnológica das relações, percebe-se o nascer de novos modos de ser e de viver do sujeito. Neste contexto, as redes sociais digitais apresentam importante potencial de interação social e o olhar do outro torna-se condição imprescindível para atender à necessidade das pessoas de serem observadas, percebidas e aprovadas. Existimos por que o outro nos dá existência e no Facebook não é diferente pois um perfil sem amigos não valida nossas ações. Para Sued (2010) é um movimento de troca, então curtir para ser curtido, de comentar para ser comentado, de ver para ser visto, de elogiar para ser elogiado, seguir para ser seguido. Aí está centrada a lógica do “apareSer” (DAL BELLO, 2011), em que “a relação que se estabelece é entre o *eu* que se faz visível para que o *outro* possa reconhecê-lo, admirá-lo, validá-lo como alguém[...]”.

Neste universo tão diverso e complexo que é a rede social na internet é que iniciamos as andanças de nossa pesquisa, com olhar e escuta atentos ao que emerge das interações dos laços sociais que se estabelecem nas tramas da rede. Para tanto, como já citamos anteriormente, elegemos o Facebook que se apresenta como um site de rede social com a promessa de atender à necessidade de comunicação e interação dos sujeitos conectados na contemporaneidade.

Pesquisa feita em 2014 pela Conecta/IBOPE³⁰ mostrou que o brasileiro conectado possui uma média de sete perfis em redes sociais. O Facebook se configura com uma das mais utilizadas, chegando a 96% das pessoas pesquisadas. Nesta pesquisa o site de rede social está presente em 88% dos aparelhos de celular dos entrevistados. Em 2015 o Facebook era utilizado por cerca de 89 milhões de internautas no Brasil³¹ com previsão de aumento exponencial. O ano de 2016 trouxe outros números. O então diretor de parcerias do Facebook para a América Latina informou que 102 milhões de brasileiros ativos tinham conta nesta rede social³².

Em novembro de 2017 a Cetic.br³³ publicou o resultado, da sua última, pesquisa realizada entre 2015 e 2016 sobre o uso da internet por crianças e adolescentes brasileiros. Participaram da entrevista 2.999 crianças e adolescentes na faixa etária entre 9 e 17 anos. Foi constatado que 78% acessam a internet para navegar nas redes sociais. O Facebook está entre as redes mais acessadas sendo o primeiro da lista com 75% da preferência, apresentando um declínio de 8% da mesma pesquisa realizada em 2013. Também foi evidenciado que o Instagram apresentou crescimento expressivo de 20% do interesse das crianças e adolescentes de 2013 para a pesquisa divulgada em 2017.

Pesquisa da TIC Educação 2017 (CETIC), divulgada em julho de 2018, entrevistou 10.866 alunos de escolas urbanas no Brasil. Foi constatado que o Facebook é a segunda rede social mais usada pelos alunos com 79%, antecedida pelo WhatsApp que detém

³⁰ Dados publicados em 18/07/2014. Disponível em: <http://www.ibope.com.br/> Acesso em: 25 junh. 15.

³¹ Segundo consultoria eMarketer. Disponível em <http://olhardigital.uol.com.br/noticia/89-milhoes-de-brasileiros-acessam-o-facebook/43687> Acesso em 26 junh. 15.

³² <https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-tem-mais-de-100-milhoes-de-usuarios-brasileiros/57706> Acesso em: 06 dez. 16.

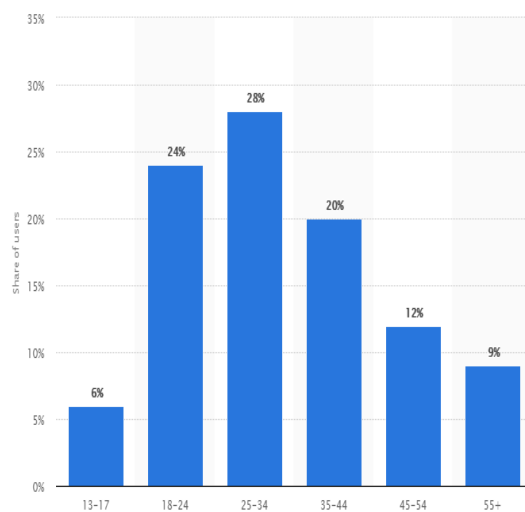
³³ Disponível em: <https://cetic.br/> Acesso em: 23 ago. 2018.

82% do interesse dos estudantes. O Instagram aparece em terceiro lugar com 55% de usuários discentes.

Segundo pesquisa realizada, em julho de 2018, pela empresa *Statista*³⁴ foi verificado que entre número total de usuários do Facebook, no Brasil, as crianças e adolescentes são os que menos interagem com esta rede social ocupando 6% da totalidade de interesse.

Figura 1 - Distribuição do uso do Facebook por idade entre internautas brasileiros

Distribution of Facebook users in Brazil as of July 2018



Data visualized by +tableau

© Statista 2018

Fonte: <https://www.statista.com>

Os dados da *Statista* podem denotar uma possível diminuição do uso por crianças e adolescentes do Facebook. Esta diminuição pode ter causas variadas desde a restrição do acesso feita pela família até um possível decréscimo do interesse pelo Facebook por parte das crianças e adolescentes. A pesquisa do Cetic.br, mais específica, apresenta uma discreta queda no acesso ao Facebook por este público. As empresas *Opinionbox*³⁵ e *Contentools*³⁶ divulgaram, em 2018, resultados da pesquisa sobre hábitos de conteúdos na internet no Brasil. Esta pesquisa aponta também uma pequena queda do

³⁴ Portal de estatísticas. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/866282/facebook-user-share-brazil-age/> Acesso em: 23 ago. 2018.

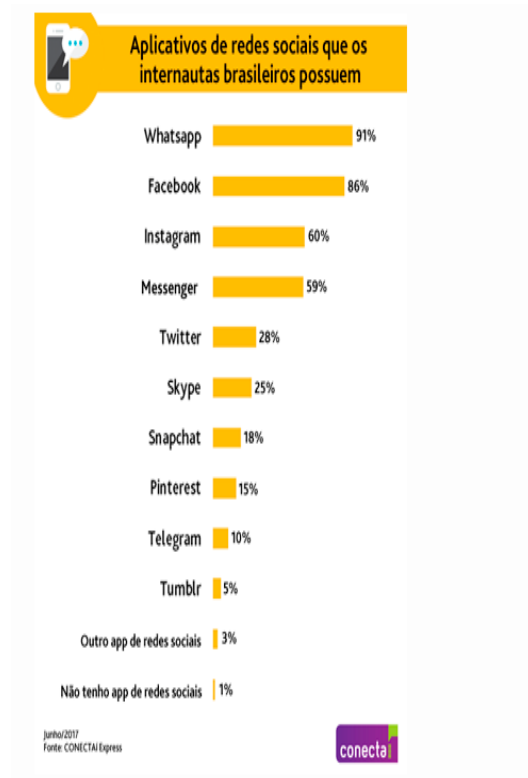
³⁵ Disponível em: <https://www.opinionbox.com/> Acesso em: 24 ago. 2018.

³⁶ Disponível em: <http://contentools.com/br/> Acesso em: 24 ago. 2018.

Facebook e maior interesse no Instagram, mas o Facebook ainda configura-se como o mais popular e com o maior número de usuários do mundo.

A empresa IBOPE CONECTA³⁷, em junho de 2017, realizou e divulgou pesquisa feita com 2.000 internautas brasileiros sobre os aplicativos mais utilizados por eles. O aplicativo do Facebook foi citado como o segundo mais usado ficando logo atrás do WhatsApp.

Figura 2 - Pesquisa IBOPE CONECTA sobre aplicativos dos internautas brasileiros



Fonte: IBOPE CONECTA

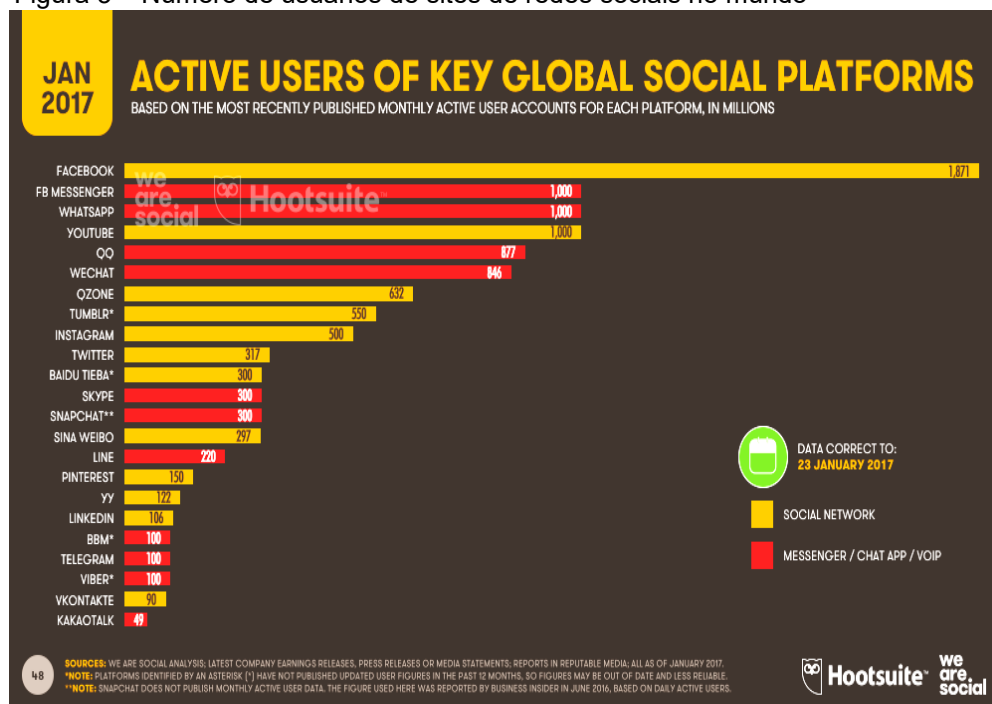
Em novembro de 2017 o NASDAQ: FB³⁸ divulgou que a média de usuários por dia do Facebook em setembro de 2017 foi de 1,37 bilhões de pessoas em todo mundo e de 2 bilhões de usuários por mês no mesmo período.

³⁷ Disponível em: <http://conecta-i.com/?q=pt-br/whatsapp-%C3%A9-o-app-de-rede-social-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros> Acesso em: 23 ago. 2018.

³⁸ Dados publicados em novembro de 2017. Disponível em <https://investor.fb.com/investor-news/press-release-details/2017/Facebook-Reports-Third-Quarter-2017-Results/default.aspx> Acesso em 25 fev. 2018.

Também em 2017 o *Digital in 2017 Global Overview*³⁹ da *We Are Social*⁴⁰ e *Hootsuite*⁴¹ apresentou seu mais recente relatório o qual revelou que mais da metade da população mundial usa a internet. A influência e mudança na vida das pessoas que a conectividade digital provoca foi ressaltada nas descobertas. De acordo com o relatório, o Facebook é o site de rede social com mais usuários ativos diariamente, com o expressivo número de mais de um bilhão de pessoas em nível mundial. No Brasil o Facebook tem 62% de usuários ficando logo atrás do *youtube* com 63%.

Figura 3 – Número de usuários de sites de redes sociais no mundo



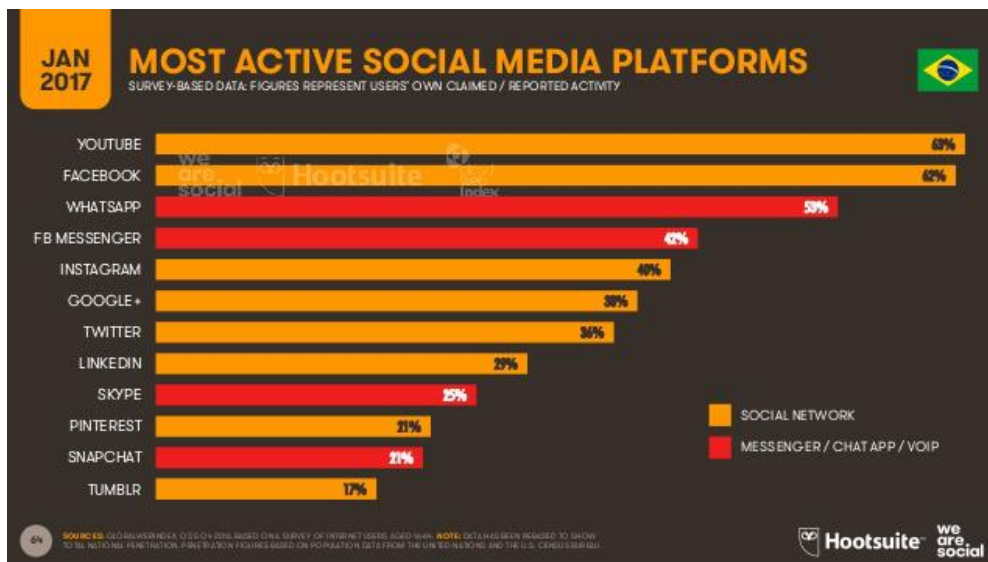
Fonte: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>

Figura 4 – Número de usuários de sites de redes sociais no Brasil.

³⁹Disponível em: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview> Acesso em: jan. 2017

⁴⁰Disponível em: <https://wearesocial.com/> Acesso em: 25 jan. 2017

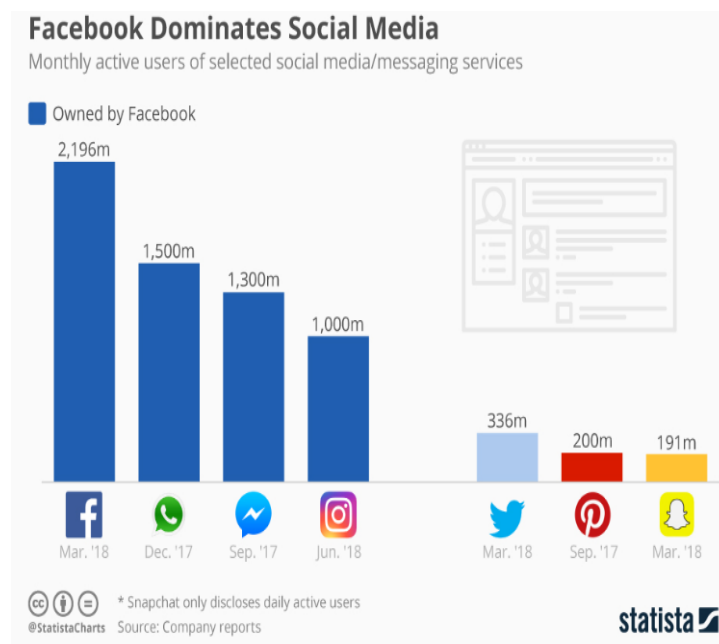
⁴¹Disponível em: <https://hootsuite.com/pt/> Acesso em: 25 jan. 2017



Fonte: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>

A já citada *Statista*, publicou em junho de 2018, uma estatística que aponta o Facebook como rede social mais utilizada no mundo, principalmente por meio da tecnologia móvel.

Figura 5 - Estatística sobre o Facebook em 2018



Fonte: <https://www.statista.com/chart/2183/facebooks-mobile-users/>

Ao analisarmos os dados das pesquisas apresentadas aqui, constatamos que o Facebook é o site de redes sociais com maior inserção mundial. Principalmente entre os adultos. Os doze docentes sujeitos desta pesquisa estão na faixa etária entre 30 e 55 anos, que foi identificado pela *Statista* (Figura 1) como o público com faixa etária predominante no Facebook abrangendo 84% de interesse.

Todos os sujeitos deste trabalho afirmaram em suas entrevistas que compartilhavam com muitos alunos o espaço do Facebook. Vale ressaltar que entre estes alunos há adultos e adolescentes entre 15 e 17 anos. Desta forma, não desconsideramos uma possível migração das crianças e adolescentes do Facebook para outros sites de redes sociais, mas este dado não influencia nosso trabalho, visto que os sujeitos da pesquisa não estão nesta faixa etária, utilizam a rede e mantêm relação com alunos nela.

Idealizado e concebido em quatro de fevereiro de dois mil e quatro, por *Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes*, então discentes da Universidade de *Harvard*, o Facebook é uma rede social na internet que desde sua criação tem o propósito de se consolidar como um espaço no qual as pessoas interajam entre si, compartilhando sentimentos, críticas, fotografias, conteúdos diversos. No princípio esta rede era limitada aos alunos da Universidade de *Harvard*; paulatinamente, no entanto, foi ampliada para o Instituto de Tecnologia de *Massachusetts*, à Universidade de *Boston*, ao *Boston College*, incorporando também estudantes de *Stanford, Columbia e Yale*. Nesta ocasião a rede ainda chamava-se *the facebook.com*.

Com o crescimento da notoriedade do Facebook, diferentes tecnologias foram acrescentadas e muitos usuários de e-mails mantidos por universidades ao redor do mundo foram seduzidos a participar da rede social. Com mais de cinco milhões de membros ativos em dois mil e cinco a rede tornou-se reconhecida apenas como Facebook.

Em fevereiro de dois mil e seis o site possibilitou que estudantes do nível fundamental e trabalhadores de empresas também tivessem acesso à rede Facebook. Desta forma, membros a partir de treze anos puderam registrar uma conta na rede, onde todos os usuários têm a opção de se reunir em uma ou mais comunidades.

[...] com o crescimento vertiginoso do número de usuários no site, o Facebook deixa de ser ambiente exclusivo para relacionamento entre estudantes universitários e se posiciona em quanto um *Site* de Rede Social aberto para participação de usuários em busca de um ambiente *online* que possibilitasse a interação entre amigos, colegas de trabalho, ou mesmo, entre desconhecidos

que partilhassem interesses em comum (RIBEIRO, J.C. e AYRES, M. 2014, p.205 e 206).

Mesmo com a abertura do espaço para outras audiências, o objetivo desta rede social foi mantido: promover o compartilhamento de dados, informações, ideias, trocas de experiências, interação entre os indivíduos de maneira rápida, direta, prazerosa.

Figura 6 – Perfil do usuário no Facebook



Fonte: Facebook

Presidida por Mark Zuckerberg atualmente a empresa Facebook é notícia no mundo inteiro por ter se envolvido em um escândalo de vazamentos de informações dos seus usuários. A informação vinculada na imprensa mundial é de que a empresa Cambridge Analytica⁴² coletou dados de mais de 50 milhões de usuários da rede social. Estes dados podem ter sido utilizados na campanha política de Donald Trump e que culminou na vitória do político nas eleições para a presidência dos Estados Unidos⁴³. Em outubro de 2017 a revista francesa *Society* (2017) apresentou em sua matéria de capa o seguinte questionamento: “Mark Zuckerberg *ele perdeu o controle do Facebook?*”⁴⁴ Frases como “O poder do *Feed* de Notícias. No coração da crítica está a principal ferramenta da rede social.”⁴⁵, “Mark disse na época que talvez 1% dos artigos publicados

⁴² Instituição privada que combina e analisa dados para processo eleitoral. Disponível em: <https://cambridgeanalytica.org/> Acesso em 02 abr 2018.

⁴³ Matéria intitulada “Zuckerberg assume culpa por erros do Facebook em resposta ao congresso dos EUA” <https://olhardigital.com.br/noticia/zuckerberg-assume-culpa-por-erros-do-facebook-em-resposta-ao-congresso-dos-eua/75375> Acesso em 02 abr. 2018.

⁴⁴ Texto original: *Mark Zuckerberg a-t-il perdu le contrôle de Facebook?* Tradução nossa.

⁴⁵ Texto original: *La puissance du News Feed. Au coeur de la critique figure l'outil phare du réseau social.* Tradução das autoras.

no Facebook eram falsos, diz *Schrader*(ex-jornalista da equipe editorial do Facebook. Mas 1% de bilhões de links postados a cada dia, faz um monte de eleitores submetidos a falsa notícia."⁴⁶, "Zuckerberg vê o Facebook como uma entidade que pode suplantar o poder público" Ethan Zuckerman, sociólogo de mídia do MIT"⁴⁷ e "[...]o site americano *ProPublica* descobriu que o Facebook oferecia a oportunidade de direcionar seu conteúdo patrocinado ou publicidade para usuários da Internet com opiniões antissemitas, a partir da frase-chave 'Hitler não fez nada errado'."⁴⁸ Essas matérias jornalísticas trazem para a discussão questões como segurança de dados na rede, o novo *feed* de notícias, lançado inicialmente em 2006, mas aprimorado em 2012, e seus algoritmos que “escolhem” de acordo com uma série de fatores o que os usuários irão ter acesso, *fake news*⁴⁹ e a suspeita de que *Zuckerberg* tem interesse em candidatar-se a algum cargo político.

Destarte, diante do exposto, acreditamos que o site de rede social Facebook, é uma plataforma que ao influenciar diretamente a vida pessoal, profissional e política dos seus usuários, assim como dos não-usuários é campo instigante e interessante de investigação.

1. 3 Sujeitos da pesquisa

A escolha dos sujeitos da pesquisa foi realizada durante a imersão e observação no Facebook. Inicialmente os critérios estabelecidos foram ser professor, ter nacionalidade brasileira e ter perfil acessível. Em um segundo momento após análise de vinte e dois perfis de docentes escolhemos os de maior conectividade visível⁵⁰. Os perfis analisados são as páginas pessoais dos docentes, ou seja, não foram selecionados perfis criados com fins estritamente acadêmicos ou profissionais. Assim sendo, os laços

⁴⁶ Texto original: "Mark disait à l'époque que peut-être 1% des articles postés sur Facebook étaient faux, explique Schrader(Ancien journaliste de l'équipe éditoriale de Facebook. Mais 1% de plusieurs milliards de liens postés chaque jour, ça fait un sacré paquet d'électeurs soumis à des fake news." Tradução nossa.

⁴⁷ Texto original: "Zuckerberg voit Facebook Comme une entité pouvant supplanter la puissance publique" Ethan Zuckerman, sociologue des médias au MIT." Tradução nossa.

⁴⁸ Texto original: "[...]le site américain ProPublica découvrait ainsi que Facebook offrait la possibilité de cibler son contenu sponsorisé ou publicitaire vers des internautes ayant des opinions antisémites, à partir de la phrase clé "Hitler n'a rien fait de mal". Tradução nossa.

⁴⁹ Notícias falsas. Tradução nossa.

⁵⁰ Nesta tese o conceito de conectividade assumido é de interação assídua entre as pessoas nos sites de redes sociais. Este conceito será discutido amplamente no segundo capítulo.

professor-aluno considerados são aqueles construídos espontaneamente no Facebook. Destarte, nosso trabalho se diferencia de outros como, por exemplo, a pesquisa de doutorado de Damani (2015) na qual alunos e professores relacionavam-se em torno de um objetivo comum, criado com finalidade pedagógica específica. Damani (2013) em um texto preliminar a sua tese nos apresenta um estudo de caso sobre uma professora chamada Nina que sinaliza que o lugar do professor nos sites de redes sociais na internet é “lugar dos mortos”⁵¹ (p.128). Esta mesma professora declara ainda que no Facebook não é possível haver relação de amizade com os alunos e sim uma relação de cordialidade. Prescisamente, na nossa pesquisa realizada no Brasil os sujeitos entrevistados apresentam uma outra opinião sobre o assunto.

1. 3. 1. A observação que interroga.

No período entre 21 e 27 de novembro de 2016, durante 49 horas, observamos as postagens⁵² nas *timelines*⁵³ de inicialmente vinte e dois sujeitos conectados ao Facebook. Como citamos anteriormente, a escolha dos atores desta pesquisa teve como base critérios específicos:

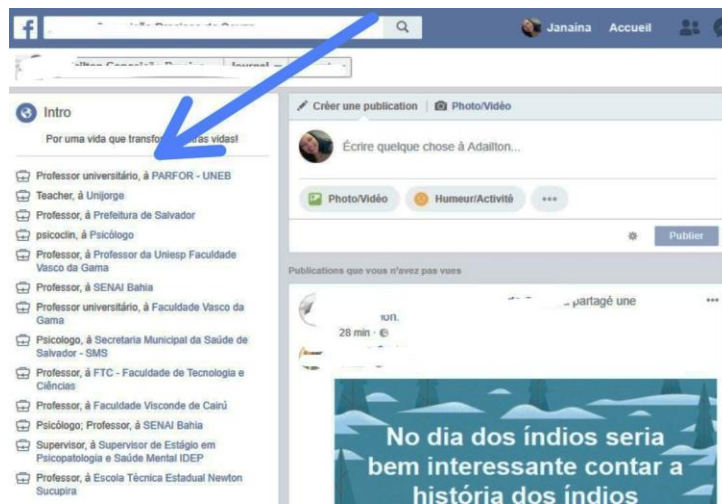
- a) definirem-se como docentes em seus perfis no Facebook;

Figura 7 – Escolha dos dos sujeitos: referente ao critério de definição profissional

⁵¹ Tradução nossa para expressão “place des morts”.

⁵²Quaisquer informações divulgadas nos perfis dos usuários do Facebook.

⁵³Palavra inglesa que significa linha do tempo.



Fonte: Facebook

b) terem nacionalidade brasileira;

Figura 8 - Escolha dos sujeitos: referente ao critério nacionalidade

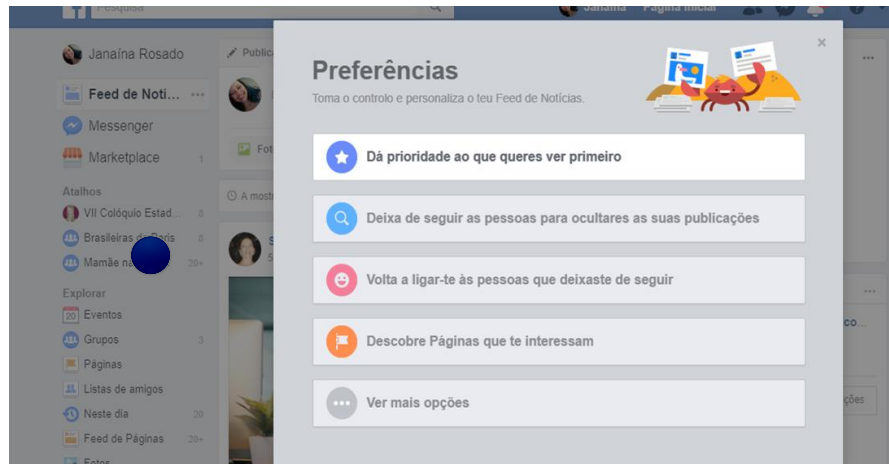


Fonte: Facebook

c) estarem no nosso círculo de conexão no Facebook, ou seja, o fato de termos acesso a seus perfis na rede e consequentemente podermos priorizar os perfis dos docentes conectad@s no nosso *feed*⁵⁴ de notícias, o que promoveu condições favoráveis de observação e de coleta das postagens no mesmo dia em que eram lançadas na rede.

⁵⁴ “As publicações que se vê no *Feed* de Notícias têm como objetivo manter-te ligado(a) à pessoas, locais e coisas que te interessam, começando pela tua família e amigos”. Disponível em: <https://pt-pt.facebook.com/> Acesso em: 06 fev. 18.

Figura 9 - Preferências de visualização do *feed* de notícias



Fonte: Facebook

Durante o período de imersão no *locus* desta pesquisa, destinamos olhar minucioso sobre toda e qualquer publicação feita pelos docentes. Sistematizar os assuntos foi um desafio, uma vez que a quantidade de postagem foi significativa. Esta sistematização já se apresenta como uma análise dos dados de maneira a identificar elementos relevantes para a problemática da tese.

Para viabilizar esta etapa elaboramos um roteiro de observação com categorias escolhidas no intuito de mapear as ações dos professores no espaço do Facebook. Conectividade, laços sociais, interação, papel docente, conteúdo e significado foram variáveis que compuseram o roteiro cuja finalidade foi auxiliar na orientação do olhar sobre *locus* da pesquisa, visto que tínhamos premissas acerca do objeto a ser investigado. O roteiro antes funcionou como um fio condutor da observação e não como instrumento que encerrou em si todas as possibilidades de investigação. O desenrolar da observação apontou-nos inclusive possíveis categorias de análise, ratificando que junto e para além do roteiro elaborado, o pesquisador deve estar atento também ao que emerge do campo observado.

Tabela 1 – Roteiro de Observação da pesquisa

Conectividade	• Qual nível de conectividade do professor? • A conectividade é alta, média ou baixa?
Laços sociais	• Existem laços de amizade entre alunos e professores no Facebook? • Os laços apresentam como base quais sentimentos?

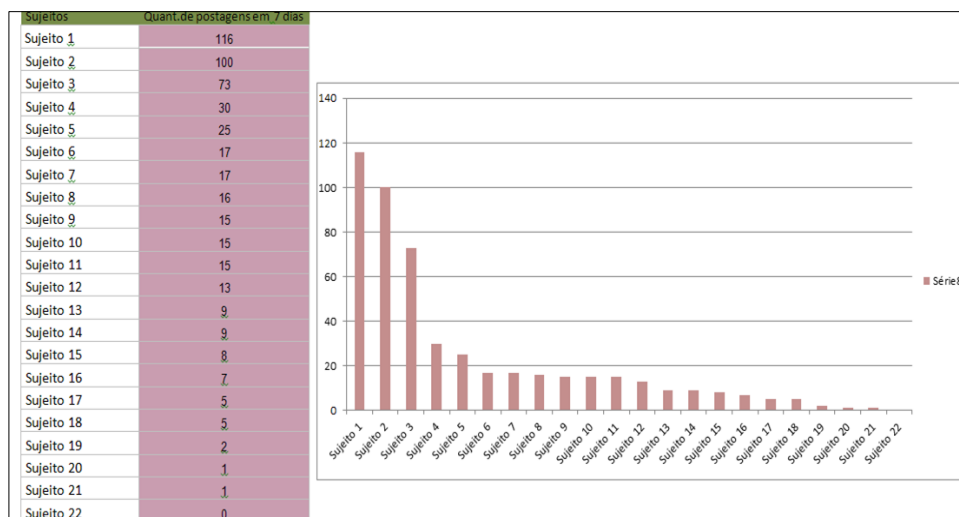
	• Os laços são fracos ou fortes?
Interação	• Como o professor interage com seus alunos? • Como o docente administra os comentários dos discentes? • O professor preocupa-se com a relação professor-aluno?
Papel docente	• O docente posiciona-se pedagogicamente no Facebook? • O professor inicia, incentiva ou participa de discussões com seus alunos no Facebook? • O professor compartilha sua rotina na rede? • O professor cita na rede a(s) instituição(ões) na(s) qual(is) trabalha? • Os <i>posts</i> fazem referência à educação? • O docente faz a gestão da sua imagem no Facebook?
Conteúdo	• Qual conteúdo das postagens? • O docente abre links para fora do Facebook ou leva para esta ambiência questões que surgiram na sala de aula?
Significados	• O docente expressa em suas postagens ou em repostas às suas postagens os significados que atribui à relação com seus alunos?

Fonte: Própria

Para delimitar o *corpus* da pesquisa aplicamos como critérios a alta conectividade e a quantidade de postagens realizadas durante o período observado e realizamos um ranqueamento dos professores para efeito de análise. Foram quatrocentas e noventa e nove postagens na semana, entre textos longos e curtos, registros imagéticos, links que abriam outras janelas⁵⁵ e diante do quadro emergente, atentamos para uma regularidade de *posts* entre os três primeiros ranqueados, cada um 116, 100 e 73 postagens respectivamente. Entre os últimos do ranque temos entre 01 publicação e nenhuma postagem na semana.

⁵⁵Todas as postagens foram observadas, computadas e analisadas, inclusive as indicações de *links* que abriam para outros espaços fora do Facebook.

Gráfico 1 - Planilha postagem dos sujeitos – semana 21 à 27/11/16



Fonte: Própria

Após analisar a quantidade de postagens dos sujeitos, ponderamos que seria necessário trabalhar com os professores que fizeram pelo menos mais de dez postagens por semana e desta forma elegemos, dentro das vinte e duas pessoas observadas, os doze primeiros sujeitos para dar prosseguimento à pesquisa. Desta maneira, nós escolhemos atores sociais que postaram entre 116 e 13 publicações em suas páginas no Facebook na semana em estudo.

Então o *corpus* desta pesquisa é composto por doze docentes conectad@s assim denominados por serem professores com contas ativas, atuantes e com quantidade de postagem significativa no Facebook. Acreditamos que o número final de participantes desta investigação é adequado principalmente considerando o ponto de saturação dos dados. A “saturação teórica ocorre quando novos elementos deixam de surgir dos dados coletados” (NASCIMENTO et al, 2018, p. 05). Moré (2015) cita em seu artigo um estudo realizado por G. Guest, A. Bunce, and L. Johnson, que está na obra *“How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability”*, sobre a quantidade de participantes e o ponto de saturação de dados. A autora explana que concluídas sessenta entrevistas que discorriam sobre o mesmo assunto em uma comunidade homogênea, foi constatado que o ponto de saturação era alcançado “a partir da décima segunda entrevista, sendo que elementos básicos da saturação já se evidenciavam nas seis primeiras entrevistas” (MORE, p. 03).

De acordo com este estudo doze sujeitos é uma quantidade adequada para analisar se há necessidade de outros sujeitos ou não. Moré (2015) afirma que o lastro teórico e o desenho da pesquisa, o número de questões e sua profundidade e clareza e o perfil dos sujeitos pesquisados, no que tange à sua homogeneidade são aspectos importantes para se atingir saturação de dados.

Os sujeitos da pesquisa são oriundos de diversas áreas do conhecimento: um da psicologia, dois da pedagogia, um da história, um da filosofia, três de letras, um da comunicação, um da matemática, um da física, um da engenharia de alimentos. São um mestrando, dois mestres, três doutorandos, dois doutores e quatro pós-doutores nas áreas de educação, biotecnologia, ensino de física e humanidades.

Tabela 2 - Profissões dos sujeitos da pesquisa

Áreas do conhecimento	Quant.
Psicologia	1
Pedagogia	2
História	1
Filosofia	1
Letras	3
Comunicação	1
Matemática	1
Física	1
Eng. de alimentos	1

Fonte: Própria

Oito pesquisados são professores de Universidades, dois ensinam em Institutos Federais de Educação e Tecnologia. Um professor leciona concomitantemente em faculdades particulares e na educação de jovens e adultos em escolas municipais e um docente ensina em escolas particulares de grande porte.

Tabela 3 – Instituições de atuação profissional dos sujeitos da pesquisa

Instituições de atuação	Quant.
Institutos Federais de Educação e Tecnologia	2
Universidades públicas	8
Faculdades particulares e escolas municipais	1

Escolas particulares	1
----------------------	---

Fonte: Própria

As informações sobre a formação acadêmica e profissional dos sujeitos da pesquisa foram coletadas no perfil do Facebook de cada docente e na Plataforma Lattes⁵⁶. A idade dos sujeitos não foi alvo desta pesquisa, mas observamos que eles estão na faixa etária entre os trinta e cinquenta anos. Destas doze pessoas oito são homens e quatro são mulheres⁵⁷.

1. 3. 2. A escuta que interroga.

Que artista teria inventado o nosso ponto de interrogação? Ele já tem a forma de uma orelha à escuta. (QUINTANA, 2014, p. 140)

Dando seguimento à pesquisa, decidimos escutar o que os professores tinham a dizer sobre sua relação com os alunos no Facebook. Concordamos com o poeta e pensamos que quem escuta está a interrogar o outro sobre suas crenças, seus pensamentos, suas ideologias, sua vida. A escuta sensível (BARBIER, 1993) que trabalhamos nesta investigação, baseia-se na sensibilidade e na empatia para perceber e compreender o universo de cada sujeito pesquisado.

E como “Escutar compreende também dizer. Escutar compreende também falar” (DUNKER, 2017), neste segundo momento, utilizamos a técnica da entrevista semiestruturada⁵⁸ com questões que envolviam cultura da conexão, laços sociais e quais significados os docentes atribuíam à relação com alunos no Facebook. Com base na fundamentação teórica e na revisão bibliográfica que dão lastro a esta pesquisa, elaboramos quatorze tópicos de discussão em forma de questões problematizadoras com a intenção de dialogar com os professores.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de sustentar a atuação consciente do pesquisador-entrevistador no processo de busca de dados. Manzini (1990/1991), outro autor que discute o conceito de

⁵⁶Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar> Acesso em: 21/04/2018

⁵⁷Na pesquisa não houve escolha de gênero para participar da pesquisa.

⁵⁸ Encontra-se Apêndice 1 do item Apêndice.

entrevista semiestruturada, explana que este instrumento de pesquisa é focado em um assunto direcionado por um roteiro de perguntas e que pode fazer emergir respostas mais livres. Estes autores coadunam com a ideia de que é mister ter questões centrais e basilares para alcançar com êxito a finalidade da investigação.

Todos os questionamentos foram elaborados levando-se em consideração saber o porquê de cada resposta e a última pergunta foi uma possibilidade de colocar em pauta algo que não tinha sido abordado por nós, mas que o entrevistado ou a entrevistada julgasse necessário emergir na entrevista.

As entrevistas foram realizadas *online* síncrona ou assincronamente. Mesmo quando a forma foi assíncrona houve a possibilidade de conversar simultaneamente com as entrevistadoras. Todas as condições solicitadas foram disponibilizadas para que os docentes se sentissem o mais confortáveis possível para participarem da entrevista. Os cuidados éticos foram ressaltados neste trabalho e a preocupação com o sigilo sobre os perfis dos professores pesquisados foi preconizada. Desta forma, o projeto de pesquisa e os instrumentos de investigação foram submetidos ao comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Além do projeto e da entrevista semiestruturada, o dossiê enviado ao Comitê foi composto por Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁵⁹, Termo de Compromisso do Pesquisador⁶⁰, Termo de Autorização Institucional da Proponente⁶¹, Termo de confidencialidade⁶² e Declaração de Concordância com o Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa⁶³. Após a submissão do dossiê o comitê disponibilizou até o momento o comprovante de envio⁶⁴. Ao iniciarmos a entrevista os sujeitos tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficaram cientes do seu teor e concordaram em participar da pesquisa assinando o documento⁶⁵.

⁵⁹ Encontra-se no Anexo 1

⁶⁰ Encontra-se no Anexo 2

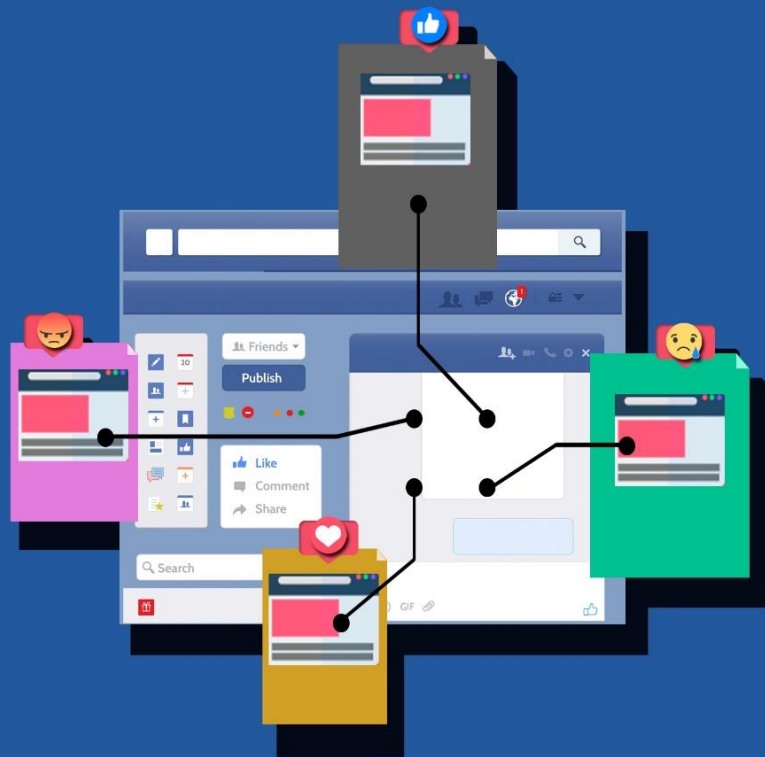
⁶¹ Encontra-se no Anexo 3

⁶² Encontra-se no Anexo 4

⁶³ Encontra-se no Anexo 5

⁶⁴ Encontra-se no Anexo 6

⁶⁵ Os 12 Termos de Consentimento Livre e Esclarecido assinados pelos sujeitos da pesquisa não são disponibilizados com a intenção de manter a privacidade sobre a identidade dos sujeitos e atender aos preceitos do Comitê de Ética da UNEB.



**Facebook e conectividade:
relações mediadas
pelo conceito de amizade**

2 FACEBOOK E CONECTIVIDADE: RELAÇÕES MEDIADAS PELO CONCEITO DE AMIZADE

O Facebook é a rede por onde circula mais de um bilhão de pessoas. Se fosse um país, seria um dos mais populosos do mundo, juntamente com a China e a Índia (CASTRO, 2017, p. 1).

Com o advento das tecnologias digitais, pudemos presenciar uma transformação midiática nunca vista antes, na qual testemunhamos a emergência de discursos de diferentes atores sociais, seja de maneira *offline* ou *online*.

O processo de midiatização vem produzindo reflexos na economia, na arte, na educação e política sendo duplamente crivado por questões de ordem sociotécnicas e sociocognitivas.

O Facebook é uma criação da sociedade midiatizada e se caracteriza por promover uma comunicação híbrida e colaborativa. O diálogo é o que enlaça as relações entre os atores, as mídias e o espaço público e produz efeitos na construção de significados. A comunicação promovida pelos sites de redes sociais inclui intertextualidades conectadas: fala, escrita, símbolos icônicos que deixam mais complexas as conversações em rede. Estas por sua vez diminuem as fronteiras entre as diversas vivências humanas. É possível observar intertextualidade no Facebook, por exemplo, nas insígnias “curtir”, “comentar”, “compartilhar” que motivam e estimulam as trocas linguísticas, sociais e afetivas por meio de produção de conteúdo que vêm constantemente influenciando as experiências humanas.

Com relação aos tipos de ferramentas disponíveis no Facebook, que tem o objetivo de promover a interação, destacamos as alternativas “curtir”, “comentar” e “compartilhar”. A expressão “curtir”, por exemplo, comunica, sem precisar escrever, a importância da publicação e sua opinião favorável a ela. É uma forma de comentar por meio de ícones (*emoticons*). Esse tipo de interação é mais rápida e serve como um estreitamento do laço entre dois atores. Em 2016, o site anunciou uma expansão das possibilidades de demonstrar reações por meio de *emotions*. Foram implantados mais cinco ícones: “Amei” que, dentro de uma escala de valores, estaria em um nível acima de “Gostei” do “Curtir”, “Haha” ou “Achei engraçado”, “Uau” ou “Achei impressionante”, “Achei triste” e “Grr” ou “Nao gostei”, “Desaprovei”.

Configura-se assim uma maneira rápida e fácil de comunicar aos outros a sua opinião e reação sobre o que leu ou viu. Ao clicar em qualquer dos ícones acima em uma postagem o perfil do usuário irá aparecer abaixo dela e concomitantemente será publicada uma história na linha do tempo da pessoa que fez a ação (curtir, etc.). Bem como o proprietário da postagem receberá uma notificação sobre a reação da pessoa naquela publicação. (FACEBOOK, 2018)

Para Recuero (2014) a opção “curtir” é uma forma de participar da conversação sem a necessidade de elaboração de uma resposta escrita. Ao clicar nessa opção, a pessoa não só sinaliza, ao autor da postagem, que a mensagem foi vista, como também é um modo de expressar sua participação na produção da mensagem. “Nesse sentido, ‘curtir’ algo adquiriria uma série de contornos de sentido” (p. 6).

A opção de “comentar” igualmente pode ser usada pelo ator social em posts de seus amigos e em páginas em geral. Logo abaixo da postagem, aparece a opção para que o usuário possa demonstrar, ou com palavras, ou com imagens, suas opiniões e reações em relação à respectiva postagem. Existe também a opção “editar” que permite a reformulação do texto já publicado (FACEBOOK, 2018). Recuero sinaliza que o ato de comentar “parece envolver um maior engajamento do ator com a conversação e um maior risco para a face, pois é uma participação mais visível” (2014, p. 7).

O Facebook oferece diversas maneiras de “compartilhar” informações: por meio de fotos, de vídeos, escrevendo etc. Dependerá das escolhas que o sujeito fizer para dar visibilidade ao compartilhamento para ampliar o alcance delas (RECUERO, 2014). Quando originadas a partir da linha do tempo do usuário podem ser dirigidas a uma ampla audiência, a um grupo de amigos ou a apenas uma pessoa.

Um exemplo disso pode ser visto no uso que as empresas e marcas fazem do Facebook. Para elas, o site oferece a possibilidade de criação de páginas e através delas são compartilhadas histórias para promover a conexão com seus respectivos públicos. A empresa conta com orientações dos administradores em um site próprio. A forma de acompanhar, seguir as informações de uma página comercial é “curtir” a página e começar a visualizar as atualizações em seu *feeds* de notícias (FACEBOOK BUSINESS, 2018).

Ao entrar no Facebook, o usuário se depara com um grande mural constituído por uma *timeline*, onde fica exposto uma coleção de conteúdos em forma de fotos, vídeos, textos etc. Essa linha do tempo é constituída a partir da própria interação do usuário com os diferentes conteúdos do Facebook. É por meio dessa interface, que o usuário pode atualizar o seu status, inserir fotos de capa de sua página pessoal, editar as configurações, visualizar registros de atividades, adicionar eventos, compartilhar atividades em aplicativos etc. (FACEBOOK, 2018).

Uma das últimas mudanças anunciadas pelo Facebook, trata-se de ferramentas que estimulam ainda mais a interação entre amigos e grupos, uma vez que passam a destacar as informações que forem escolhidas como as mais autênticas e personalizadas. Ação que demonstra a preocupação deste site em ir além de ligar pessoas, mas favorecer o fluxo conversacional. Não basta apenas curtir uma imagem ou comentário para que aquela página ou amigo apareça mais vezes em nossa *timeline*. A partir de agora, há mais um motivo para comentar. E assim, o Facebook constantemente se reinventa para atender a demanda de interação das pessoas ao passo que também cria formas diferentes de conectividade. Se estabelece como site de redes sociais que ganha novos significados na medida que seus atores interagem e fazem usos diversos desta ambiência.

2. 1 Redes sociais na internet: breve panorama

Os sites de redes sociais são arenas privilegiadas de conectividade favorecendo o fluxo e a confluência de pessoas e de conteúdos digitais. Ao falarmos de sites de redes sociais é impossível fugir da clássica definição de Boyd e Ellison (2007) que definem sites de redes sociais como serviços da internet que oferecem aos seus usuários a construção de perfis públicos ou semipúblicos dentro do espaço conectado; visualização de outros usuários e de outras conexões; e navegação pela sua lista de conexões e dos outros sujeitos conectados.

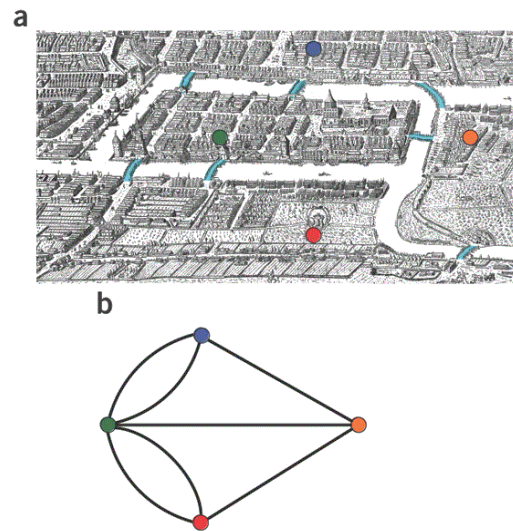
Danah Boyd (2011) revisita o conceito de sites de redes sociais e acrescenta a característica de “*stream based update*” ou atualizações baseadas em fluxo. O *news feed*⁶⁶ do Facebook é um exemplo das atualizações baseadas em fluxo.

Ao criarmos um perfil no site de redes sociais, disponibilizamos uma gama de informações sobre nós mesmos: profissão, preferências, estado civil, onde moramos, lugares que frequentamos etc. O perfil é uma representação social que desejamos nutrir para uma certa audiência. A publicitação de nossas conexões é outra característica que define os sites de redes sociais. Essas conexões entre as pessoas, baseadas na interatividade (a terceira característica), e que, portanto, para sua manutenção depende do tempo de investimento e disposição de cada ator, depois dos usos estabelecidos por estes mesmos usuários, passaram a ser sustentadas pelos sites, ou seja, mesmo que a pessoa não invista tempo na conexão, o site mantém o laço, o que marca uma diferença das redes sociais *offline* (RECUERO, 2014).

As redes sociais já existiam bem antes do advento da internet. Em 1736, Leonard Euler, pesquisador e matemático russo, criou a metáfora de rede, ao publicar um artigo sobre o enigma das Pontes de Königsberg. O problema que originou a teoria dos grafos, ramo da matemática que se ocupa das relações entre os objetos de um determinado conjunto, teve sua origem na cidade de Königsberg. A cidade é cortada pelo Rio Prególia, onde há duas grandes ilhas que, juntas, formam um complexo de sete pontes. Os moradores da cidade perguntavam-se sobre a possibilidade de percorrer todas as pontes sem passar duas vezes por qualquer uma delas. Euler mostrou a impossibilidade desta hipótese convertendo os percursos das pontes em retas e suas confluências em pontos (nós) (RECUERO, 2009).

Figura 10 – a) Representação das sete pontes Königsberg e b) o grafo de Euler

⁶⁶Em março de 2018 o Facebook divulgou que o *feeds* de notícias iria exibir mais conteúdos de amigos e notícias locais para os usuários. Disponível em: <https://newsfeed.fb.com/three-main-ranking-factors?lang=fr> Acesso em: 24 jul. 2018



Fonte: <https://grafos.neocities.org/#/>

A estrutura apresentada acima é utilizada como metáfora para representar as redes sociais. Cada vértice ou nó representam os atores e cada reta ou ponte representam as conexões entre eles. Com base na teoria dos grafos existe a possibilidade de elaborar uma pesquisa sobre as características da organização e funcionalidade da rede social.

A teoria “Seis graus de separação” (MILGRAM, 1967) que ganhou notoriedade com o desenvolvimento da teoria de grafos aponta um caminho de seis nós. O grau de um nó é equivalente ao número de arestas que estão ligadas a este nó. Um percurso é uma sequência de nós, notadamente com arestas entre eles. Em 1967 Milgram publicou um artigo que apresentou a teoria afirmando que estamos a seis graus de separação de qualquer pessoa do planeta, demonstrando que as pessoas estão muito mais conectadas que supúnhamos.

Watts e Strogatz (1998) retomam os estudos sobre a teoria em 1990, e apontam que a teoria dos graus de separação, conhecida também “fenômeno do mundo pequeno”, é vista igualmente na rede de relações humanas, rede elétrica e em redes naturais. Nos dois últimos casos os números encontrados por Watts e Strogatz são inclusive menores do que seis. A discussão em torno dos graus de separação foi bastante difundida nos sites de redes sociais no quais circulou, por exemplo, a informação de que apenas seis pessoas nos separavam do ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama. Esta teoria serviu de base para uma peça e posteriormente um filme.

O conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995) também é bastante utilizado na literatura da área para auxiliar na compreensão de redes sociais. Um rizoma é um conceito que tem origem na biologia e significa uma raiz que cresce horizontalmente, polimorfa, sem direção definida. Esses dois filósofos destacam que a forma de rizoma se caracteriza por não apresentar um ponto fixo, uma vez que as conexões podem acontecer em qualquer ponto da trama. Um rizoma se espalha em diferentes sentidos e direções. As conexões crescem em quantidade e ritmo, promovendo milhares de criações.

Assim como os rizomas as redes sociais são sistemas abertos. Por exemplo, no Facebook os sujeitos conectados estão localizados de forma rizomática com a possibilidade de conexão aleatória uns com os outros. Os autores afirmam que a característica primeira do rizoma é conectar pontos:

[...] um rizoma é feito de platôs [...] que se comunicam uns com os outros através de microfendas, como num cérebro. Chamamos de “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma [...]. Cada platô pode ser lido em qualquer posição e posto em relação com qualquer outro. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32-33).

Castells (1999) conceitua redes sociais como conjunto de nós inter-relacionados, como sistemas abertos que são capazes de ampliar infinitamente novas conexões que consigam interagir dentro da mesma rede. A inserção das tecnologias da informação e da comunicação no cotidiano das pessoas deram sustentação à “sociedade em rede”. “As TIC estão para a sociedade em rede assim como as fontes de energia estiveram para as sucessivas revoluções industriais” (CASTELLS, 1999, p. 68)

Redes sociais na Internet, tão popularmente difundidas, conhecidas e reconhecidas pelos sujeitos na atualidade, ainda são confundidas com sites de redes sociais, porém redes e sites não são sinônimos. Como discutimos anteriormente, os sites de redes sociais são espaços *online* nos quais pessoas criam perfis únicos, interagem e publicizam suas conexões. Estes sites constituem uma metáfora para compreender grupos humanos e suas relações (RECUERO, 2014).

As redes sociais na internet por sua vez, são uma representação da sociedade constituídas por atores e suas interações (RECUERO, 2009). O ator, que dentro da metáfora da teoria dos grafos é representado pelo vértice, é responsável pela conexão e

construção de interações sociais, sendo que na internet esta interação é mediada pelo computador.

Os atores criam seus perfis de usuários nas redes sociais e por meio deles apresentam uma identidade pela qual se expressam em um processo contínuo de (re) construção e representação social (RECUERO, 2009). Estas representações envolvem interações entre os sujeitos e simbolizam as conexões que emergem e que acontecem no vértice das redes. “As conexões são os elementos mais complexos dessas redes, afinal, são elas que unem os atores em grupos sociais (representados, nos grafos, pelas arestas)” (RECUERO, 2014, p. 129). Assim, a conexão é o elemento principal da rede visto que sua variação altera a estrutura redes.

As relações sociais definidas e estabelecidas nas situações de compartilhamento de informações e de conversação são constitutivas das conexões e dos laços sociais que surgem entre os atores. Um laço social é fruto de um encadeamento de comportamentos relacionais e uma construção de valores. As relações de proximidade, familiaridade, informações compartilhadas, questões de ordem emocional e “confiança social” (RECUERO, 2014, p. 129) são específicas dos laços sociais e criam distintas escalas destes laços. Os laços sociais são constituídos pelas interações e relações entre os sujeitos.

Desta forma, as denominações laços fortes e fracos (GRANOVETTER, 1973), conceitos popularmente difundidos, tipificam as relações que existem entre os sujeitos nas redes sociais na internet. É preciso cuidado para que esta taxonomia não reduza as possibilidades de interações em apenas dois polos, visto que estas relações podem mudar dependendo do investimento dos sujeitos. Para Granovetter “a força de um laço é uma combinação (provavelmente linear) da quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos que caracterizam um laço” (1973, p.1361).

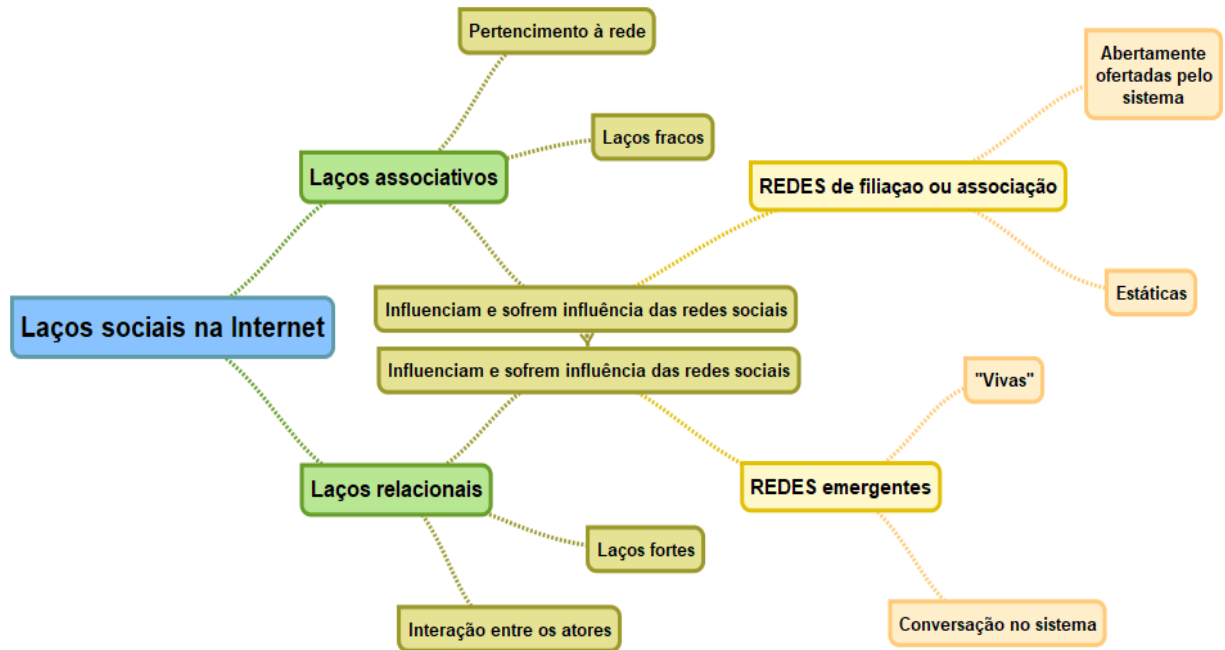
O que difere laços fortes de fracos é que nos primeiros podemos evidenciar interações sociais mais amplas e frequentes com maior proximidade e intensidade. Há maior circulação de valores entre os atores e podemos perceber maior densidade da rede. Já os laços fracos são aqueles nos quais circulam menos valores construídos entre

os sujeitos e as interações são mais imprecisas. Eles são responsáveis pela baixa densidade da rede e não é visível multiplicidade de interações.

Recuero (2014) sustenta a ideia de que há dois tipos de laços sociais nas redes mediadas pelo computador: os associativos e os relacionais. Os laços associativos são aqueles baseados no pertencimento que o ator tem na rede e sua constituição tem como base o advento dos sites de redes sociais na contemporaneidade. São interpretados como laços fracos, com parca interação e poucos valores, porém estes influenciam as redes sociais. As redes que engendram esses laços são denominadas de “redes de filiação ou associação” nas quais os atores interagem com objetivo de compartilhar informações em grupos específicos que foram criados com objetivos definidos, mas que não necessariamente resultará depois em inter-relação recíproca e espontânea entre as pessoas. As listas de seguidores de uma celebridade ou de uma empresa são exemplos desse tipo de laço. As pessoas são adicionadas ao grupo no intuito de receber informações e notícias, no entanto a existência do grupo não pressupõe a interação entres elas. Pode haver uma interação reativa (PRIMO, 2000), ou seja, o sujeito envolve-se nas discussões da rede participando ativamente.

Por sua vez, os laços relacionais são constituídos pela interação entre as pessoas em uma conversação frequente. São laços fortes, mútuos e com interação significativa. As redes sociais emergentes surgem neste contexto e se caracterizam por de fato demonstrar as interações e seus atores e de que maneira essas conexões impactam a rede que se originou no sistema. Geralmente são redes pequenas e de alta conectividade por demandarem muito esforço por parte dos atores (RECUERO, 2009; 2014). As interações são mútuas (PRIMO, 2000), isto é, não são baseadas na lógica da ação e reação dos sujeitos e sim em uma complexidade de atitudes e ações dos atores.

Figura 11 – Mapa mental laços sociais

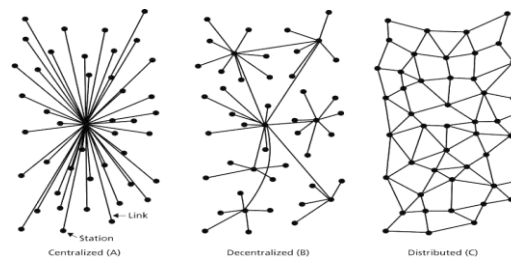


Fonte: Própria com base na classificação de Recuero (2009, 2014)

Recuero (2014) sinaliza que as redes emergentes podem ser descentralizadas ou distribuídas (BARAN, 1964) enquanto as redes de filiação ou associação são interpretadas como redes centralizadas. (BARAN, 1964)

Em 1964 Paul Baran criou a topologia para redes quando foi inquirido sobre como deveriam estar organizadas as estações de comunicação para sobreviver a ataques nucleares⁶⁷. Ante o questionamento, Baran respondeu que existiam três maneiras: centralizada, descentralizada e distribuída.

Figura 12 - Topologia de redes



Fonte: Paul Baran (1964)

⁶⁷No início dos anos 1960 havia grande preocupação com ataques nucleares e com a Guerra Fria.

Em formato de estrela a rede centralizada é aquela que apresenta apenas um centro. Todos os nós estão ligados pelas conexões a apenas um outro nó que centraliza esses laços. O padrão descentralizado é multi centralizado. São muitos centros conectados a muitos nós. Distribuído é o padrão de organização no qual não há hierarquia, não há centro e os nós apresentam praticamente a mesma quantidade de conexões.

Podemos dizer que um exemplo de grupo organizado em padrão centralizado é um ato oficial da monarquia, ou a enciclopédia ou ainda a imprensa. Já o rádio, o cinema e a televisão são exemplos de redes descentralizadas. Os atores sociais articulados de uma rede podem ser atuantes tanto em uma rede descentralizada como em uma rede distribuída. Esta última abarca também rádios e tvs comunitárias e a internet.

Esses padrões de organização são associados aos estudos da estrutura das redes sociais na internet que são constituídas pelos laços construídos pelos sujeitos. Observando a figura acima podemos perceber que nos três diagramas os nós estão exatamente no mesmo lugar. Ou seja, os atores são os mesmos, ou seja, permanecendo os mesmos atores, mudam a forma de organização da rede e sua dinâmica (FRANCO, 2008).

De acordo com Recuero (2009), por estarem em constante movimento e evolução, as redes sociais na internet podem abarcar ao mesmo tempo características de redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas. Surgem novas perspectivas sobre as topologias de Redes: a) Redes Igualitárias - cada vértice tem a mesma quantidade de conexões com outros, e a mesma possibilidade de novos laços; b) Rede Mundos Pequenos: todos os atores estão ligados uns aos outros em algum nível, pode-se acessar qualquer uma a partir de um ponto; c) Redes sem Escalas: parte da rede é centralizada devido a uma diferença entre a conexão dos vértices.

É possível pensar em uma aproximação dos conceitos de redes de filiação ou associação com o conceito de redes sem escalas, bem como podemos encontrar características comuns entre as redes emergentes, as redes igualitárias e as redes mundos pequenos. Os dois diferentes tipos que se formam são constituídos dentro da estrutura que lhe serve de suporte. Trata-se, contudo, de um sistema aberto, uma vez que as duas redes sociais que se formam, ao mesmo tempo, influenciam e sofrem

influência do sistema. Ainda observamos que um tipo de rede pode se transformar em outro tipo, por exemplo, uma rede emergente pode se transmutar em uma rede de filiação e vice-versa.

Barabási (2009) observou que as redes não eram construídas de maneira arbitrária. O autor afirma que, como os estudos de Watts e Strogatz e de Granovetter tinham sinalizado, existia uma sequência na lógica de estruturação das redes com alguns padrões específicos. Esses padrões de estruturação, foram denominados por Barabási de "ricos ficam mais ricos", isto é, quanto mais ligações um nó tiver, maiores possibilidades de construir novas conexões. A conexão preferencial preconiza que nós novos ligam-se a nós mais conectados preexistentes. Esta afirmativa remete ao pensamento de que as redes não seriam constituídas de nós igualitários, ou seja, redes com mais ou menos a mesma quantidade de conexões. Essas redes detêm poucos nós com conectividade significativa, mas detêm muitos nós com uma quantidade inexpressiva de ligações. São as redes sem escalas ou "teia sem aranha" (2009, p. 194).

Recuero (2014) compreende que sites de redes sociais são espaços digitais nos quais atores sociais se apropriam das ferramentas disponíveis no sistema e estabelecem laços sociais com outros atores. E ao permitir representação das redes os sites sociais na internet também as modifica, as constitui. Com base nas discussões de Boyd e Ellison (2007), Recuero (2009) classifica os sites de redes sociais em apropriados e propriamente ditos. O Youtube, por exemplo, é um site apropriado pois sua finalidade é publicar conteúdo, porém podem ser "apropriados" por perfis de pessoas ou de grupos. O Facebook é um site propriamente dito, pois foi criado com o objetivo de promover a conexão entre as pessoas. A visibilidade é um capital social importante nestes sites que se retroalimentam por meio do uso que os atores fazem dele.

Essas características do Facebook são conhecidas por todos os usuários deste site. Então professores e alunos, ao estarem neste espaço e principalmente ao estabelecerem conexão entre si, sabem que construíram laços, que podem ser fortes ou fracos, para além dos espaços físicos nos quais as aulas acontecem.

Esta tese pesquisou perfis pessoais dos docentes, o que significa dizer que não se trata de um perfil criado com finalidades escolares ou acadêmicas, como, por exemplo, parte de uma atividade disciplina. Trata-se antes de perfis de caráter pessoal, em que

não existem objetivos pré-definidos que estabeleçam laços entre os professores pesquisados e seus alunos. Se não foi criado um espaço pedagógico dentro do Facebook e se a relação que existe não foi estabelecida por uma instituição de ensino, como os docentes significam a relação com seus alunos neste espaço? Esta questão se complexifica quando se tem, por um lado, a assimetria como condição *sine qua non* da relação professor-aluno e, por outro, o Facebook se caracteriza por ser um espaço não-hierárquico. Neste momento, torna-se mister compreender como se situa nesta tese o site de redes sociais mais famoso e popular do mundo até o momento.

2. 2 Facebook: caleidoscópio de significados

Um mundo sem fronteiras. O Serviço do Facebook deve estar disponível para todos, sem barreiras geográficas ou nacionais. (FACEBOOK, 2018)⁶⁸.

A história contada no filme estadunidense *The Social Network* (A rede social)⁶⁹ de David Fincher (2010) é bastante conhecida por todos que pesquisam e experimentam os usos do Facebook, site, criado por um garoto de vinte anos, que se tornou um dos maiores empreendimentos dos últimos tempos e que conecta milhões de pessoas ao redor do mundo. O Facebook nasceu para conectar pessoas que já tinham alguma relação, uma forma de manter-se informado sobre sua rede de amigos (KIRKPATRICK, 2011). Inicialmente este era o único objetivo de Zuckerberg e seus colaboradores, porém logo foi possível perceber o poder de difusão de informações, das discussões e ações políticas, dos desdobramentos das relações interpessoais e sociais e o *e-commerce*⁷⁰ que emergiram no site.

Todas as alterações tecnológicas que o Facebook sofreu ao longo da sua existência o transformaram em um sistema potente, capaz de ofertar a seus usuários conteúdos personalizados com base no histórico de buscas e de interações. Um exemplo recente disso é a alteração anunciada em março de 2018 no *feeds* de notícias. O Facebook continua fiel a sua ideia de conectar pessoas e prometeu mais postagens de amigos, de conhecidos e divulgação de notícias locais. Esta também é uma tentativa de

⁶⁸ Texto original : Un monde sans frontières. Le Service Facebook doit être disponible à tous, sans barrières géographiques ou nationales. Tradução nossa.

⁶⁹ Tradução para o Brasil.

⁷⁰ Tipo de comércio mediado pela internet.

responder às críticas sobre o fato do site divulgar notícias falsas⁷¹. Outro compromisso assumido foi de dar mais visibilidade às postagens de amigos que tenham gerado quantidade de conversas (interações) significativas. As conversas terão mais destaques em detrimento dos compartilhamentos e das curtidas. O criador do Facebook fez uma postagem⁷² na própria rede comentando as mudanças e explicou que intenciona consertar o Facebook promovendo não apenas entretenimento, mas bem-estar dos seus milhões de usuários.

Desta forma, as informações que circulam estão mais personalizadas. Tudo isso baseado nas preferências das pessoas que navegam no site. O Facebook está atento ao que desejam seus usuários, pois o que buscamos nos sites são postagens publicadas por nossos conhecidos, familiares, amigos que estão em nossa rede. As informações que circulam de empresas e profissionais que gostamos também capturam a nossa audiência, porque o que interessa não é só a informação, mas também quem a publica. Quando escolhemos clicar em um link de uma pessoa ou marca, curtir uma página ou postagem estamos informando ao Facebook nossos gostos e preferências e, cada vez mais, os algoritmos do site fazem está “triagem” e utilizam esses dados para oferecer, de forma mais personalizadas, informações e produtos.

No site *newsfeed.fb.com*⁷³, o Facebook explica quais são os benefícios e mudanças no novo *feed* de notícias. Informa que são três critérios utilizados para escolher quais postagens são mais importantes para os usuários:

- 1) A pessoa que está na publicação: família, amigos, as empresas e celebridades mais acessadas;
- 2) O tipo de conteúdo;
- 3) As interações com as publicações: as postagens mais curtidas e comentadas servirão de base para a triagem.

⁷¹Além desta ação o Facebook divulgou no dia 25 de julho de 2018 que desativou 197 páginas e 87 contas no Brasil. Esta atitude deve-se ao fato destes perfis violarem políticas de autenticidade do site. O Facebook informou que se tratavam de perfis falsos que tinham objetivo de disseminar desinformação. Disponível em: https://olhardigital.com.br/noticia/fake-news-facebook-derruba-196-paginas-usadas-para-espalhar-noticias-falsas/77604?utm_campaign=notificacao&utm_source=notificacao Acesso em: 25 jul. 2018

⁷²Disponível em: <https://www.facebook.com/zuck/posts/10104413015393571> Acesso em: 24 jul. 2018

⁷³Disponível em: <https://newsfeed.fb.com/three-main-ranking-factors?lang=fr> Acesso em: 24 jul. 2018.

A seleção das postagens mais relevantes realizada pelo Facebook, segundo as escolhas dos usuários, tem o interesse em personalizar o conteúdo que circula na página de cada pessoa. Esta ação pode trazer efeitos colaterais, tais como promover a permanência de um *feed* de notícias sempre com os mesmos tipos de informação, impossibilitando que o fluxo de conteúdo se altere e tenha possibilidade de gerar novos conhecimentos e pensamentos divergentes (PRIMO, 2014).

Estas ações têm como justificativa sempre o objetivo de conectar pessoas. Essas características comunicacionais e de interatividade do Facebook são importantes quando pesquisadores tentam definir este site. Santos (2017), em sua tese de doutorado sob o título *A perda da auréola: deslocamentos da imagem social e sociológica de professor no Facebook* aponta a dificuldade em definir o Facebook por ser um espaço considerado ontologicamente indefinido.

Santos continua sua discussão em torno da definição de Facebook e apresenta duas formas de explicá-lo:

De maneira geral representa um veículo de comunicação tecnológico que opera em um estado de dessituação local. Esse estado é que permite a comunicação genérica entre indivíduos localmente ausentes [...]. De maneira particular constitui um ajuntamento de círculos sociais diferenciados enquanto uma forma de sociabilidade que contrasta com o cotidiano. (2017, p. 39)

O autor afirmar que os atores deste site de redes sociais estão dessituados em relação ao lugar. O ajuntamento pode ser considerado uma razão maior desse deslocamento que os atores da rede sofreram. O ajuntamento acontece na medida que os atores sociais se defrontam com uma audiência diversa e com muitos círculos sociais que antes se encontravam segregados e dissituados na vida *offline*.

Bozarth (2011) compreende o Facebook como um site que possibilita inter-relação entre amigos, a gestão e o compartilhamento de mensagens, fotos, vídeos, links, postagens, listas de discussão em grupo ou agenciamento de informações e de temas específicos que os sujeitos se interessem.

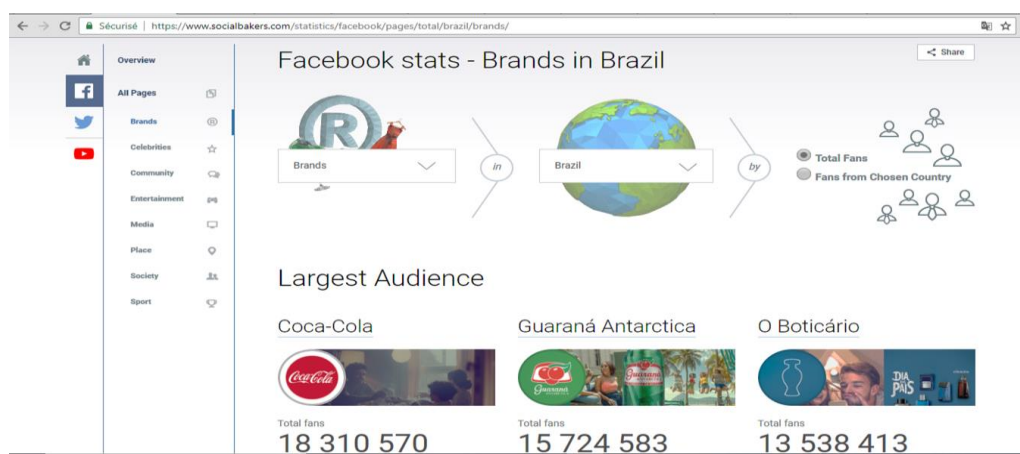
Outra definição para Facebook é de uma empresa que almeja negociar seus produtos com compradores que por sua vez são uma soma de pessoas (atores sociais) que desejam criar seus perfis utilizando os serviços destes vendedores (sites de redes sociais) mais empresas que desejam anunciar seus produtos. Este movimento não é

diferente das práticas de oferta de produtos para a audiência, obtendo lucro financeiro com a venda, que já acontecia nos meios de comunicação de massa. A diferença é que no Facebook o ator/consumidor pode acessar outros consumidores (ALBARRAN, 2013).

Em junho de 2018 o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br) do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br)⁷⁴ publicou os resultados da pesquisa realizada entre os meses de abril e agosto de 2017, na qual 7.062 empresas brasileiras de pequeno, médio e grande porte foram analisadas quanto à utilização das tecnologias de informação e comunicação. A pesquisa sinaliza que 70% dessas empresas possuem perfil em redes sociais na internet e que em seu quadro de funcionários existem pessoas especializadas em monitorar as redes sociais *online*.

A plataforma de análise em mídias sociais SocialBakers⁷⁵ disponibiliza um *rankig* de páginas em que marcas, número de fãs, mídias com maior audiência e *posts* com maior interatividade são mapeados por mês e por dia. A figura abaixo apresenta o ranking das marcas mais acessadas e de relevância no Facebook no mês de junho de 2018, no Brasil. As marcas Coca cola, Antarctica e Boticário foram as que tiveram maior audiência entre usuários.⁷⁶

Figura 13 – Marcas com maior audiência do Facebook em junho de 2018



Fonte: <https://www.socialbakers.com/statistics/facebook/pages/total/brazil/brands/>

⁷⁴Disponível em: <https://cetic.br/noticia/cresce-uso-de-internet-e-redes-sociais-por-microempresas-no-brasil-aponta-pesquisa-do-cetic-br/> Acesso em: 23 ago. 2018.

⁷⁵<https://www.socialbakers.com>

⁷⁶Disponível em: <https://www.socialbakers.com/statistics/facebook/pages/total/brazil/brands/> Acesso em: 22 Jul. 2018.

O Facebook é uma ferramenta apropriada pelos atores sociais que ao simbolizar seus usos cotidianamente as ressignificam (RECUERO, 2014b). Apropriar-se das ferramentas do Facebook é utilizá-las para conversação, compartilhamento de informações, entretenimento, busca de informações etc. Os significados atribuídos pelos atores a estas ferramentas são constantemente modificados e reconstruídos pela dinâmica dos usos que acontecem nas redes sociais que nascem no Facebook.

A apropriação é o resultado dos usos que as pessoas fazem das ferramentas de maneira simbólica e técnica. Técnica no sentido de aprender como utilizar a ferramenta. Simbólica na medida em que seus usuários dão sentidos, geralmente diferentes da técnica, ao uso dessas ferramentas (LE MOS, 2002). Lemos considera a apropriação a alma da cibercultura, portanto, em seu aspecto simbólico, a apropriação é uma ação criativa, inovadora, com capacidade de superar os limites técnicos das ferramentas e da comunicação na internet.

O livro *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* organizado por Porto e Santos (2014) reúne vários artigos sobre o site Facebook. Trata-se de uma obra escrita por pesquisadores luso-brasileiros que suscita importantes discussões e definições sobre o Facebook. A exemplo de Sentinello e Versuti (2014) que definem Facebook como um site de redes sociais usado por atores para propagação de informações, entretenimento e comunicação que podem ocorrer de forma síncrona ou assíncrona.

Amante (2014), autora que também compõe o quadro de pesquisadores deste livro, afirma que o Facebook se constitui como novo ambiente no qual se constroem laços e identidades principalmente dos jovens. Moreira e Januário (2014) apostam na definição de Facebook como espaço de inovações interacionais, sociais e educativas que favorecem a partilha e a discussão de ideias. O Facebook também é citado como espaço de articulação política, no qual atores sociais, usuários comuns sem conhecimento específico sobre política, debatem e se articulam para além da própria rede (SANTOS e ROSSINI, 2014).

Porto e Gama Neto (2014) nos apresentam o conceito de Facebook como uma rede social digital que provoca a participação das pessoas em um coletivo de fluxos de uma convivência não presencialmente física, mas que convoca os usuários a falarem de si.

Ribeiro e Ayres (2014) ao contribuírem para a discussão da obra, sinalizaram que, decorrente do aumento significativo de usuários do Facebook entre os anos 2005 e 2006, o site passou a usar a definição *Social utility that connects you with the people around you* – Serviço social que conecta pessoas ao seu redor. Assim, o Facebook posicionou-se como site de redes sociais aberto que proporciona a colegas de trabalho, familiares, amigos e desconhecidos busca por interação.

“É gratuito e sempre será.” Peixoto (2014) afirma que esta frase divulgada pelo Facebook não condiz com sua conduta “mercadológica”. O argumento dos autores é que o site opera com patrocínios dirigidos e especializados. As informações dos usuários, como profissão, naturalidade, estado civil, quantidade de filhos, gostos, links mais acessados etc, são fornecidas as empresas que direcionam seus produtos de uma maneira mais personalizada. Neste momento, os usuários também passam a ser mercadorias além de já serem consumidores e o Facebook um espaço de negócios.

Messias (2014), em seu artigo que faz parte da coletânea, chama a atenção para os usuários idosos. A facilidade em se navegar no Facebook e interatividade ofertada na língua portuguesa facilitam a permanência deste público no site. Interagir com a família e permanecer ativos socialmente são resultados apontados pela autora da interação idoso e Facebook que classifica este espaço como site intuitivo.

No âmbito educacional, muitos são os pesquisadores que se debruçam sobre a diáde educação-Facebook. A obra de Porto e Santos (2014) trouxe muitos temas que abordaram diretamente formação docente, processo de ensino-aprendizagem, professores e alunos. Ferreira e Bohadan (2014), entendem que o Facebook é um espaço de pesquisa e de compartilhamento popularmente utilizado por professores e alunos que integra serviços diversos com controle de privacidade.

Tsukamoto, Fialho e Torres (2014) também contribuem para a discussão e denunciam em seu artigo que apesar das escolas públicas e particulares disporem em alguma de medida de aparatos tecnológicos, há empecilhos que as impedem de potencializar as tecnologias no ambiente escolar, como por exemplo ausência ou baixa qualidade de internet. O despreparo de alguns professores para lidar com as tecnologias digitais também é apontado no artigo como fator que dificulta o avanço das escolas neste

quesito e que não permite em muitos casos usufruir do Facebook, que é entendido pelas autoras, como ambiente virtual de aprendizagem.

As pesquisadoras ainda sinalizam que o Facebook também é um meio de construção e popularização de informações, bem como ferramenta de compartilhamento de conhecimento, de comunicação e de ajuda ao professor influenciando nos processos de ensinar e de aprender. Matos e Ferreira (2014) corroboram com a ideia de que o site de redes sociais Facebook é um ambiente virtual de aprendizagem, inclusive muito eficaz nos processos que envolvem Educação a Distância (Messias e Morgado, 2014).

Para Oliveira e Feldens (2014) o Facebook é definido como “Espaço do saber” a perspectiva de um espaço a ser ocupado pelas pessoas (LEVY, 2003). Segundo esse autor, a inteligência é fruto das interações que acontecem no coletivo e o conhecimento é a maior riqueza da humanidade. A inter-relações nos sites de redes sociais como Facebook promovem a construção do conhecimento de maneira colaborativa se constituindo em espaço do saber. (LEVY, 2003). As manifestações de rua que aconteceram no Brasil em 2013 e que começaram no Facebook são exemplos apresentados pelas autoras do quarto espaço antropológico: espaço do saber.

Notamos que todas as discussões propostas no livro de Porto e Santos (2014) ressaltaram o Facebook como uma interface com variadas possibilidades, de interação entre as pessoas, construção e partilha de conhecimento em rede e compartilhamento de experiências.

Elencamos os escritos de alguns dos pesquisadores do livro no intuito de demonstrar a polifonia de definições que o Facebook possui, uma vez que se pode observá-lo de diferentes pontos de vista. Assim como são diversos os usos e significados que seus usuários atribuem ao site. São vozes que se produzem e que vão formando espaços de múltiplas combinações.

Outros pesquisadores também procuraram definir o Facebook, a saber Sued (2010) que, em seus estudos sobre o site, compreende-o como uma ambiência que surge da convergência dos meios de comunicação, colaboração e participação em massa dos sujeitos.

“É impossível não estar no Facebook!” É o que afirma Alvim (2011, p. 25) em seu artigo que tem como objetivo discutir o crescimento das bibliotecas digitais portuguesas

no Facebook. A pesquisadora portuguesa define o Facebook como plataforma que promove a confluência social e o sucesso das interações sociais. Desta forma, para ela, é mister pensar em bibliotecas que sejam concebidas na lógica dos paradigmas comunicacionais e de mediação social que circulam no WWW.

Shih (2009) sustenta a ideia de que o Facebook influencia os sujeitos a compartilharem informações particulares e a falarem mais sobre si mesmos. Segundo a autora, o site reúne uma multiplicidade de condições para que as pessoas mostrem o que são.

Existem definições e opiniões sobre o Facebook que não ressaltam seu caráter expansivo de conectar pessoas, de compartilhar informações e de produção de conteúdo por meio das conversações em rede. Ao contrário são apontadas características que, muitas vezes, beiram uma visão apocalíptica sobre o site. No intuito de evitar uma posição diametralmente oposta (integrada) (ECO, 1998), apresentaremos algumas de tais definições e opiniões.

O ex-entusiasta das tecnologias digitais, A. J. Keen, é autor de *#vertigemdigital: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando* (2012) e, como sugere o título, trata-se de uma leitura apocalíptica sobre o surgimento e crescimento das redes sociais na internet.

O livro de Keen narra uma série de histórias que servem como metáforas para o autor expor suas ideias. *Um corpo que cai*⁷⁷, filme de *Hitchcock*⁷⁸, o cadáver de Jeremy Bentham⁷⁹, uma conversa que Keen teve, em Londres, com Reid Hoffman, fundador do *LinkedIn*, suas conversas com Biz Stone, um dos fundadores do Twitter, “Casa de Inspeção”⁸⁰ criada por Bentham são exemplos que o escritor utiliza de forma a comparar às situações que emergem ou que são provocadas pelas redes sociais na internet.

77 *Vertigo*, título original, em inglês, é um filme de Alfred Hitchcock lançado em 1958 que narra a história de um detetive desafiado a superar seu medo de altura quando foi contratado para seguir uma mulher que visitava lugares altos. Disponível em: <http://hitchcock.alienor.fr/filmo.html> Acesso em: 12 abr. 2018

78 Diretor e produtor britânico considerado "o Mestre do Suspense". Disponível em: <http://hitchcock.alienor.fr/filmo.html> Acesso em: 12 abr. 2018

79 Filósofo, jurista, *iluminista* considerado o pai do utilitarismo. Seu corpo foi dissecado a seu pedido para que servisse de auto ícone. Está exposto na Universidade de *College London*. Disponível em: <http://www.critical-theory.com/jeremy-benthams-preserved-corpse-haunt-nightmares/> Acesso em: 12 abr. 2018.

80 O Panóptico ou A Casa de Inspeção. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/81000/mod_resource/content/1/TC%20O%20pan%C3%B3ptico.pdf Acesso em: 12 abr. 2018.

O filme *Um corpo que cai* serve como representação para abordar de que forma as empresas de tecnologia no Vale do Silício, na Califórnia, se estabeleceram e se tornaram epicentro global de propagação das tecnologias sociais. Por sua vez, O cadáver de Bentham é interpretado como uma metáfora da mudança da humanidade na era da convivência ubíqua mediatizada pela tecnologia digital. Já no início da sua obra, Keen explica que sua motivação para escrevê-la surgiu durante a observação do cadáver embalsamado de Bentham exposto na Universidade de *College* por tempo indeterminado. Kenn fez uma analogia consigo mesmo ao manter-se conectado às redes sociais na internet por tempo indeterminado. Nos dois casos, tanto o filósofo utilitarista quanto Keen estavam a tentar eliminar a própria solidão.

Já as conversas com Reid Hoffman e com Biz Stone suscitaram questionamentos sobre se o homem “social” está mais significativamente incorporado, incluído, ajustado a sua comunidade que seu predecessor: o homem “industrial”. Outro questionamento gira em torno da ideia de que muitas pessoas não queriam viver conectadas e terem que compartilhar aspectos da vida particular.

A casa de inspeção de Bentham entra na discussão de Keen para representar um lugar no qual somos inspecionados ininterruptamente e que nunca teremos paz. Segundo Keen, em tempos de redes sociais na internet, este lugar teria sido recriado por Mark Zuckerberg. Segundo sua opinião, o Facebook “trancafia” a todos nós e nos penitencia a sermos observados em todas as nossas atividades diárias.

O autor afirma ainda que os empresários do Vale do silício apregoam a morte da privacidade que deixará de existir a curto prazo, devendo as pessoas se acostumarem a isso, pois trata-se de algo iminente e necessário para o futuro da humanidade. Keen chama este discurso de “[...] banal pragmatismo em relação ao cadáver da privacidade [...]” (p. 67) e defende que estes empresários têm olhar limitado sobre a relação entre liberdade e autonomia. Pontua ele que a perda da privacidade provocada pela superexposição também nos deixa expostos a inspeção e análise pública, que muitas vezes não é livre de preconceito, ignorância e malevolência.

No entendimento de Kenn, o público e o transparente em detrimento do privado é uma das premissas do Facebook que se ocupa com os lucros financeiros que a hiperexposição pode promover, deixando de fora a preocupação com a privacidade. A

timeline é a grande vilã que registra e historiciza todas as atividades dos usuários. *Zurckerberg* é visto como detentor de algo bastante caro à humanidade: sua história de vida. E o que ele faz com este bem precioso? Compartilha e dá visibilidade a tudo que é realizado na web, impactando diretamente na privacidade. É o que o Facebook denominou de “Compartilhamento sem atrito”, na qual nossas informações são compartilhadas sem nossa ciência e permissão.

A amizade, para *Keen*, tornou-se mercadoria. Quantos mais amigos se tem no Facebook, mais capital social se acumula e influencia pessoas. Isso então representa mais lucro para algumas pessoas e sobretudo para o site. Assim compartilhar cada vez mais e mais rápido é o que a “Lei Zuckerberg” (KEEN, 2012, p. 66)

Outra obra que podemos apresentar aqui é *J'aime pas Facebook*⁸¹ escrita pelo Ippolita, grupo de pesquisadores criado em 2005 na Itália. Trata-se de um grupo interdisciplinar que conta com pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e que se dispõem a discutir e escrever de maneira colaborativa e não hierárquica sobre as “ciências da computação da dominação”.

J'aime pas Facebook chama atenção para o surgimento e a massificação de mídias sociais e critica a ideologia da transparência radical que o Facebook propõe. O Facebook possui ferramentas que rastreiam as ações dos usuários a qualquer tempo e lugar. Através de dados de GPS e de aplicativos do Facebook, ficamos conectados mesmo quando não estamos na página do site. Os smartphones e os *tablets* também incentivam o cruzamento de dados georreferenciados com perfis pessoais, a partir de informações cada vez mais detalhadas em nossa rede social. Esses dispositivos permitem-nos compartilhar tudo de maneira mais rápida. Segundo estes pesquisadores, o Facebook nos oferece uma salvação religiosa e uma falácia que diz: Compartilhe e você será feliz!

Para este grupo, o Facebook promove o fascínio mútuo daqueles que sentem que pertencem à mesma identidade, o que nada tem a ver com a afinidade. Os “amigos” do Facebook são sujeitos que se reúnem porque gostam das mesmas coisas. O desvio padrão não interessa ao Facebook. Desta forma, são criados e mantidos grupos homogêneos de pessoas que se espelham reciprocamente.

⁸¹Tradução nossa: Eu não gosto do Facebook.

É de propósito que utilizamos a palavra “espelham” na frase acima, pois para Ippolita, no Facebook, somos todos Narcisos olhando nosso próprio reflexo, refletidos pela rede social. Por isso, é importante esconder o que não é permitido nem apresentável, porque se pode correr o risco de não ser aceito e validado através do “curtir” ou dos “comentários”, por exemplo. Essa exposição narcísica gera exibicionismo, portanto, para esse grupo de pesquisadores, o Facebook é incentivador do exibicionismo das pessoas.

Para Ippolita a realidade está cada vez menos interessante, porque preferimos sentar e usar apenas os olhos, além de um controle remoto ou um teclado, no lugar de investir em experiências com o corpo todo. Esta rejeição à realidade reflete-se em uma mutação antropológica com consequente processo de descorporeização.

Ao perguntar “O que você está pensando agora?”, o Facebook nos incita a dizer de nós, a nos desnudar, o que o grupo chama de pornografia relacional e emocional. Seja transparente! Seria a ordem implícita, segundo Ippolita. Neste ponto, podemos voltar ao livro de Keen que, em umas de suas seções intitulada *Vamos ficar nus*, ressalta que o Facebook dispõe de muitos mecanismos para estimular a transparência nas postagens e provocar a diminuição ou até o fim da privacidade.

O Ippolita exemplifica este impacto na privacidade com casos difíceis e trágicos que circularam no Facebook: uma professora que foi demitida após ter se embriagado e ter sido filmada na festa. Seu empregador viu o vídeo, e julgando o comportamento da professora exposto, a demitiu. Uma mulher que fugiu de seu agressor, mas que foi localizada por ele por meio de suas postagens no Facebook e o caso de uma colegial que foi filmada praticando sexo com um colega no banheiro do colégio e teve seu vídeo divulgado no Facebook. Após ter sido muito humilha no site por meio de comentários, a garota, após deixar uma mensagem em sua página do Facebook, cometeu suicídio.

Diante de tantas definições, ideias, argumentos e exemplos apresentados até aqui, parafraseamos o próprio Facebook: “No que estamos pensando agora? ”

Não devemos desconsiderar os argumentos sobre o Facebook que o situam como um problema, ao mesmo tempo, social e individual de nosso tempo. Há de se ter equilíbrio nas análises. Ressaltamos a necessidade da discussão aprofundada sobre as questões que envolvem privacidade e exposição nas redes sociais na internet. Em nosso ponto de vista, o que os sites de redes sociais na internet fazem é amplificar o que já

acontecia nas redes sociais *offline*. Em princípio pode parecer uma reflexão ingênua, mas é necessário não perdermos de vista que as redes sociais na internet são representações da sociedade. Estamos aprendendo a viver neste mundo hiperconectado que nos proporciona também uma superexposição. Este aprendizado acontece para todos: os que já nasceram imersos nesta tecnologia digital e os que presenciaram o surgimento delas.

A essência da tecnologia não é tecnológica, mas deve ser pensada em termos sociais, políticos, econômicos, psicológicos e antropológicos. É, portanto, simplista considerar a internet como um objeto tecnológico independente e unicamente técnico que absorve e transmite todos os outros discursos.

A tecnologia não é totalmente neutra. Pode apresentar sutilmente habilidades e condições de modelar, tornar mais ou menos desejável uma determinada ação, influenciando e gerando disposições. Porém é mister estar ciente que os usos que fazemos dela também a modifica.

Pensar em Facebook é considerar as dimensões que permeiam as relações mediadas pela internet: a convergência social, a inteligência coletiva, a cultura da participação. Ao publicizar suas histórias nas redes sociais na internet, os atores promovem uma confluência de pontos de vista que repercute na propagação da convergência social. Inteligência Coletiva é outra dimensão que ratifica a construção mútua de conhecimentos partindo da premissa basilar da comunicação que conta com a contribuição do coletivo para troca de informações. Esta troca é fundante na cultura da participação à medida que as pessoas comentam, difundem ideias, pertencem a grupos, conhecem, informam, promovem discussões, produzem conteúdos e consomem informação.

Assumimos neste trabalho a compreensão de que o Facebook é um site de redes sociais (RECUERO, 2009) e constitui-se em um caleidoscópio de significados e possibilidades a depender os usos que são re(inventados) pelos atores sociais nas redes que emergem nele. Sustentamos a ideia de que os perfis são elaborados como um discurso que representa um sujeito ou uma instituição formando os nós da rede. Nós estes que definem os tipos de conexões.

O Facebook igualmente assume uma ambiência de conversação em redes que surgiram ou desencadearam na relação entre amigos, colegas de trabalho, namorados, desconhecidos, compradores e vendedores e professores e alunos. Neste último caso, especificamente, perceber como se relacionar com seus alunos no Facebook tensiona seu papel docente, diante das premissas de que a relação professor-aluno é assimétrica e que o Facebook é um espaço não hierarquizado. Esta assimetria também se estabelece no site? Qual significado o professor atribui a sua relação com seus alunos neste espaço que, como já sinalizamos é um lugar rico em construção de significados?

2. 3 O que é conectividade?

Não estamos na era da informação. Não estamos na era da Internet. Nós estamos na era das conexões. Ser conectado está no cerne da nossa democracia e nossa economia. Quanto maior e melhor forem essas conexões, mais forte serão nossos governos, negócios, ciência, cultura, educação [...] (WEINBERGER, 2003, p. 1).

O advento dos meios digitais possibilitou novas formas de comunicação com características próprias e a palavra conectividade vem sendo utilizada em diferentes segmentos da sociedade, desde propagandas de produtos de consumo às pesquisas acadêmicas de diversas áreas. O advento da internet trouxe-nos mudanças paradigmáticas: passamos do paradigma da escassez de informação para o excesso de informação. Esta quebra de paradigma tem como consequência três princípios: 1) liberação do polo de emissor - ou seja na atualidade existem vários polos emissores de informação; 2) conexão - na qual existe multiplicação das interações e polifonia de vozes; 3) reconfiguração - as pessoas recriam e reelaboram as práticas sociais. (LEMOS, 2004)

No século XXI, presenciamos o imbricamento da sociedade da informação, da difusão da internet e da popularização das tecnologias móveis, que são computadores móveis (celulares, *leptops* etc). Desta forma, na era da conexão passamos dos computadores pessoais fixos para os computadores coletivos móveis (LEMOS, 2004). Estamos falando das inúmeras possibilidades de conexões pessoas-pessoas, máquinas-pessoas, e máquinas-máquinas estimuladas pelas tecnologias móveis e ubíquas da cultura contemporânea promovendo um espaço de fértil conexão.

A conectividade alterou a forma de vivermos e estarmos no mundo contemporâneo. Vivemos na atualidade a fase dos computadores coletivos móveis, definida pela emergência da computação ubíqua. A “era da conexão” (Weinberger, 2003) é marcada por práticas sociais na qual o usuário é envolvido pela rede em uma conexão ubíqua e móvel.

Os conceitos de proximidade, distância e mobilidade sofrem influência das mudanças de paradigma na Internet. Novas questões surgem sobre privacidade, relações sociais, espaço público e privado, assim como ressignificamos os significados que atribuímos aos espaços públicos atualmente, que em alguns casos, disponibilizam conexão, transformando-se em espaços digitais.

A era da conexão e a mobilidade estão interrelacionadas, visto que os processos de territorializações e desterritorializações sucessivas (Deleuze e Guattari, 1985) e de movimentos nômades são um marco importante no que tange a cibercultura. Notadamente é uma associação de práticas sociais híbridas entre o *online* e o *offline*, definindo um fluxo tecnológico na qual as tecnologias estão muito mais visíveis e ubíquas.

Um dos mais populares e utilizados artefatos tecnológicos, símbolos da conexão ubíqua e móvel, é o smartphone. Presenciamos o crescimento do uso de smartphone entre pessoas de todas as faixas etárias. Hoje em dia existem muitos usuários de celular no mundo. A TIC Domicílios 2017⁸² publicou em julho de 2018 resultado de pesquisa realizada em 23 mil domicílios em todo o Brasil, entre os meses de novembro de 2017 e maio de 2018. A pesquisa apontou que 58,7 milhões de pessoas conectadas acessam à internet pelo celular, ou seja, metade dos cidadãos brasileiros. A pesquisa também sinalizou que 49% dos usuários acessam à internet só através do celular. Trata-se de um fenômeno de aceitação, adesão à mobilidade e de convergência digital. Como já sabemos, o smartphone pode agregar várias funções: máquina fotográfica e filmadora, televisão, cinema, distribuir e-mails e SMS, GPS, mapa, rádio, cartão de crédito, leitor e editor de texto, agência bancária, telefone etc.

O celular prolonga a ação do homem e, na era da conexão, é tido como maior expressão para a comunicação sem fio. Este artefato promove e permite contato

⁸² Disponível em: <https://cetic.br/noticia/acesso-a-internet-por-banda-larga-volta-a-crescer-nos-domicilios-brasileiros/> Acesso em: 24 ago. 2018.

ininterrupto entre as pessoas e acesso a uma infinidade de conteúdo. Instrumento necessário ao mundo do trabalho, o celular alterou notadamente a maneira como as pessoas realizam suas atividades profissionais, educacionais, cotidianas e se relacionam com o mundo, trocam informações e mantêm grupos de amigos.

Os celulares e as formas de conexão Wi-Fi à internet e 4G, têm criado novas práticas sociais na contemporaneidade. Destarte, a era da conexão agrega ubiquidade, comunicação, pessoas, mobilidade e conexão. A era da conexão está marcada pela conexão sem fio, pelas práticas sociais globais de utilização de celulares que demonstram a capacidade de inclusão dígito-social na cibercultura. A era da conexão possibilita a criação de um espaço de troca de informações que enlaça os usuários.

As redes sociais na internet intensificam a conectividade entre os sujeitos que de forma querem estar conectados e gostam de compartilhar todo tipo de informações e materiais digitais. As redes se expandem e são alocadas para o lazer, para uso social, para uso comercial, para a cultura, para a educação etc. Na educação, por exemplo, podemos citar uma proposta de teoria da aprendizagem baseada na conectividade. Siemens (2005) propôs o Conectivismo que, de acordo com o autor, estaria adaptada à era digital. Para esse autor, a capacidade que um sujeito tem para aprender estaria diretamente dependente da sua capacidade para se ligar a informações específicas e para estabelecer conectividade com outros atores sociais nas redes sociais na internet que lhe permita aprender de maneira mais significativa. Siemens relaciona características da aprendizagem pautada no Conectivismo: apoia-se na diversidade de opiniões; é um processo de se conectar a outras pessoas; pode residir em dispositivos não humanos; é necessário cultivar e manter conexões para facilitar a aprendizagem contínua; habilidade de enxergar conexões entre áreas, ideias e conceitos é uma habilidade fundamental; atualização é a intenção de todas as atividades de aprendizagem conectivistas; tomada de decisão é, por si só, um processo de aprendizagem. (SIEMENS, 2005)

Diferentes segmentos da sociedade se apropriam do termo conectividade e atribuem significados a ele. Para o nosso trabalho compreendemos que conectividade o efeito de um tripé que pressupõe conexão, mobilidade e ubiquidade.

2. 4. Amizade na era da conexão

Amizade nutre-se de comunicação[...] (MONTAIGNE, 2000, p. 178).

Se sou pressionado a dizer por que o amei, sinto que não pode ser expresso. Porque era ele, porque era eu (MONTAIGNE, 2000, p. 182).

Para começar a interagir com outro usuário do Facebook, é preciso adicioná-lo ou aceitá-lo como amigo. A partir desta ação, toda miríade de interações se apresenta como possibilidade. Mas o que significa ser amigo de alguém no Facebook? O conceito de amizade é o mesmo utilizado na vida *offline*? O que é amizade na era digital?

A discussão sobre o conceito de amizade voltou a circular com veemência nos grupos humanos, em virtude do uso das palavras amigo e amizade serem utilizadas no Facebook para denominar o usuário e a relação que ele mantém com outros usuários.

Talvez, na cultura brasileira, estas nomenclaturas, apesar de suscitar discussões, não incomodem ou sejam inoportunas, mas em culturas como a francesa, por exemplo, causa muito estranhamento utilizá-las em um site de redes sociais. Por ocasião de estágio de doutoramento realizado na França, o tema desta tese foi discutido tanto com nossos pares pesquisadores da área de educação, e da área de tecnologia, quanto com pessoas inseridas em outros campos de estudos. Em todas as ocasiões, a surpresa era a reação de maior incidência. Algumas vezes, o estranhamento era evidente. A questão que se impunha era sempre: como é possível professor e aluno se relacionarem no Facebook fora dos moldes escolares ou acadêmicos? Não se trata de nenhuma disciplina ou atividade *online*? O aluno se reporta ao professor de maneira informal?

Proporcional ao estranhamento e a surpresa de ver professores e alunos “amigos” no Facebook era a curiosidade em saber quais significados os professores atribuíam a esta relação na rede. Mas o que nos sinaliza a reação francesa? Pensamos ser justamente o conceito de amizade e seu uso na cultura. Esse conceito mudou ao longo dos anos e faz-se necessário aqui um pequeno histórico.

Ao discorrermos sobre o conceito de amizade, partimos do conceito grego de *philia*. Estudado pelos filósofos antigos notadamente por Aristóteles, em sua obra *Ética a Nicômano*” e por Epicuro com *A Carta sobre a Felicidade*, o tema da amizade ressurgiu no mundo romano por Cícero com a obra *Sobre a Amizade*. (ORTEGA, 2012)

Na Grécia, o conceito de *Philia* é o registro mais antigo sobre a definição de amizade. Refere-se a “amor de amizade”, “amor puro” sem interesses de conotação sexual. O conceito de *Philia* é amplo, representa uma diversidade de possibilidades de relações e faz parte de grupo de palavras que apresentam duas faces: o amor e o amigo. (ORTEGA, 2012)

A ideia de *philia* é imprescindível para compreender as relações socioculturais e sociopolíticas atravessadas pela ética na Grécia Antiga e na Grécia Clássica. O “amor de amizade”, na maioria das vezes alicerçado na razão, pode existir tanto entre membros da família como entre sujeitos da cidade. (ORTEGA, 2012)

Platão, por meio de seus personagens, nos diz que a amizade com um amigo real é caminho para nos conduzir ao ideal de amizade. A amizade e o afeto só existem no relacionamento masculino. Platão interessou-se mais pelo amor que pela amizade. Já Aristóteles, discípulo de Platão, se debruçou muito mais sobre a amizade que o amor (TIBURI, 2003).

Para Aristóteles, *philia* é relacionada ao caráter. Não é um sentimento, antes consiste em almejar, equitativamente, o bem uns aos outros. Assim os amigos seriam inteiramente bons. O filósofo distingue três tipos de amizades: 1) Amizade perfeita, verdadeira. Motivada pela admiração da virtude do outro. A bondade da outra pessoa é o que atrai a amizade. O verdadeiro amigo é aquele em que você se espelha; 2) Amizade por interesse. Motivada pela utilidade, pela troca. É uma amizade falsa. O outro é um meio para que eu possa conseguir meus objetivos; 3) Amizade pelo prazer. Amizade parcial. As pessoas estão juntas pelo interesse da troca de prazer. (ORTEGA, 2012)

Aristóteles preocupou-se em pensar sobre o indivíduo e a ética que envolve as relações pessoais ou institucionais. Destarte, a amizade é uma escolha, baseada na ética. A construção da amizade é trabalhosa e requer um esforço dos sujeitos em refletir que tipo de laço quer construir com os outros. A amizade é a forma mais verdadeira de justiça.

Em Roma, Cícero concebe amizade como predisposição da alma para conectar-se afetivamente com o outro. A motivação é pela natureza do homem e não pela procura utilitária. Para este filósofo, a amizade não é concebida fora do enlace com a ética, a

política e os direitos e responsabilidades do homem-cidadão. A amizade está condicionada ao espaço público e rege o cotidiano dos cidadãos. (ORTEGA, 2012)

Como salienta Ortega (2012), a amizade passa a ser questionada com o surgimento do catolicismo. O amor torna-se relevante. O amor em Cristo e ao próximo em detrimento ao amor romântico ou familiar. Diferente da *philia* grega que tinha como máximas a liberdade, o público e a política e estava subordinada a *polis*, a amizade no catolicismo não pode suplantiar o amor a Deus.

Na Idade Média, a amizade sofre desvalorização e em seu lugar o amor cortês passar a ser relevante. As relações de amizade continuam com regras rígidas e mais relacionada a família. A Idade Moderna dá espaço a amizade mais autônoma. Ainda que familiar as pessoas passaram a poder escolher seus amigos (Aymard, 1991).

Os grupos tornam-se mais unidos com a possibilidade da amizade: amigos, vizinhos e parentes são mais solidários. Aymard sinaliza também que a amizade, ao mesmo tempo que era corriqueira, era diferente e particular. Ou seja, ao tempo que seguia os protocolos comuns da comunidade, também era exercida pelas pessoas no seu direito de escolha.

Na França, Montaigne escreve *Sobre a amizade* (2012) inspirado na amizade que manteve com Etienne de La Boétie, seu amigo e autor de Discurso sobre a servidão voluntária. Com a morte de La Boétie, Montaigne debruçou-se em compreender os meandros da amizade e defini-la. Para o filósofo, a amizade é a mais sublime maneira de relação entre as pessoas. Sendo, portanto, muito importante distingui-la de outras maneiras de relacionamento. Ele diferencia a amizade de relacionamentos de natureza familiar, pois a liberdade, imprescindível na relação de amizade, está suspensa na relação entre pai e filho, por exemplo.

Montaigne (2012) entende que o amor com conotação sexual, que se caracteriza por ser violento e sedutor e a amizade, tranquila e constante, seguem caminhos opostos. Segundo este filósofo, a amizade pressupõe intimidade, ausência de rivalidade, compatibilidade de interesses e de gostos, convivência por escolha recíproca, e não por vínculos de ordem natural ou instituídos legalmente. O autor observa que principalmente uma amizade só pode existir com liberdade. Montaigne, ao se imaginar indagado sobre

por que amava o amigo, responde: “por que era ele, porque era eu”⁸³. Esta frase preserva em ambos a total liberdade de ser o que são. Só na igualdade a amizade pode se estabelecer.

Égalité, um dos pilares da Revolução Francesa, influencia diretamente o conceito de amizade moderna. Diante do capitalismo e da vida cada vez mais privada, as relações de amizade vão se destacando na sociedade. Aymard (1991) aponta que na Idade Moderna a amizade transformou as relações institucionalizadas, evidenciando desacordos que provocaram oposição de grupos reunidos por laços de amizade.

Nos anos de 1960, a amizade ganha contornos grupais. Os círculos de jovens são formados e impulsionados pela liberdade e afetividade. Os anos 1990, séries de televisão mundialmente famosas como *Sex and the City* e *Friends* apresentam um conceito de amizade que serve de base para a procura pela juventude eterna e encontra respaldo na figura do amigo.

Percebemos que a amizade é sensível aos aspectos sócio-político-culturais de cada época. O advento da internet trouxe mudanças nas relações. Distintas formas de conviver emergem, inclusive no campo das amizades. Novas maneiras de construção e de preservação dos laços de amizade surgem, mas não há um consenso nas discussões sobre a qualidade das amizades na era das tecnologias digitais. De acordo com Primo,

Enquanto diversas pesquisas apontam a intensificação das trocas afetivas entre amigos e destacam as novas possibilidades de manutenção de amizades desafiadas pela distância, muitos são os autores que alertam para um distanciamento social, caracterizado pela artificialidade dos relacionamentos. (2016, p. 10)

O sociólogo Zygmunt Bauman (2004), por sua vez, discorre e nos faz refletir sobre as relações humanas e a natureza liquefeita dos laços sociais na atualidade. As relações mudam constantemente, sem ter qualquer forma fixa que lhe sirva de modelo.

A modernidade para Bauman tem uma habilidade em “derreter” sólidos: estruturas políticas, econômicas e sociais. O homem da modernidade líquida vive sem vínculos, sem compromisso com o outro, mas preso ao medo. Desta forma, o que importa é a possibilidade de romper laços (desconectar) a qualquer momento. As relações são mais flexíveis e, portanto, geram maiores inseguranças e incertezas.

⁸³Tradução nossa para “*parce que c’était lui, parce que c’était moi*”

Refletindo sobre ter amigos no Facebook, Bauman ressalta que o conceito de amizade empregado pelo site não é o mesmo que ele concebe. Estabelece uma diferença entre comunidade e redes, na qual a primeira precede o sujeito e a segunda é mantida pelo ato de conectar e desconectar pessoas. De acordo com o sociólogo polonês, as amizades construídas e mantidas no Facebook, que ele nomina de “amizade Facebook”, podem ser facilmente desfeitas por meio da ação de desconectar, sem precisar fazê-lo “*face to face*” que seria uma forma mais traumática (BAUMAN, 2011). A facilidade em desconectar é uma característica da liquidez das relações, na qual os laços são frágeis estruturados com base em princípios consumistas.

Turkle igualmente sinaliza problemas nas relações mediadas pela tecnologia digital. A antropóloga e psicóloga, entusiasta das tecnologias digitais nos anos de 1990, em seu mais recente livro, publicado em 2012, *Seuls ensemble: De plus en plus de technologies de moins en moins de relations humaines*⁸⁴ (2015) discute a solidão na era da conexão. A autora suscita uma análise no que se refere às relações *online* e a simulação e objetivação de si de acordo com as orientações das redes sociais na internet.

Turkle nos surpreende quando afirma que “estamos conectados, mas sozinhos” e que os smartphones não só mudam a maneira como realizamos as coisas, mas alteram quem somos.

Hoje, sonhamos em nunca estar sozinhos e sempre controlando a situação. Esse sonho, impulsionado pela tecnologia, não pode ser percebido frente a frente com os outros, mas, como acreditamos, com um robô ou atravessando os muitos portais da vida digital. (TURKLE, 2016, p. 249)⁸⁵

As relações entre as pessoas são complexas, difíceis, ricas em nuances, interpretações. Para a pesquisadora, com a tecnologia digital, nós temos a possibilidade de “higienizar” esta relação. Em conversas mediadas por essas tecnologias, podemos recortar, editar, deletar e só postar o que for “certo” (TURKLE, 2012).

Turkle (2012) aponta que, ao conversarmos com os outros, aprendemos a conversar com nós mesmos e que as conversas mediadas pelas tecnologias digitais são pequenos “goles” de conversas que servem para transmitir sentimentos ou pensamentos

84Título na língua original - *Alone together: why we expect more from technology and less from each other.*

85Tradução nossa para “*Aujourd'hui, nous rêvons de n'être jamais seuls et de toujours contrôler la situation. Ce rêve, porté par la technologie, ne peut se réaliser dans le face à face avec autrui, mais-tel que nous le croyons-avec un robot ou en franchissant les nombreux portails de la vie numérique.*”

mais simples. Uma conversa, com toda sua complexidade, não é possível de ser realizada com esta mediação. O que pode impactar em nossa condição de auto-reflexão, principalmente quando se trata do desenvolvimento de crianças e adolescentes.

A autora afirma que as pessoas manterão relações de afeto com *softwares*, pois terão dificuldades em fazer com outras pessoas (2015). O filme *Her* (2014) apresenta esta situação em um futuro no qual um escritor solitário e recém-separado da mulher estabelece uma relação afetiva com um sistema operacional. O filme se desenvolve em um cenário social, no qual as relações entre as pessoas acontecem de maneira conflituosa e precária. O escritor Theodore se apaixona por Samantha, sistema operacional, com voz feminina, que o ajuda nas atividades diárias, perfeito, que além de organizar a sua vida é sensível e o escuta.

A possibilidade em serem escutadas é o que atrai as pessoas a emergirem nas redes sociais na internet. Segundo a psicóloga, após os anos de pesquisa sobre a relação entre tecnologia digital e seres humanos, foi possível notar que as pessoas criaram três ilusões: a de que seriam escutadas todo tempo; a de que controlariam sua atenção e a direcionariam para onde desejassem; a de que nestes espaços nunca estariam sozinhas. Para essa autora, as pessoas não sabem mais ficar consigo mesmas e recorrem à conexão *online* para resolver o que elas consideram como problema (TURKLE, 2015). Neste ponto, Lemos (2015) parece concordar com Turkle ao afirmar que, para vivermos juntos, é preciso saber ficarmos sós. Para a construção de uma sociedade saudável na qual ideias e valores individuais e coletivos sejam respeitados e a circulação da palavra exista de maneira significativa, é preciso que exercitemos um pequeno isolamento, o que é apontado por Lemos como desafio na era da conexão digital.

Pensar sobre a relação das tecnologias digitais e a humanidade, como sabemos, não é exclusividade das ciências. Apesar de autônoma, ainda que utilize a imaginação e seja distópica a arte parte de contextos sociais. Podemos citar mais um exemplo de artistas que discutem as relações sociais mediadas pela tecnologia digital. O cantor belga Stromae parodiou a ária *L'amour est un oiseau rebelle* da ópera *Carmen*⁸⁶. A letra da paródia de Stromae faz alusão ao compartilhamento do nosso cotidiano nas redes sociais

⁸⁶Ópera francesa de 1875 de George Bizet. Disponível em: <https://genius.com/Georges-bizet-lamour-est-un-oiseau-rebelle-habanera-annotated> Acesso em: 10 jul. 2018

na internet e às relações que se estabelecem dentro e fora dela. Uma das estrofes da canção do cantor chama a atenção dos usuários das redes sociais na internet: “Os sorrisos falsos muitas vezes vêm cheios de *hashtags*. Preste atenção em si mesmo. Ah, os amigos, são amigos ou seguidores? Não se engane, você só tem um desses” (2015).⁸⁷ Na expressão “Ah os amigos, são amigos ou são seguidores”⁸⁸⁸⁹ fica muito clara a desconfiança sobre as amizades que se estabelecem por meio das redes sociais na internet.

A série de televisão *Black Mirror* (2011-2017) é outro exemplo em que presenciamos a arte propondo reflexão e problematização sobre as relações humanas na atualidade. *Black Mirror*, transmitida exclusivamente pela internet, na plataforma *Netflix*, é um sucesso de audiência e se destaca por levar para as telas experiências vividas por pessoas em interação com as tecnologias da informação e da comunicação, sendo que estas influenciam diretamente no futuro das personagens. A série apresenta episódios independentes e suas narrativas geralmente são contadas em um ambiente paralelo.

Para nossa discussão, destacamos *Nosedive*. Traduzido para o português como *Queda Livre* (2016) é o primeiro episódio da terceira temporada da série. Bastante emblemático, talvez por retratar o cotidiano atual, se desenvolve em uma sociedade na qual as pessoas avaliam-se mutuamente em um plano *online* estimuladas por vivências *offline*, implicando em impacto recíproco. A personagem principal do episódio é uma mulher que tem nota 4.2 de um total de 5 e que passa todo o episódio buscando um mínimo de 4.5 para conseguir benefícios sociais. Os pontos são atribuídos e somados em uma rede social digital. Qualquer movimento humano é avaliado com *likes* e *deslikes*⁹⁰. Como o próprio título revela a personagem central cai bruscamente de pontuação e vê sua vida também desmoronar.

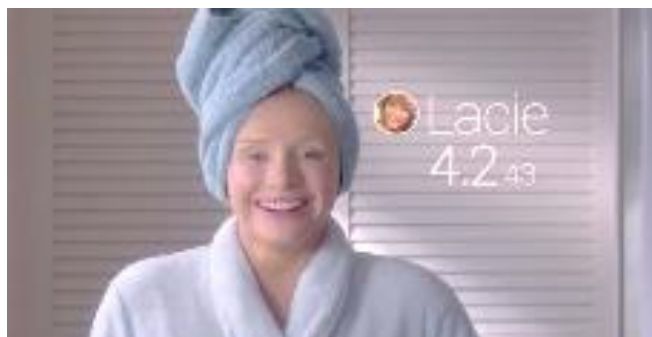
⁸⁷Tradução nossa para “*Les sourires en plastiques sont souvent des coups d’hashtag. Prends garde à toi. Ah les amis, les potes ou les followers. Vous faites erreur, vous avez juste la cote*”

⁸⁸Tradução nossa para “*Ah les amis, les potes ou les followers ?*”

⁸⁹Seguidores: palavra para designar nas redes sociais na internet pessoas que acompanham a vida de outras pessoas ou instituições.

⁹⁰Palavras utilizadas nas redes sociais na internet para expressar “Gostei” e “Não gostei”.

Figura 14 - Personagem principal na rede social do episódio



Fonte: <https://www.pinterest.ca>

Relacionar-se em *Queda livre* é sinônimo do esforço em agradar a todos, representar sentimentos, mentir e sorrir sempre para conseguir notas. O que se faz no plano *offline* reverbera no plano *online*, provocando sucesso ou fracasso. Em nosso dia a dia, vemos aplicativos que avaliam profissionais, serviços, estabelecimentos e pessoas comuns. Portanto, como no referido episódio, o que fazemos *offline* repercute no plano *online*. No seriado, quantidade de *likes* é mais importante que a situação ou a relação motivadora da postagem. Atualmente vem se tornando cada vez mais comum, usuários das redes sociais se preocuparem com a quantidade de *likes* que recebem suas postagens. Na ficção, pessoas com baixa pontuação são avaliadas como perigosas ou desprezíveis. Geralmente são pessoas que não querem ser usuárias de redes sociais na internet. Na sociedade atual presenciamos perguntas inquisitórias, tais como: “Como você não tem Facebook? ”

Lemos (2018), em seu mais recente livro intitulado “*Isso (não) é muito Black Mirror*”, faz um contraponto ao dito popular que surgiu nas ruas e nas redes sociais na internet (“isso é muito Black Mirror”) referindo-se ao fato da série ser surpreendentemente futurista. O autor compara as situações apresentadas na série (futuro) com o nosso presente e aponta que na sociedade atual temos problemas originados das tecnologias da comunicação e da informação mais severos que os sinalizados por *Black Mirror*. Ou seja, apesar da série trabalhar com tecnologias que ainda não existem e que povoam nosso imaginário cibernético, as questões interpessoais ou de vigilância, por exemplo, são interpretadas à luz dos paradigmas teóricos do século passado.

Ao analisarmos o episódio de *Black Mirror* citado aqui, podemos refletir a respeito dos pensamentos de Bauman (2004) sobre as relações no Facebook serem pautadas na lógica comercial na qual as pessoas são mercadorias, moeda de troca para que se

consiga algo, não havendo comprometimento e tentativa de relacionar-se verdadeiramente.

Queda livre atualiza o pensamento de Turkle (2015) sobre o empobrecimento das conversas mediadas pela tecnologia digital e sua influência em nossa auto-reflexão. Para Turkle, ao conversarmos com os outros, desenvolvemos auto-reflexão. Destarte, conversas baseadas em mentiras, em dissimulação de sentimentos e em interesse por *likes* não permitem às pessoas confrontar-se com a complexidade da conversação humana e seus desdobramentos para o desenvolvimento de habilidades de interação.

Ainda de acordo com Turkle (2015) podemos dizer que, em *Queda livre*, as relações que se estabelecem no aplicativo definem as formas de agir e se comportar da personagem, bem como sua própria identidade.

Primo (2015) denuncia que a industrialização da amizade também promove a transformação dos sujeitos em mercadorias dentro do Facebook. Para o autor,

[...] trata-se de um conjunto de estratégias de racionalização de afetos, de interações languageiras e da explicitação de endossos (curtidas e compartilhamentos), cujo tratamento estatístico e geração de padrões de comportamentos de consumo podem ser comercializados para subsidiar futuras estratégias mercadológicas, como criação de campanhas promocionais, análise de tendências, planejamento de novos produtos segmentados etc. (PRIMO, p. 126).

A amizade neste contexto serve de pano de fundo para a mercantilização dos sujeitos e *e-commerce*. Nas ações de “curtir” e “compartilhar”, os usuários doam informações importantes sobre si e sobre os seus amigos. Por sua vez, o Facebook rastreia essas informações e as transformam em dados de pesquisa sobre gostos e interesses dos clientes/produtos.

Compartilhar gostos entre amigos não pressupõe pagamento de mensalidade, mas segundo Primo (2015), nas relações existentes nos sites de redes sociais que disponibilizam informações sobre os usuários para empresas com interesse comercial, quando não há pagamento de uma mercadoria, o usuário é, ele mesmo, a mercadoria.

Como vimos, o conceito de amizade perpassa por toda a história da humanidade assumindo diferentes nuances a depender do período e do contexto social, ao tempo que sofre influência da política e da economia. A discussão sobre as relações afetivas torna-

se importante na medida em que precisamos compreender as facetas dessa relação, seus desdobramentos na atualidade e para onde desejamos caminhar.

Na antiguidade, por exemplo, a amizade era concebida e pautada na virtude e na verdade. Já para Nietzsche (2000) a verdade deixa de ser o valor que define a relação de amizade, deslocando-se para o valor da alegria. “É a partilha da alegria, não do sofrimento, o que faz o amigo” (p. 268). Destarte, após compreender que a ideia de amizade muda ao longo da história, a discussão sobre amizade nas redes sociais na internet não deve ser pensada sob a égide de condições sócio-político-culturais fora do tempo atual. Qualquer pensamento perto disso pode soar como nostalgia de uma época que está no passado. Primo (2016) afirma que “Olhar o presente com as lentes do passado é enxergar uma imagem turva.” (p. 63)

No entanto as preocupações apontadas por Turkle e por Bauman não são irrelevantes. Ao contrário, as questões discutidas por estes autores centram-se nas condições atuais nas quais as amizades surgem ou são preservadas. Nossa intenção não é minimizar, por exemplo, o problema da procrastinação digital. Tão pouco desconsiderar as pesquisas que relacionam as redes sociais na internet a questões de depressão, baixa autoestima ou dependência, como a realizada pela Universidade de *Bergen*, na Noruega. Os investigadores elaboraram um instrumento de investigação com dezoito itens sobre o uso do Facebook e saúde mental apontando problemas que emergem desta relação⁹¹. O que queremos destacar são as potencialidades das relações de amizade mediadas pelas tecnologias digitais. Estas amizades não são separadas do plano *offline* e de suas práticas. É mister enfatizar que a separação extremista entre *online* e *offline* perde cada vez mais sentido à medida que os atores sociais reinventam os usos da tecnologia digital. A internet pode ampliar o campo das relações, a exemplo das amizades que são reativadas após contato nas redes sociais na internet, familiares que dispõem da possibilidade de manterem-se ligados, mesmo com longas distâncias geográficas, novas relações que emergem da interação dos atores sociais, sejam elas pessoais ou profissionais.

⁹¹Foi elaborada a “Escala *Bergen* para o Vício em Facebook” Disponível em: <https://www.uib.no/en/news/36380/new-research-about-facebook-addiction> Acesso em: 26 jul. 2018

As relações entre as pessoas são influenciadas pelos avanços tecnológicos que sucedem ao longo da história social. Para Castells,

O nosso mundo está em processo de transformação estrutural desde há duas décadas. É um processo multidimensional, mas está associado à emergência de um novo paradigma tecnológico, baseado nas tecnologias de comunicação e informação, que começaram a tomar forma nos anos 60 e que se difundiram de forma desigual por todo o mundo. Nós sabemos que a tecnologia não determina a sociedade: é a sociedade. (2006, p. 17)

A influência de que nos fala Castells refere-se à conexão *offline* com o *online* e todos os usos e maneiras de interligação entre eles, tendo como ponto de partida a tecnologia para pensar caminhos para o futuro social.

As redes sociais, ao se transportarem para sites como o Facebook, são ressignificadas, notadamente por meio das conexões. Essas conexões são representações dos laços sociais que se estabelecem compostas por laços fracos, que, como já citamos neste trabalho, são laços responsáveis pelas interrelações entre os grupos de amigos, com capital social menos complexo, com menos intimidade e menos investimento nas relações e mais propagação de informações. (RECUERO, 2009)

Primo *et al.* (2016a) ressaltam que amigos fazem uso de diversos meios sejam *online* ou *offline* para atualizar as formas de manterem-se conectados. Percebemos que amizades antigas são reanimadas, membros familiares dispõem de mais facilidade em manterem-se conectados entre si, novas amizades são construídas. Desta maneira, as práticas de amizade vão se (re) configurando no contexto das tecnologias digitais. Práticas essas que não sofrem influência só do contexto teco-digital, mas concomitantemente atualiza-se ante as transformações econômicas, políticas, religiosas, familiares etc.

As relações de amizade foram atualizadas diante das maneiras de se relacionar que emergiram das redes sociais. Desta forma não há como definir neste momento, no sentido de delimitar, diante de tantas possibilidades, o que é amizade na contemporaneidade. É necessário fazer uma análise com base na realidade atual e não considerando contextos anteriores. Da mesma forma, é preciso, na busca desse entendimento, não antecipar a explicação para este fenômeno com respostas aligeiradas. É importante ter claro em mente que a amizade é uma construção social entre

amigos e como tal são narrativas que mudam ao longo da história. Neste caso são narrativas que estão se construindo neste momento da história.



**Docentes conectad@s:
novas formas
de ser e de viver**

3 DOCENTES CONECTAD@S: NOVAS FORMAS DE SER E DE VIVER

Talvez as redes, ao mesmo tempo que nos impõem determinados modos de ser também nos ofereçam brechas para que possamos nós próprios fabricar outros modos de ser: afinal de contas, é sempre possível atrever-se a singularizar. (MARGARITES, 2011, p. 94)

Decidir-se à conexão é, sem dúvida alguma, uma inclinação interessante para uma prática docente que possa ganhar formas de ajudar a mediar o processo de “formação” dos envolvidos. Não é, portanto, em meu entendimento, uma obrigação ou necessidade, porque, cada um faz escolhas e constrói o seu caminho. Contudo, se consideramos que estamos numa era de conexões e ser docente é ser, também, mediador de processos, ratifico a importância desta decisão. (Professor Heráclito)

O ser docente se constitui, como todo ser, na interação com o outro. Pensamos que, para saber de nós, é preciso passar pelo outro. No caso do professor, o outro é o aluno. Não há docência sem discência. Assim, para pensar no docente conectad@, é preciso também reconhecer e considerar que seus alunos, em sua maioria, estão imersos na cultura da tecnologia digital. Desta forma, muitos professores viram a necessidade de entender como funciona a lógica desta cultura, além do fato de também viverem nela. Compreender este docente conectad@ pressupõe entender quem são seus alunos no contexto atual no qual estamos todos inseridos.

Não se trata apenas de classificar os professores em imigrantes digitais e os alunos em nativos digitais (PRENSKY, 2001) ou quaisquer outras nomenclaturas atribuídas às gerações que nasceram em um mundo de tecnologia digital⁹². Para além disso, é necessário perceber que todos estamos submetidos a era digital e que compartilhamos do mesmo cenário tecno-espaco-temporal. É mister ressaltar ainda que interagimos com tecnologias digitais de diferentes maneiras, assim devemos considerar não apenas a faixa etária dos sujeitos, mas de que forma as tecnologias estão imbricadas em seus cotidianos. Esta discussão apesar de ter menos de vinte anos, já vinha perdendo sua força, porém o artigo Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos

⁹² O artigo *A Juventude Conectada - Um Estado da Arte* construído por pesquisadores do Centro de Pesquisa Comunidades Virtuais - UNEB *Jogos eletrônicos, mobilidades e educação: trilhas em construção* (2015), discute às nomenclaturas atribuídas às pessoas nascidas imersas na tecnologia digital bem como das pessoas que apresentam como característica hiperconectividade, trabalho colaborativo e produção de conhecimento.

digitais (COELHO, COSTA e MATTAR NETO, 2018) fez ressurgir o debate ao apresentar um escalonamento entre o “saber dos nativos e dos imigrantes digitais” (p. 1079). O artigo segue em direção da diminuição da polarização nativo-imigrante. O escalonamento criado pelos autores demonstra que nativos e imigrantes digitais apresentam condições de interagir cognoscível e afetivamente com a cultura digital. Os autores observaram que os imigrantes pendem mais para o cognoscível e os nativos para o afetivo (COELHO, COSTA e MATTAR NETO, 2018). Prensky (2012) já havia sinalizado uma escala para a díade nativo-imigrante com base na compreensão sobre sabedoria digital. Nesse momento, ele utiliza como principal critério o saber relacional e não a faixa etária dos sujeitos.

Feixa (2000), Tapscott (1999) e Machado (2007) também chamam a atenção para as gerações que nasceram e cresceram imersas nas tecnologias digitais. Estes autores afirmam que estas gerações apresentam algumas características próprias como, por exemplo, a hiperconectividade e a colaboração para resolução de problemas. Também são conhecedoras do poder da mídia e utiliza a interatividade como suporte para a aprendizagem e produção de conhecimento.

Segundo Santaella (2006), estas gerações, em contato direto com os produtos da cultura digital, apresentam mudanças da estrutura cerebral, o que lhe permite saber, pensar, agir e interpretar o ambiente semiótico no qual estão inseridas de uma forma, no mínimo, mais dinâmica e não-linear se compararmos com as gerações anteriores” Desse modo, nossos hábitos são incorporados na fisiologia dos nossos cérebros de modo que eles estruturam nossos comportamentos de maneira a torná-los não mais espontâneos ou cegos.” (SANTAELLA, 2006, p.38).

Kerckhove (2009) reflete sobre as diferenças entre o pensamento digital e o analógico ressaltando as mudanças que as mídias digitais provocam nos sujeitos no que se refere à forma de compreensão a realidade. Supercomputadores, hiperconexão, chips de alta tecnologia conectados a seres humanos, muitas vezes, até sendo capaz de executar atividades intelectuais para a pessoa pela própria pessoa.

Esta discussão nos interessa sobretudo na medida em que ela situa a relação professor-aluno na atualidade das relações que são também mediadas pelas tecnologias

digitais. Observamos que nossos costumes, procedimentos e atitudes vem sendo (re)inventados e (re)modelados a partir da interação com as novas plataformas de armazenamento de informações, com as bibliotecas digitais, os sites de redes sociais, os jogos digitais, com o *e-commerce*, as mídias locativas e tudo mais que envolve novas formas de ser e estar em um mundo cada vez mais digitalmente produtivo. Nos tempos atuais, torna-se cada vez mais comum permanecermos muitas horas do seu dia conectados à internet trabalhando, se divertindo, estudando, se relacionando, fazendo compras, cuidando da saúde etc. Estamos, dia após dia, experienciando sensorialmente a interação com as tecnologias digitais o que pode promover transformações em nosso comportamento (MCLUHAN, 1964).

O processo de construção do docente é social e historicamente localizado. A significação de ser docente surge dos fluxos diários da profissão em respostas às demandas apresentadas pela sociedade e pelos questionamentos que o próprio profissional se faz. O papel docente, a relação pedagógica e as nuances da relação professor-aluno devem sempre ser objeto de reflexão dos professores, em quaisquer situações que envolva compartilhar com o educando experiências, sejam elas profissionais ou pessoais. Aqui discutimos esta relação que emerge no Facebook, espaço institucionalmente não escolar e/ou acadêmico.

O Facebook, exemplo de ambiente que surgiu na modernidade líquida (BAUMAN, 2004) na qual situações e conceitos, para fazer jus à metáfora, tomam a forma dos contextos nas quais emergem, abarca e possibilita as interações entre professores e alunos. Tal comportamento em ambientes online faz pensar sobre o papel docente e suas especificidades no contexto digital.

Para Alves e Torres (2013), o papel docente, nesse contexto, estabelece-se por meio da mediação da leitura crítica e entendimento deste mundo tecnologicamente digital que se apresenta aos estudantes. Apoiadas em uma perspectiva freiriana, as autoras defendem que o professor deva oportunizar a seus alunos a compreensão dos discursos a partir de seus respectivos contextos de enunciação objetivando promover, com isso, o desenvolvimento cidadão.

Concordamos com as autoras quando afirmam que a influência da comunicação midiática no cotidiano dos sujeitos “[...] é um reflexo das transformações pelas quais a sociedade vem passando e que têm impactado várias esferas sociais, dentre elas a da educação” (ALVES e TORRES, 2013).

3. 1 “Ser professor parece ser uma personagem que, para os alunos, nunca sai de cena”⁹³ ou do papel docente.

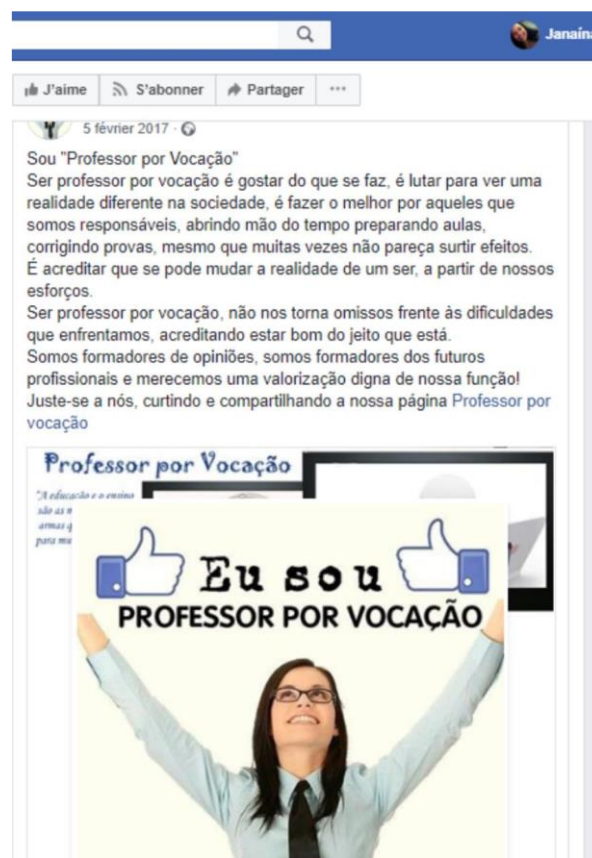
Aqueles que se debruçam em discutir quaisquer temas que envolvam professores encontram uma pluralidade de estudos sobre o papel docente. Trata-se verdadeiramente de um tema recorrente e bastante profícuo. No Brasil, por exemplo, muitos são os termos e tentativas de conceituar o papel docente no intuito de encontrar e marcar um lugar social para este profissional: mediador(a), facilitador(a), intermediador, mestre(a), ensinante, professor(a), tio(a), educador(a), organizador(a), orientador(a), guia⁹⁴, sistematizador, provocador, arquiteto de percursos, docente etc. A vastidão de palavras que tentam conceituar a profissão docente, é resultado justamente da dificuldade em pensar uma definição que contenha os significados de ser docente.

Uma pessoa não nasce docente, ou seja, não é vocação. Muito menos é missão ou sacerdócio. Esta imagem de professor por vocação que pode remontar ao final do século XIX período no qual há os primeiros indícios de uma docência vocacional e sacerdotal (PINTASSILGO; MOGARRO, 2015). Este valor religioso que disseminava o dom e a vocação como requisitos para a “boa docência” perdurou até o início do século XX (PINTASSILGO, 2006). Na atualidade, apesar da compreensão de que posicionar o professor em um lugar divino é destituí-lo de seu direito de ser profissional, presenciamos muitas expressões que continuam associando docência a vocação, missão e sacerdócio.

93 Fala do Professor Heráclito, sujeito da pesquisa.

94 Definição da UNESCO na Publicação “*Replantear la Educación*” ao explicar que o professor não será substituído pelas tecnologias digitais. “Tendo em conta o potencial das tecnologias de informação e comunicação, o professor torna-se um guia que permite aos alunos, a partir da primeira infância e ao longo da trajetória de sua aprendizagem, desenvolver e avançar no labirinto cada vez mais complexo do conhecimento.” Tradução nossa para: “*Habida cuenta del potencial que entrañan las tecnologías de la información y la comunicación, el docente pasa a ser un guía que permite a los estudiantes, desde la primera infancia y durante toda la trayectoria de su aprendizaje, desarrollarse y avanzar en el laberinto cada vez más intrincado del conocimiento.*” Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002326/232697s.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

Figura 15 - Página no Facebook sobre docência



Fonte: Facebook

Nas palavras de Freire (1991, p. 58), "Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. [...] A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática".

O docente se constrói ainda durante a formação inicial, quando se é aluno no contato com seu professor. Como ressalta Lajonquière (2009, p. 160) "[...] - não há como driblar o fato de que o candidato deve, primeiro, emprestar as suas orelhas à invocação de uma *palavra* professoral, para depois, após tomá-la como assalto, vir a se lançar à aventura da enunciação". Esse transcurso de aluno a professor é um caminho formativo

e análogo ao aprendizado da fala pelo *infans*⁹⁵ (LAJONQUIÈRE, 2011). O percurso inicial é muito significativo para o papel docente influenciando favoravelmente ou não a carreira profissional.

O papel docente funda-se no discurso do sujeito, no que ele significa e verbaliza deste lugar. No percurso da experiência profissional com todas as suas nuances, desafios e vitórias. Como sinaliza Macedo, discurso é “[...] um fenômeno social e constitui um dos vínculos mais importantes de produção de sentidos no interior de uma sociedade, com uma importante função de se constituir ideologicamente” (2009, p.112). Desta forma, o papel docente é uma construção social, na qual este profissional tem como desafio fomentar o pensamento crítico dos estudantes de uma maneira criativa e significativa apropriando-se do legado sócio-histórico-cultural na perspectiva da construção de uma consciência de cidadania individual e coletiva.

3. 1. 1 Docente, “conhece-te a ti mesmo”⁹⁶

Tendo em vista os diferentes períodos que compõem a história da educação, podemos observar que a definição de docente sofre variações conforme o entendimento de educação de cada época. Assim, no âmago de cada tendência pedagógica, surgiram os ideais de aluno, de educação, de professor que traduziram a ideologia subjacente a cada período. Pretendemos aqui fazer uma breve discussão sobre este processo histórico no intuito de propor uma interlocução com as ideias de alguns autores, escolhidos também por serem professores, a fim de precisar, em seus escritos, em que consiste o papel docente na atualidade.

“Educar é um ato político” Paulo Freire, autor desta frase, preconiza que o professor deve incubir-se do “compromisso com os destinos do país. Compromisso com seu povo. Com o homem concreto” (FREIRE, 2007, p. 25). Para o autor, o ato educativo deve

⁹⁵ A escolha da palavra francesa justifica-se por explicar melhor o significado para “não falante” ou “iniciante na fala”.

⁹⁶ Aforismo inscrito à entrada do santuário de Delfos, na Grécia antiga, que vem sendo utilizado ao longo da história humana com significados distintos. Neste trabalho este aforismo nomeia a seção que aborda algumas discussões sobre o que é ser docente na atualidade. Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/conhece-te-ti-mesmo> Acesso em: 06 jul. 2018.

promover espaços de aprendizagem a partir de uma reflexão crítica da realidade. Esses devem estar ao alcance de todos na sociedade. Não se trata de uma visão apaixonada sobre o papel docente, mas de uma forma de pensar o papel de uma educação libertadora no processo de transformação social. Na obra de Freire, o docente assume seu papel libertador na medida em que promove uma educação que valoriza o humano, o social e a relação entre eles.

Para Freire, não há como dissociar o professor de sua ética e de sua política. Nenhum professor se afasta dessas esferas quando está em contato com seus alunos. Desta forma, ele ressalta que educação se faz politicamente com base na ética em busca da formação humana e neste processo o professor tanto ensina quanto aprende. O papel docente é o de um profissional que não somente professará algo, não somente irá transmitir conhecimento, mas será aquele que se permitirá também ouvir, aprender e criar um espaço de construção e reflexão promovendo assim troca de saberes (FREIRE, 2007). Ao endereçar ao aluno uma fala e permitir que este aluno também tenha algo a dizer sobre o tema, o professor faz circular a palavra, o que pode contribuir para que esta ação seja também responsável e construtora do processo de aprendizagem.

É mister que haja diálogo entre professor e aluno por meio de objetivos que acessem o saber historicamente e culturalmente construído pela humanidade, em um ambiente de politização, de acolhimento, de solidariedade e de amor. Para Freire, “não há educação sem amor, como não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita, por isso o amor é a condição para que haja educação” (1981, p. 43). A proposta da educação libertadora tem como um dos pilares um amor aos homens e às mulheres. Não se trata de amor pessoal, mas de ações pró-amor, um amor atravessado pelo viés político.

Ao anunciar que “o educador ou educadora como um intelectual tem que intervir. Não pode ser um mero facilitador”, Freire (2003, p. 177) (re)afirma a necessidade de que o professor assuma para si a responsabilidade no ato educativo. Desta maneira, a formação docente permanente é condição primordial para a atuação plena de sua função pedagógica de forma que desperte no aluno o desejo em escutar o professor, estabelecendo a construção de conhecimento para ambas as partes.

Um exemplo da discussão sobre o papel docente e da formação deste profissional é abordado no livro *Professora, sim; tia, não – cartas a quem ousa ensinar* (1997), em que Freire aborda a terminologia “tia” atribuída, no Brasil, a professoras da educação infantil e dos ensinos fundamentais I e II. O termo “tia” remete a grau de parentesco e consequente intimidade e amorosidade de uma tia para seu sobrinho ou sua sobrinha. Ao ser chamado (a) de tio (a) o profissional docente é destituído do seu papel, delegando a função a toda e qualquer pessoa. Não se trata de menosprezar o lugar da tia, mas antes deixar expostas às especificidades da profissão docente. Freire sinaliza que “Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão” (1997, p. 9).

Este autor chama a atenção para o cunho político de ser docente. Ao ser designado(a) como tio(a), o(a) profissional imbuído(a) de uma “amor parental” não pode, por exemplo, lutar por seus direitos como docente, fazer greve etc. Portanto, consiste em um estratagema governamental de cunho ideológico com a intenção de persuadir professores e professoras do seu direito de exigir sempre que necessário condições de trabalho condizentes com qualidade profissional. Aceitar o lugar de tio ou de tia é aceitar a descaracterização da profissão docente e sua desvalorização. E isso pode ter sido intencional durante um tempo na história docente.

Uma obra anterior à de Freire chamada *Professora primária, mestra ou tia* (1992), escrita por Maria Eliana Novaes defende o argumento de que, ao passo que as mães começaram a trabalhar fora de casa e seus filhos tiveram que frequentar a escola, as professoras, mulheres solteiras, foram incorporadas como mães ou como tias. Esse contexto em que mães trabalhavam fora de suas casas e professoras eram incumbidas do serviço de “tomar conta” de alunos propagou para toda a sociedade uma imagem de que a professora era como um falso parente (NOVAES, 1992). Esta autora ressalta que, ao ser qualificada como tia, a docente não é reconhecida em sua individualidade e há o embaralhamento da função da escola e com a função da família.

Nos dias atuais, principalmente nos grandes centros, percebemos o desconforto de professores se ainda são chamados pelo codinome parental que oculta a identidade e o papel docente. É mister salientar que, ao recusar o papel de tia ou tio, os docentes

assumem seu lugar de profissionais da educação e suas competências indispensáveis e inerentes ao exercício da atividade.

A construção do papel docente se dá na labuta e nos conflitos diários atravessados pela ação política do docente constituindo-se em “um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão” (NÓVOA, 2000, p. 16). O processo permanente de formação docente promove a construção e configuração do papel docente e este processo deve favorecer o desenvolvimento pessoal e profissional sendo o sujeito e a sociedade responsáveis por esta formação (NÓVOA, 2000). Para o professor-pesquisador português esta formação não se atém a uma lista de competências e habilidades a serem adquiridas, mas antes a um percurso inicial bem estruturado que proporcione aos futuros docentes uma passagem do fazer discente para o fazer docente embasado na reflexão e criatividade (NÓVOA, 2000).

Este autor reafirma o que já citamos aqui: “Não nascemos professores. Tornamo-nos professores através de um processo de formação e de aprendizagem na profissão” (NÓVOA, 2013, p. 230). Nóvoa fala ainda da emergência da formação de professores ser engendrada e realizada por professores em um lugar específico para esta finalidade. “Quem forma os médicos são outros médicos. O mesmo devia acontecer na profissão docente” (NÓVOA, 2013, p. 230). É indispensável formar os futuros professores com o *ethos* da profissão para que estes futuros profissionais possam despertar em seus alunos o interesse por conhecer com criticidade e autonomia.

Nóvoa aposta que o formato de educação no qual existe apenas um professor em uma sala de aula (um-todos) está no fim. Em seu lugar teremos vários professores nesta mesma sala de aula (todos-todos), marcando a transição de uma docência individual para a docência coletiva e consequente mudança do papel docente, que não é fornecer ainda mais conhecimento aos alunos, visto que estes conhecimentos estão disponíveis na rede. O papel docente é se apropriar e dar sentido a este conhecimento, que está disposto desordenadamente. (NÓVOA, 2017)

Tardif (2002) discute o papel docente na perspectiva dos saberes e da profissionalização como busca do conhecimento da prática. O que singulariza às profissões são os conhecimentos especializados conquistados na formação continuada. “Aprender a ensinar é um processo que se estende por toda a carreira docente (...). Precisamos, nos

dias de hoje, de professores que saibam que o dever deles é o aperfeiçoamento contínuo” (TARDIF, 2017, p. 63). Destarte, a *episteme* do ofício docente é reformulada e ressignificada pelo processo de profissionalização que também perpassa pelo auto-reconhecimento da docência.

A atividade docente reúne diversos saberes: saberes da formação profissional - transmitidos pelas instituições formadoras de professores; saberes disciplinares - diferentes áreas do conhecimento; saberes curriculares – o currículo institucional como disparador de saberes sociais eleitos para a formação erudita dos futuros professores; saberes experienciais – surgem do cotidiano do profissional e que se transformam no *habitus* docente. Desta maneira, a pluralidade de saberes é valorizada como marca humana (TARDIF, 2002).

Tardif e Lessard publicaram o livro *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas* (2005), no qual a docência é concebida como uma maneira singular de labor que têm como finalidade o ser humano. Nota-se uma confluência deste livro com a obra *Saberes docentes e formação profissional* (TARDIF, 2002) no que diz respeito aos saberes e práticas do trabalho docente. Porém o primeiro irá se debruçar sobre as às conexões humanas possibilitadas pela atividade docente e seus desdobramentos. Os pesquisadores enfatizam que “(...) as condições, as tensões e os dilemas que fazem parte desse trabalho feito sobre e com outrem, bem como a vivência das pessoas que o realizam diariamente” (TARDIF e LESSARD, 2005, p. 8) são condições inerentes ao trabalho docente, que tem como princípio a interação entre os atores sociais na educação. Os autores concebem a atividade docente não apenas por uma perspectiva técnica e/ou teórica, que são importantes para o desempenho da função, mas igualmente importante observar o viés afetivo e interativo que enlaçam as pessoas (TARDIF e LESSARD, 2005), visto que o “(...) conhecimento teórico é sempre um conhecimento geral e abstrato. Mas a ação docente é concreta e situada” (TARDIF, 2017).

Tiago Ribeiro Santos, em sua tese de doutorado *A perda da auréola: deslocamentos da imagem social e sociológica de professor no Facebook* (2017), discute o deslocamento da imagem do professor com base em três sociólogos franceses: Émile Durkheim (1858-1917), Pierre Bourdieu (1930-2002) e François Dubet (1946-). Assim, a imagem

de professor transita entre o professor laico (Durkheim) - concebido como profissional comprometido com sua função social imbuído de moralidade laica e obrigatória; o professor aristocrático (Bourdieu) - trabalha em prol do *status quo* para manter os privilégios de camadas sociais já privilegiadas e o professor comum (Dubet) - indivíduo simples que se ocupa de atividades técnicas referentes à escola, bem como questões externas à escola, mas que influenciam as atividades escolares.

Este pesquisador salienta que a atuação do professor sofreu deslocamento ao longo da história sociológica, o que contribuiu para uma indefinição do papel docente. Ao trazer essa discussão para a atualidade, situando a imagem docente diante das tecnologias digitais, precisamente no Facebook, ambiência estruturada para comportar relações de “amizade” e relações horizontais, Santos (2017) argumenta que a “dessacralização” da figura de professor ou “perda da auréola” (p. 145) é benéfica na medida em que humaniza este profissional e faz emergir discussões sobre a questão identitária do docente.

Leandro de Lajonquière (2013) reflete que todo docente foi anteriormente neófito aspirante a professor. Neste lugar de reconhecer-se professor de um aprendiz que vivencia o *ethos* da profissão, o docente, que um dia também já experimentou esta mesma condição, ancora sua mestria. Assim como o discurso paterno, é na tradição que o discurso do mestre se pronuncia, ou seja, por ter sido filho, o pai se reconhece pai e endereça seu discurso de pai, ao tempo que o docente por ter sido aluno se reconhece mestre e enuncia sua mestria.

O laço educativo composto por professor e aluno dá-se por dívida de um e amor do outro. Para Lajonquière, o professor quando é iniciante nos estudos docentes adquire uma dívida ao ser acolhido, em seu desejo de aprender e de conhecer, por um professor (mestre) que lhe endereçou a palavra. Este último implica-se no ato de ensinar por meio da linguagem e professa seus saberes influenciando o aluno “(...) *pelo exemplo*(...), pela *generosidade* e pelo *trabalho empenhado*” (LAJONQUIÈRE, 2013, p. 459). (Grifos do autor). O autor afirma que,

(...) quando os pais ensinam seu filho quem ele é, até certo ponto, para os outros (a começar por eles mesmos), colocando-lhe um nome que vetoriza certos *ideais*, como também quando uma professora ensina a Pedrinho os números, instala-se uma *dívida*. Tanto um quanto o outro passam a dever algo pela sua existência. Como sabemos, uma coisa é dever uma quantia x em dinheiro para um amigo e outra, muito diferente, é o preço da amizade. Com

os nomes e os números ocorre algo parecido: todo respeito será pouco para saldar a dívida pela existência ou, em outras, palavras o sentido que a vida pode ter acabado de ganhar. No valor incalculável da mesma está embutida uma infindável pergunta: *o Outro, o que quer de mim?* O nome próprio e os números aprendidos tiram um bocado da estupidez da vida empírica mas é o ato de nomeação e o de ensinar em si quem instalam ou marcam a fogo essa pergunta nas nossas vidas (LAJONQUIÈRE, 2013. p. 459) (Grifos do autor).

Trata-se de uma dívida simbólica, visto que se passa no campo da linguagem, ou seja, aquilo que é professado pelo docente fora recebido de uma tradição. Uma vez reconhecida a dívida simbólica, o iniciante no trabalho docente aceita a tradição e vê-se cada vez mais devedor e em condições de assumir um lugar de fala para si. Desta forma, não se pode pagar ao devedor, este compromisso é direcionado, então, ao seu aluno, que, por sua vez, compõe o laço educativo por um sentimento de amor ao seu mestre, o qual o aluno julga saber algo que carece ainda de ser conhecido por ele (LAJONQUIÈRE, 2013).

Lajonquière reconhece a importância das técnicas inerentes ao trabalho docente, assim como da reflexão do professor sobre sua ação, mas chama a atenção para o que considera cerne da questão do ato educativo: “a implicação da palavra” (2013, p. 457). A fim de ilustrar, com exemplos, seus argumentos, o autor discorre sobre a carta de Albert Camus a seu professor primário quando do recebimento do seu Prêmio Nobel de Literatura e também o pronunciamento de Freud quando convidado a discursar no 50º aniversário da sua escola primária, além dos casos de Victor - a criança selvagem d’Aveyron e de Anne Sullivan e sua aluna Helen Keller.

Ao escrever a carta para seu professor primário na época em que foi notificado da concessão do Prêmio Nobel de Literatura de 1957, Albert Camus, revela-nos, além da gratidão ao antigo e sempre mestre, as marcas da personalidade do professor que foram deixadas no então menino Camus que se viu acolhido e instigado a conhecer. O escritor e filósofo franco-argelino não ressalta os conteúdos que provavelmente teve acesso durante o tempo de criança, tão pouco exalta a técnica com a qual seu mestre o ensinava. Ele descreve em seu texto um professor afetuoso, exemplar, generoso e empenhado, que lhe endereçara a palavra quando não era tão comum fazê-lo a crianças pobres e que marcou sua existência. Dias após passar a euforia da notícia, Camus escreve a seu mestre:

(...) meu primeiro pensamento, depois da minha mãe, foi para você. Sem você, sem aquela mão carinhosa que você estendeu para a pobre criança que eu era, sem o seu ensino e seu exemplo, nada disso teria acontecido. Eu não faço um mundo desse tipo de honra. Mas esta é pelo menos uma oportunidade de dizer o que você tem sido, e ainda é para mim, e garantir que seus esforços, seu trabalho e o coração generoso que você coloca lá ainda estejam vivos em um de seus pequeninos escolares que, apesar da idade, não deixou de ser seu aluno agradecido. Eu te abraço com todas as minhas forças.⁹⁷

O psicanalista Sigmund Freud, ao proferir, em 1914, seu discurso⁹⁸ em comemoração ao aniversário da escola que estudara durante o ensino fundamental, ressaltou, assim como Camus, a personalidade de seus mestres. O psicanalista descreveu que ele e seus colegas de escola usavam seu tempo para imaginar como eram e o que sentiam seus mestres. Criticar, respeitar, amar e odiar faziam parte deste imaginário. Freud reconhece não ser fácil identificar se eles eram mais inspirados pelas ciências ou pela personalidade dos professores que as ensinavam (FREUD, 1996).

Lajonquière (2017) comenta também sobre o filme *O Garoto Selvagem* (1669) do diretor francês François Truffaut deu vida na ficção ao caso de Victor – a criança selvagem d’Aveyron – menino de 10 ou 12 anos que foi capturado por um grupo de médicos pesquisadores e que ficou sob os cuidados de um deles durante cinco anos. Jean Itard tomou para si e ocupou-se da educação de Victor, após este ser avaliado como sendo fisicamente normal, apesar de não pronunciar nenhuma palavra. A socialização de Victor inicialmente não pareceu para Itard uma tarefa das mais complicadas. Bastava ensinar-lhe a falar. Porém o desenrolar da história mostrou que a medicina moral que Itard empregava na educação do menino não havia surtido o efeito esperado.

Lajonquière utiliza outro exemplo como forma de contrastar o anterior. Trata-se do caso de Anne Sullivan e sua aluna Helen. A jovem professora tinha o desafio de educar uma criança surda-muda de nascimento que nunca havia experimentado contato com outras pessoas exceto sua família. O que foi possível verificar é que o endereçamento

97 Tradução nossa para: “[...] *Ma première pensée, après ma mère, a été pour vous. Sans vous, sans cette main affectueuse que vous avez tendue au petit enfant pauvre que j’étais, sans votre enseignement, et votre exemple, rien de tout cela ne serait arrivé. Je ne me fais pas un monde de cette sorte d’honneur. Mais celui-là est du moins une occasion pour vous dire ce que vous avez été, et êtes toujours pour moi, et pour vous assurer que vos efforts, votre travail et le cœur généreux que vous y mettiez sont toujours vivants chez un de vos petits écoliers qui, malgré l’âge, n’a pas cessé d’être votre reconnaissant élève. Je vous embrasse de toutes mes forces.*” Disponível em: https://www.lemonde.fr/idees/article/2015/02/25/savoir-lire-ecrire-compter-et-aimer_4583021_3232.html Acesso em: 10 ago. 2018.

98 Este texto encontra-se no Anexo 7 do item Anexos.

da palavra a Helen feito por Anne e sua implicação no ato educativo eivado de nuances e incertezas, abriram a possibilidade para que a aluna criasse um discurso próprio, encontrando-se um lugar de fala (LAJONQUIÈRE, 2017).

Comparando os dois casos, Lajonquière (2017) observa que o médico-professor, no sentido contrário à postura de Anne, falava de Victor e não com ele. Não lhe endereçava a palavra e não fazia lugar para a fala do garoto. As incertezas que por ventura surgissem no percurso educativo de Victor encontram explicações nos manuais médicos e seus protocolos. Itard não se permitia “perder a cabeça”, ou seja, não se permitia devanear sobre as questões que emergiam do processo educativo de Victor. Já a professora Anne se permitia navegar por suas incertezas e pelas facetas que surgiam do processo educativo de Helen.

Mais um exemplo que podemos citar sobre personalidade docente é o caso descrito no filme *Meu Mestre da Escola*⁹⁹ (2016) produzido por Emillie Thérond. Trata-se de um documentário sobre o último ano letivo do professor Jean-Marie Burel antes de sua aposentadoria. O filme foi realizado por sua ex-aluna, atualmente diretora de cinema, que demonstrou junto com relatos de outros ex-alunos as marcas positivas da personalidade do professor Burel em suas vidas. Com humor e atenção o professor além de ensinar matemática e outras disciplinas curriculares, também fortalecia o respeito à tolerância e à solidariedade, bem como a autoestima das crianças em um ambiente no qual ter liberdade começa por respeitar o outro. A personalidade de Burel, professor a mais de 30 anos de uma escola rural da França, faz com que antigos e novos alunos reflitam sobre si e sobre os outros.

A película *Ser e Ter* (2002) de Nicolas Philibert apresenta-nos o que em um primeiro momento poderia ser o exemplo de um professor idealizado quase como um sacerdote, mas no desenrolar do documentário podemos constatar que não se trata disso. O filme conta a história de um professor que leciona sozinho para alunos de quatro a onze anos em uma única sala de aula de uma escola rural na França dos anos de 1990. Este professor, que tem trinta e cinco anos de experiência em educação e está em vias de se aposentar, mora na escola, dedica-se integralmente a ela, sendo responsável inclusive por questões institucionais. No entanto, este perfil tem como motivação não uma

⁹⁹ Tradução nossa para *Mon Maître d'école*.

vocação, mas o débito do professor para com seus pais e com o Estado, além da satisfação em ver seus alunos reconhecendo-se como futuros docentes.

Os exemplos apresentados são indicativos da emergência do entendimento do papel docente dentro da relação-professor aluno e na sociedade. Por que se escolhe a profissão docente? Como se renova o desejo em sustentar uma mestria enunciativa? De que maneira se engendra um docente?

Para Lajonquière, optar pela docência é reconhecer a dívida contraída quando *infans* no processo de aquisição da fala ou da mestria, na tentativa contínua e infindável de solucioná-la. Este dever ao mesmo tempo que é diminutamente pago a cada vez que o professor endereça sua mestria enunciativa a um aluno, continua perene na medida em que outros alunos se dispõem a escutá-lo. O desejo em manter o lugar de mestria é renovado na relação com o aluno, quando o professor deixa marcas de sua personalidade ao proferir seu discurso, causando por exemplo tensão, embaraço, respeito por parte do aluno. Lajonquière conta que uma ex-aluna o revelou em certa ocasião: “Tinha esquecido como sua fala eleva a temperatura da sala e faz transpirar o auditório!” (LAJONQUIÈRE, 2011, p. 863). Este comentário é mais um exemplo de como a implicação da palavra pelo docente na relação professor-aluno o coloca no lugar de um sujeito possuidor de algo que os alunos desejam. No laço que se forma, o mestre doa o que tomou emprestado e efetiva seu “dever” e o discípulo oferece em troca seu amor (LAJONQUIÈRE, 2013).

Ao escolhermos autores da psicanálise, da sociologia, da filosofia, da pedagogia para discussão do conceito, transitamos por ideias que nos auxiliam a construir uma escrita e um pensamento do que é papel docente nesta tese, que intenta pesquisar o significado que o docente atribui à relação com seus alunos no Facebook, bem como se compartilhar este espaço com eles tensiona seu papel docente. Um dos desafios de uma tese é contribuir para a discussão de conceitos e talvez sua (re)significação de acordo com o contexto e com achados da pesquisa. É uma das intenções deste trabalho.

Desta forma, é mister conjuntamente compreender o lugar da autoridade na relação professor-aluno no Facebook, visto que este site e suas redes sociais representam a liquidez da modernidade de que nos fala Bauman (2011). Liquidez que tem a horizontalidade das relações como uma das premissas. Será que na estrutura da sociedade

contemporânea professores e alunos ocupam o mesmo nível nesta relação? Como os professores gerenciam as formas de estar no Facebook junto com sua audiência discente?

3. 1. 2 Autoridade docente e assimetria pedagógica

“Que é autoridade? ” Esta é a questão central apresentada no terceiro capítulo da obra *“Entre o Passado e o Futuro”* (2007), de Hannah Arendt. Logo no início do seu texto, Arendt alerta o leitor de que há um erro na pergunta: o verbo da frase deveria estar no passado. O debate sobre autoridade docente não é recente, sendo amplamente discutido nos âmbitos social e educacional. Então, por que esta discussão interessa-nos? A questão aqui é entender a função da autoridade dentro da relação professor-aluno em um ambiente não-hierarquizado como o Facebook, que comporta redes sociais que, por sua vez, representam os padrões de relações da sociedade (RECUERO, 2009). De acordo com Lebrum (2009) na atualidade a sociedade não está mais organizada em forma piramidal, em seu lugar presenciamos uma forma rizomática. E neste novo modelo, segundo o autor, não existe mais um papel de destaque para autoridade como acontecia no passado.

Um termo ou conceito é utilizado tantas vezes para propagar inverdades que acabamos por desconhecer seu significado. Por vezes é preciso atualizar, ressignificar ou até mesmo recriar este significado. A autoridade ainda está em funcionamento em nossa sociedade, se não como um valor, está viva como um mecanismo de poder. É necessário coibir a violência e opressão que se transvestem de autoridade. Isso posto, concordamos com Blais, Gauchet e Ottavi (2008) quando sinalizam a emergência da discussão:

Chegou o momento de olhar para ela (a autoridade) com um olhar laico, a uma distância igual da reverência e do horror sagrado. A briga acabou. Não há nem a necessidade de restaurar nem uma ruptura final a consumir. A tarefa que está diante de nós é a de operar a reapropriação crítica da autoridade (p. 148).¹⁰⁰

Ainda que tenham sido escritos há mais de cinquenta anos, os textos de Arendt sobre autoridade e educação mantém a vivacidade característica da obra dos grandes

100 Tradução nossa para: “*Le moment est venu de la regarder d’un oeil laïc, à distance égale de la révérence béate et de l’horreur sacrée. La querelle est close. Il n’y a ni passé à restaurer, ni rupture finale à consommer. La tâche qui est devant nous est d’opérer la réappropriation critique du fait de l’autorité.*”

pensadores da história. Em seus textos, a autora discute questões relevantes para a reflexão sobre educação na contemporaneidade. Para Hannah Arendt a crise da modernidade fez a autoridade, como era concebida até então, ruir. A autora vê a necessidade de recriar um conceito para autoridade e que, apesar de pautado em condições históricas, este seja interpretado de maneira a-histórico. Para Arendt, autoridade se assenta longe da opressão, da força e da violência na mesma proporção que não concebe a igualdade licenciosa. A autoridade é fruto da credibilidade imputada a outrem que se julgue mais experiente naquela situação, estabelecendo-se como uma relação assumida por um e reconhecida e autorizada pelo outro.

Um exemplo que vai na contramão do pensamento de Arendt é o Projeto de Lei 267/11¹⁰¹ da deputada Cida Borghetti (PP-PR). E projeto almejava incluir o artigo 53-A no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), propondo que crianças e adolescentes tivessem a obrigação enquanto educandos de “observar os códigos de ética e de conduta da instituição de ensino a que estiver vinculado assim como respeitar a autoridade intelectual e moral de seus docentes” (BRASIL, 2011), prevendo punições administrativas para os alunos que descumissem a lei. Este projeto apesar de ter sido aprovado por unanimidade na Comissão de Seguridade Social e da Família, foi arquivado em 2015. Configurou-se como mais uma tentativa malograda do Estado ao tentar impor a autoridade docente por meio da força da lei. Neste projeto, o que pudemos observar foi uma manobra autoritária do poder.

É possível notar nos escritos de Arendt a ligação direta que a autora estabelece entre a crise da autoridade e a desvalorização da tradição a partir do século XX. Isso repercutiu em diferentes níveis sociais, por exemplo, no ambiente familiar e na educação.

Arendt (2010) critica o pressuposto de que o ensino tem como centro a criança. Para esta autora alemã, a criança é tão importante quanto o mundo que a recebeu. Este é um entendimento basilar nos seus estudos. O que é preciso ensinar à criança é a relação de amor com mundo e não de consumo dele. Arendt afirma que este é o papel do docente: criar nas crianças o sentimento de pertencimento e compreensão do mundo. Este precisa fazer sentido para os alunos. Então se existe um mundo que é anterior à

101 Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/195755-PROJETO-ESTABELECE-PUNICOES-PARA-ESTUDANTE-QUE-DESRESPEITAR-PROFESSOR.html> Acesso em: 12 ago. 2018.

chegada da criança, existe um passado, existe uma herança, existe uma tradição “que somente pode ser garantida se os que são recém-chegados por nascimento forem guiados através de um mundo preestabelecido no qual nasceram como estrangeiros” (ARENDT 2007, p. 128).

Para Arendt, é por meio da educação que os “recém-chegados” são introduzidos ao mundo que já existe. Conhecer este mundo que comporta também o passado e a tradição é necessário para o conhecimento de si e sentimento de pertença. Somos, todos, pais e docentes, responsáveis por esta apresentação e, à medida que aceitamos esta incumbência, somos alguém que tem algo a dizer que talvez possa interessar às novas gerações. Da aceitação da responsabilidade de educar por parte dos pais e dos mestres e do reconhecimento dos filhos e dos alunos, é que se funda a autoridade. Para Carvalho (2017),

[...] embora destinada a um progressivo desaparecimento ao longo da formação do sujeito, a relação de autoridade entre educador e educando jamais pode ser um elemento acessório ou um recurso eventual enquanto perdura esse processo. Não se pode, pois, escolher entre uma prática educativa com e sem autoridade; a autoridade é consubstancial à educação (p. 54).

Carvalho (2017) aponta que, na atualidade, com a desvalorização da tradição e a queda da autoridade, o docente confronta-se com um “desafio indissolúvel”: educar sem respeitar e referenciar o passado, visto que nos dias atuais se “glorifica sem cessar o consumo e o gozo da vida presente” (p. 54).

Nesse sentido, Birulés (2017) ressalta que, “à medida em que se compreenda que às relações de autoridade oferecem ‘um passado para o futuro’, pode-se considerar que elas ocupam um destacado lugar no âmbito da educação” (p. 127).

Podemos relacionar às questões apresentadas por Carvalho e Birulés ao episódio que aconteceu no dia 18 junho de 2018 e teve repercussão na mídia francesa. Emmanuel Macron Presidente da França, cumprimentava adolescentes na cerimônia em homenagem ao 78º aniversário do discurso do General Charles de Gaulle¹⁰², quando naquela

102 Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/charles-de-gaulle-general-teve-desempenho-estrategico-no-pos-guerra.htm> Acesso em: 13 ago. 2018.

época, convocara os franceses a resistirem e combaterem os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Durante os cumprimentos, um estudante colegial, após cantar o hino socialista da Internacional Comunista, reportou-se ao presidente de maneira bastante informal e até íntima, dizendo: “Como vai, Manu?”¹⁰³. No mesmo instante, Macron, com autoridade, o orientou de maneira firme: “Não, você não pode fazer isso”¹⁰⁴. “Você está em uma solenidade oficial, comporte-se como necessário”. “Você pode fazer besteiras, mas hoje é a *Marseillaise* (hino francês), canção de *Partisans* (música da resistência), então me chame de Senhor Presidente da República ou Senhor.”¹⁰⁵ O Chefe de Estado completa: “E você faz às coisas na ordem correta. O dia que você quer fazer a revolução, você primeiro aprende a ter um diploma e a se alimentar. Ok? E então você vai dar lições para os outros”¹⁰⁶. O adolescente respondeu positivamente e se desculpou.

As câmeras que estavam acompanhando e divulgando o evento registram também este momento da conversa entre o presidente e o adolescente. O caso ganhou repercussão internacional e nas redes sociais na internet há pessoas que “curtiram” e “não curtiram” a postura do presidente. Macron postou o vídeo no seu perfil do Facebook fazendo uma alusão à necessidade do respeito, mas que este pode ser abordado com tranquilidade. A postagem gerou 2.300 comentários, 3.800 compartilhamentos e 813 mil visualizações¹⁰⁷.

Figura 16 - Postagem na página do Facebook do Presidente da França sobre episódio envolvendo adolescente em dia de solenidade francesa.

103 Tradução nossa para: “ça va, Manu?” Disponível em: https://www.lexpress.fr/actualite/politique/emmanuel-macron-reprend-fermement-un-collegien-trop-familier_2018295.html Acesso em: 13 ago. 2018

104 Tradução nossa para: “Non, ça, tu ne peux pas.” Disponível em: https://www.lexpress.fr/actualite/politique/emmanuel-macron-reprend-fermement-un-collegien-trop-familier_2018295.html Acesso em: 13 ago. 2018

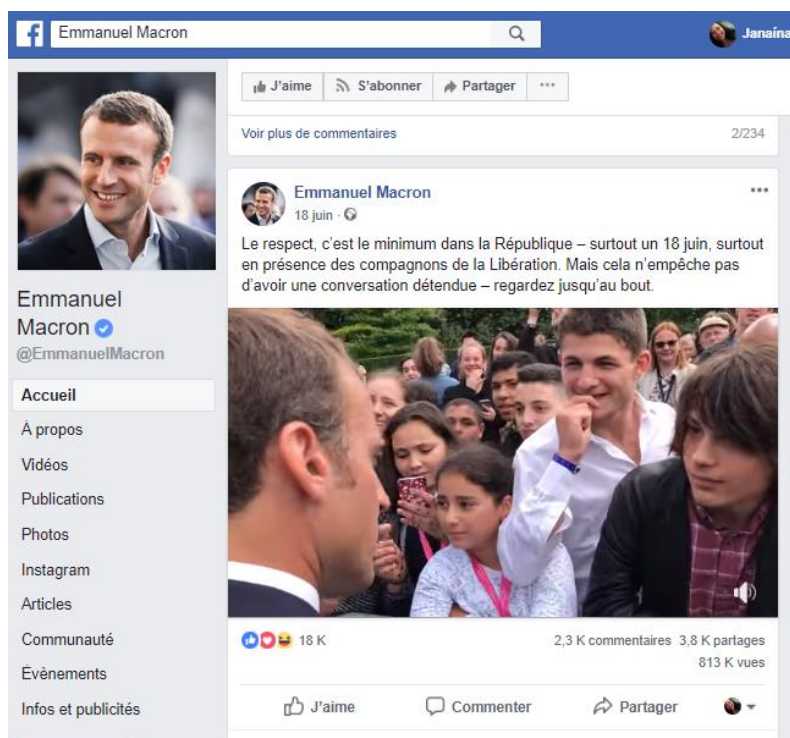
105 Tradução nossa para: “Tu es là, dans une cérémonie officielle, tu te comportes comme il faut. Donc tu peux faire l'imbécile mais aujourd'hui c'est la Marseillaise, le Chant des partisans, donc tu m'appelles 'Monsieur le président de la République' ou 'Monsieur'. Voilà.” Disponível em:

https://www.lexpress.fr/actualite/politique/emmanuel-macron-reprend-fermement-un-collegien-trop-familier_2018295.html Acesso em: 13 ago. 2018

106 Tradução nossa para: “Et tu fais les choses dans le bon ordre. Le jour où tu veux faire la révolution, tu apprends d'abord à avoir un diplôme et à te nourrir toi-même, d'accord? Et à ce moment-là tu iras donner des leçons aux autres.” Disponível em:

https://www.lexpress.fr/actualite/politique/emmanuel-macron-reprend-fermement-un-collegien-trop-familier_2018295.html Acesso em: 13 ago. 2018

107 Observação realizada no dia 12/08/2018 às 14 horas (horário francês). Disponível em: <https://www.facebook.com/EmmanuelMacron/> Acesso em: 12 ago. 2018.



Fonte: Facebook

Macron, jovem presidente com 40 anos, que utiliza as redes sociais na internet para divulgar o trabalho do seu governo e que fez uma *selfie* no mesmo evento com os adolescentes presentes no local, não hesitou em tomar para si o lugar de autoridade assumindo a responsabilidade pela orientação das gerações recém-chegadas neste mundo, mostrando que o passado tem um valor de reconhecer-se pertencente a uma cultura e que este entendimento pode ser um caminho para o futuro.

Figura 17 - *Selfie* do Presidente da França com adolescente na solenidade



Fonte: <https://www.lexpress.fr> Acesso em: 12 ago. 2018

Na visão de Arendt o passado deve ser ressignificado para fazer parte de um novo começo. Destarte, novos significados e novas formas de ser e de estar no mundo são estruturadas na sociedade e a autoridade ganha contornos de emancipação, ou como salienta D’Allones (2006).

O que é a autoridade senão o poder dos começos, o poder de dar aos que virão depois de nós a capacidade de começar por sua vez? Quem a exerce – mas não a possui – autoriza assim aos seus sucessores a empreender por sua vez algo novo, isto é, imprevisto. Começar é começar a continuar. Mas continuar é, também, continuar começando (p. 253).

Segundo D’Allones (2006), tornou-se lugar comum em todas as esferas da sociedade apregoar que estamos experienciando a crise da autoridade. No entanto, este entendimento denota a ausência de compreensão sobre a autoridade e de nossa relação com o tempo, visto que autoridade e tempo estão interligados.

D’Allones argumenta que existe um laço entre autoridade e temporalidade. O tempo é força de autoridade uma vez que as ações humanas estão registradas na temporalidade da história. O que há é a crise das formas convencionais, habituais de experimentar o tempo. Com o advento da modernidade e o movimento de desenlace com a tradição, os projetos de futuro ganharam destaque e o desinteresse pelo passado levou ao ápice a crise da autoridade (D’ALLONES, 2006). A autora concebe a autoridade considerando seu poder de provocar algo novo atrelada à sua estrutura temporal.

Autoridade docente em nada se relaciona com autoritarismo e sim com a busca pelo professor em exercer seu lugar de fala com autonomia, liberdade, empoderamento, propriedade e competência. Então concordamos com Paulo Freire quando ele afirma que “a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor” (2007, p. 92).

Para Freire (2007), a autoridade é uma invenção da liberdade, ou seja, significa que a autoridade do professor é indispensável à liberdade dos alunos, na medida em que a autoridade limita a liberdade e ao mesmo tempo limita a si mesma. Casos extremos nos mostram não somente que, se a autoridade não tiver limites, extrapolará a si e oprimirá a liberdade, mas também que a liberdade não existe sem limites. O limite é o caminho para a disciplina. Se não houver equilíbrio entre autoridade e liberdade, desaparecem a disciplina e a ética. O descompasso entre autoridade e liberdade pode provocar uma

inflação da autoridade o que fará surgir em seu lugar o autoritarismo. Por seu turno, uma liberdade em excesso pode provocar licenciosidade ou espontaneísmo. Freire propõe a autoridade democrática ao estimular a liberdade dos alunos, os desafiando-os a criar e aprender. O professor não deve silenciar a liberdade do estudante nem de si mesmo ou se omitir de seu papel docente. A autoridade democrática favorece a responsabilidade, a liberdade e a autonomia. Este autor sinaliza ainda que, do ponto de vista ético, quando reconhecemos a influência da autoridade das relações interpessoais na liberdade das nossas ações, esta autoridade externa é internalizada e ser livre passa a ser pautado nos limites de respeito de si e do outro.

Consiste em equívoco afirmar que Freire propôs que professores e alunos devam estar no mesmo nível hierárquico. Ao contrário disso, na obra freiriana, o professor é sumariamente convidado a assumir sua autoridade. Uma autoridade democrática que se constitui na construção da sua competência profissional, no respeito à liberdade dos estudantes e no seu compromisso ético com a educação. Destarte, na visão de Freire, o professor é um profissional tecnicamente competente, politicamente definido e ávido por conhecer, sempre refletindo eticamente sobre sua prática.

Para Nóvoa (2013), a questão da autoridade é o coração da ação docente e da atividade profissional. Assumir uma postura polarizada na qual o espontaneísmo está de um lado e o autoritarismo de outro é medíocre, não visão de deste autor. O docente não deve se sujeitar nem cercear a liberdade dos seus alunos, mas emancipá-los. Esta emancipação não se faz sem a autoridade docente que encontra validação por meio do conhecimento, da competência, da verdade, do respeito ao outro. A autoridade docente está a serviço de emancipar o aluno a autorizar-se a uma fala própria. Na tese de doutorado *A autoridade docente e a sociedade da informação: Educação, Crise e Liquidez* defendida em 2016, Soares constatou que os professores da sua pesquisa sinalizaram que “a compreensão do outro como parte diretamente envolvida no ato educativo parece acomodar, de maneira mais harmoniosa, as relações de autoridade” (p. 252) e que esta postura assumida pelos professores seria uma estratégia criada por eles para assegurar o lugar da autoridade docente.

Tardif (2003) trata em suas pesquisas da autoridade pelo viés do respeito sem coerção e apresenta três instâncias da autoridade docente: a) autoridade tradicional, vinculada à condição de adulto do professor em relação às crianças e aos adolescentes ou à condição de mestre outorgado pelo estabelecimento educacional; b) autoridade carismática, relacionada às características particulares da personalidade do professor que captura o interesse dos alunos; c) autoridade racional-legal, pautada na regulamentação organizacional da escola e da sala de aula.

Tardif (2003) chama atenção para a importância da "personalidade" como princípio de êxito com os alunos. O docente que consegue imprimir suas características pessoais pode ser respeitado e até amado por seus alunos, visto que provavelmente deixará algo de idiossincrático e inquietante na relação. Como afirma Lanjonquière (2011), estas características particulares da personalidade do docente enlaçam e embaraçam os alunos em uma *“mestria enunciativa”* (p. 856. Grifos do autor).

Mesmo sendo docente, sou um sujeito e, também, um indivíduo. Portanto, não tem como assumir posturas diferentes, na rede, para cada um destes “papéis sociais”. Quando se é sincero com o que se posta e como se interage, como tento ser, a relação com os alunos, torna-se uma relação saudável: mesclando formalidade e informalidade, comunicação e informação, alegrias e tristezas, verdades e possíveis mentiras (sim. Porque há que se provocar, também, o pensamento). Não possuo uma *fan-page* pessoal e outra de professor: é a mesma. (Professor Heráclito)

Ao discutirmos autoridade docente devemos considerar a importância atribuída responsabilidade do professor e reconhecimento dessa autoridade por parte do aluno. É preciso ressaltar mais uma vez que, ao tomar para si a responsabilidade da educação, o adulto faz surgir a autoridade que é reconhecida pelo aluno. A relação professor-aluno fundada pela autoridade docente é marcada pela assimetria, e dura o tempo que os atores sociais desejarem permanecer no jogo. Está filiação é necessária no intuito de criar bases para a autonomia do sujeito. Segundo Bauman (2011), a trilha cognoscente da humanidade apresenta duas facetas: o investimento em conhecer e em representar o mundo e o intento de elaborar parâmetros deste mundo que sirvam para o desenvolvimento dos sujeitos. E este desejo pelo conhecimento do mundo não é motivado por ques-

tões de sobrevivência, mas por amor (VOLTOLINI, 2007). Para Voltolini (2017), a autoridade docente é concebida como autoria, na medida em os professores “escrevem” seus alunos em conjunto com o próprio discente. Esta autoridade autoral proporciona ao aluno emancipar-se, desta forma ela é útil para logo depois, quando o aluno se apropria do mundo atribuindo sentido a ele e o ressignificando, tornar-se inútil.

Destarte, a autoridade que permeia a relação professor-aluno só pode ser concebida como “(...) consubstancial à educação” (CARVALHO, 2017, p. 54) e o que está posto é a continuidade da sociedade humana, em movimentos tanto biológicos quanto culturais (BLAIS, GAUCHET e OTTAVI, 2008), pois nós estamos em um constante devir que se constitui na relação com o mundo passado e o mundo futuro.

* * *

O futuro foi agora. Tudo é invenção.

Lenine.

Ao pensar em docentes conectad@s, remetemo-nos ao conceito de “invenção de si” de Virgínia Kastrup (2007) no sentido de (re)pensar o papel docente partindo do (re)conhecimento de si como professor. Seria pertinente considerar o conceito de Kastrup sobre invenção para pensar em novas formas de ser e de estar no mundo sendo um docente conectad@? “(...) não há nenhuma questão de dificuldade nem de compreensão: os conceitos são exatamente como sons, cores ou imagens, são intensidades que convêm a você ou não, que passam ou não passam (...)”, (DELEUZE; PARNET, 1998, p.10). Estes autores podem nos auxiliar a deslindar que o que singulariza uma escrita são também as escolhas conceituais realizadas. Destarte, pensar o papel docente fundado na capacidade de resolver os problemas da sua profissão com inventividade, não significa reinventar o que já existe, mas reinventar-se a si como docente na prática diária das situações-problema e suas possíveis problematizações e soluções.

Este reinventar-se acontecerá em um processo colaborativo no qual tanto professores quanto alunos interajam, possam ter voz e dar sentido e significado às suas ações dentro da relação. A colaboração é atravessada pela autonomia dos sujeitos que trabalham em coautoria, com criatividade, (re)significando o mundo a sua volta (ALVES, 2012).

O papel docente está relacionado à possibilidade de potencializar a cognição inventiva tendo como ponto de partida a compreensão de si e do cenário sócio-político - cultural que estamos imersos. Esses elementos criam condições de sustentar sua “mestria enunciativa” (LAJONQUIÈRE, 2011) nos espaços de incertezas, de instabilidades e de liquidez que possam ter abrigo no cerne das questões que envolvem pensar o papel docente na contemporaneidade.

Para Kastrup (2007), invenção é problematização - é da ordem do ilimitado, do aberto. Como salienta Freire (2007) todo ser humano é inacabado e a invenção só é possível diante de sistemas que estão se elaborando e se reelaborando continuamente. Invenção não se caracteriza apenas como uma ação psicológica, e sim como potência que a cognição tem de diferir de si mesma - força que perpassa todas as ações psicológicas (KASTRUP, 2005). Assim, a inventividade permanente está associada à ideia da experiência do sujeito e da produção sensível de saberes no campo político, estético, linguístico, tecnológico, econômico etc, que se alternam todo o tempo constituindo o sujeito e sua subjetividade. Somos o resultado do nosso processo inventivo na relação com o outro, produzindo novas e infindáveis formas de ser e de estar no mundo.

3 . 2 “Mesmo não exercendo atividade docente naquele momento, sou um docente”¹⁰⁸: relação professor-aluno.

A relação entre professores e alunos é tema de interesse social muito antes do advento da rede mundial de computadores. A família, a igreja e o Estado desde longa data se ocupam em observar, fiscalizar e regulamentar esta relação. Temos nos registros literários casos de professores e seus alunos que transgrediram os limites permitidos em suas épocas.

Heloisa e Aberlado é um famoso casal francês que assim como Romeu e Julieta, na Itália, Tristão e Isolda, na Grã-Bretanha tem em comum histórias de amor e tragédia, porém o romance entre eles apresenta um diferencial: eles eram professor e aluna. Paris do século XII, final da Idade Média e início do Renascimento é o cenário desta história trágica que envolve a discussão que nos é cara neste trabalho. A igreja católica mantinha

¹⁰⁸ Fala do professor Heráclito (sujeito da pesquisa).

o monopólio sobre a educação naquela época e instituíu orientações normativas. Uma delas é que se constituiria em crime o envolvimento amoroso entre professores e alunos.

Abelardo era um brilhante filósofo de trinta e seis anos reconhecido e amado por seus discípulos. Foi contratado para ser mestre de Heloísa, dezoito anos mais nova que ele. O tio de Heloísa, Canon Fulbert, confiou sua sobrinha aos cuidados pedagógicos de Abelardo e como pagamento hospedou o professor em sua própria casa em Paris.

Logo nas primeiras aulas surgiu um amor platônico entre professor e aluna, seguida do amor carnal, que resultou em um filho. Os dois fugiram e se casaram, porém, o tio de Heloísa vingou-se do professor e além de denunciá-lo à igreja católica também o castrou. Impossibilitados de viver o amor ilícito e ilegal, Abelardo e Heloísa viveram até o fim dos seus dias trocando cartas de amor, porém sem se falarem presencialmente.

Dando um salto do século XII para o século XXI, já na era da conexão digital encontramos outros casos nos quais o Estado regulamenta a relação entre professor e aluno, mas desta vez tendo com cenário da internet. No estado de Missouri, Estados Unidos, foi criada em 2011 a Lei *Amy Hestir Student Protection*¹⁰⁹ que proíbe relações virtuais de professores com seus alunos fora dos espaços públicos. A lei surgiu por que uma aluna chamada *Amy Hestir* foi assediada sexualmente por seu professor após contato dos dois na internet. Esta lei sofreu uma revisão e o Estado delegou às escolas a obrigação de criarem políticas de prevenção contra relações “inapropriadas” entre professores e alunos na web.

O Estado alemão de Baden-Württemberg, em 2013, também instituiu medida de proibição idêntica à de Missouri no sentido de garantir a segurança de dados de alunos e de professores apresentando como argumento o zelo com a vida privada. Além disso, outro item que circulou no debate que esta medida trouxe é que nenhuma pessoa deve ser obrigada a criar um perfil em uma rede social para poder participar de atividades escolares. A distância pedagógica ou assimetria pedagógica também foi apresentada como fator importante e que corre risco, segundo o Estado alemão, de diminuir ou desaparecer quando professores e alunos interagem no Facebook¹¹⁰.

109 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/alunos-e-professores-amigos-no-facebook> Acesso em: 09 jul. 2018.

110 Estado alemão proíbe contato entre professores e alunos no Facebook, Deutsche Welle, Alemanha. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/estado-alem%C3%A3o-pro%C3%ADbe-contato-entre-professores-e->

Em 2015 no Brasil tivemos uma iniciativa feita pelo Deputado Federal Décio Lima (PT - SC). Seu Projeto de Lei nº 955¹¹¹ sustentado na Lei nº 12.965/2014, que estabelece direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil, foi devolvido e o parlamentar não apresentou recurso. A proposta não foi aprovada tomando-se como base o que reza a Constituição Federal Brasileira¹¹²:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:
IX - É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

No Brasil, além da tentativa descrita acima observamos instituições de ensino dedicarem-se a normatizar a relação entre professores e alunos na internet em especial nos sites de redes sociais. Escolas particulares criam seus manuais, orientam e até ditam se o professor pode ou não ter alunos em seus perfis particulares. Presenciamos o crescimento do uso das redes sociais como espaço criado para fins pedagógicos, mas também notamos o crescimento de professores que “aceitaram” ou solicitaram amizades de seus alunos no Facebook utilizando seus perfis pessoais. Estas ações e comportamentos podem ter repercussões sobre a imagem do papel docente na sociedade.

Pesquisas brasileiras debruçaram-se em investigar os possíveis desdobramentos da relação de professores e alunos na web. Uma dessas pesquisas é tese de doutorado Scr@ps de ódio do Orkut: *cyberbulling, contextos e ressonâncias da violência virtual que atinge o professor* (ROCHA, 2010) que nos apresenta uma discussão sobre *cyberbulling*¹¹³ no contexto da relação professor-aluno. O *bulling* que já acontecia dentro dos muros escolares ganha mais amplitude, visibilidade e agressividade na internet. Grupos de ódio e desrespeito aos docentes são criados nos sites de redes sociais com o intuito tão somente de agredir os professores. O *cyberbulling* é um exemplo de desdobramento da

[alunos-no-facebook/a-16985366](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1194290) Acesso em: 10 jul. 2018.

¹¹¹ Disponível em: <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=1194290> Acesso em: 10 jul. 2018

¹¹² Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 10 jul. 2018

¹¹³ Violência praticada contra alguém na internet.

relação professor-aluno nas redes sociais na internet mesmo quando um dos sujeitos não têm perfil na rede.

Mas os exemplos não só apenas negativos, existem pesquisas que abordam a relação professor-aluno no processo de aprendizagem que emergiu nas redes sociais como sinaliza a dissertação de mestrado chamada *Aprendizagem em rede: novos olhares sobre o Orkut* (SANTANA, 2008). A autora apresenta em sua pesquisa potencialidades que foram observadas a partir das interações dos sujeitos no Orkut¹¹⁴: A exemplo de “Analisar opiniões dos outros usuários para compreender o mundo como um todo; respeitar a diversidade e construir argumentações; criar comunidades para discutir assuntos específicos; ressignificar o discurso do outro” (2008, p. 161).

Podemos constatar que estes exemplos se ocupam da relação entre professores e alunos. Entendemos relação professor-aluno como a interação interpessoal desses atores. Portanto nos ocupamos nesta tese do que está no meio, o relacional entre professores e alunos, no Facebook, na perspectiva dos docentes conectad@s. Alex Primo em sua clássica e elucidativa obra *Interação mediada por computador: Comunicação, Cibercultura, Cognição* (2007) evidencia a necessidade de se pesquisar a interação entre os interagentes mediada pelas tecnologias digitais no contexto da cibercultura. As redes sociais na internet não devem ser explicadas isolando-se os atores cada um em um dos polos de emissão. Estas redes são formadas e permanecem vivas na interação entres estes atores independente dos laços sociais que possuam (PRIMO, 2007).

Para Recuero (2009) as interações compõem a consciência de mundo do sujeito sendo influenciado e estimulado por elas. As interações e conexões entre os sujeitos promovem a emergência de novos comportamentos sociais que direcionam o mundo para novos caminhos (LÈVY, 1999).

O que Lèvy sinaliza foi confirmado pelos professores pesquisados neste trabalho. Todos os docentes conectad@s afirmaram que as interações proporcionadas pelas conexões estabelecidas no Facebook influenciam o seu cotidiano, suas relações interpessoais, econômicas, religiosas. Mesmo que não se deseje ou possa estar conectado digitalmente, as maneiras de se relacionar e resolver a realidade cotidiana perpassam por uma lógica das conexões em rede, como um rizoma.

114 Site de rede social muito popular criado em 2004 e desativado em 2014.

A responsabilidade em conduzir os caminhos da relação professor-aluno no Facebook é tarefa do docente.



**Compartilhamento
e análise dos dados**

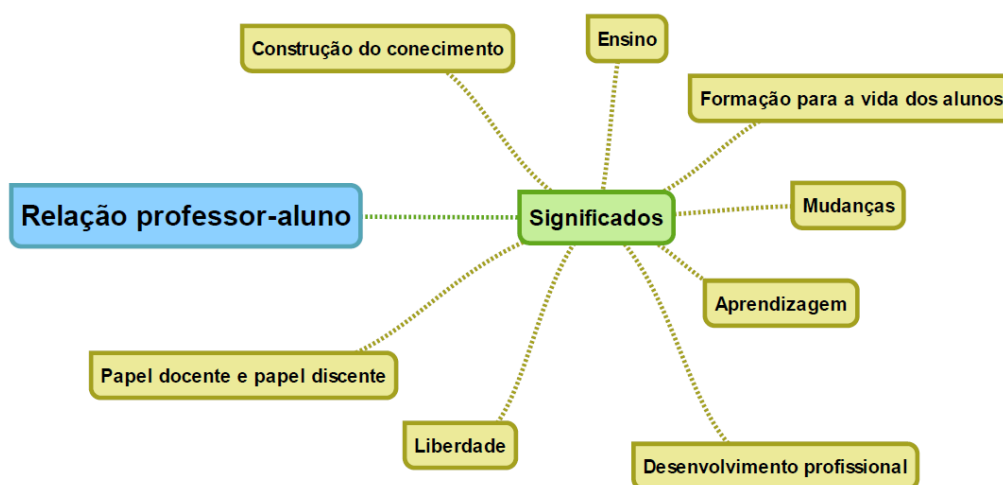
4 COMPARTILHAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

O amor pelo conhecimento é o que explica a docilidade do pesquisador frente aos rigores da ciência, principalmente aos rigores do método (SANTAELLA, 2018, TVPUC)¹¹⁵

A relação entre professores e alunos não se configura como dado empírico fechado, objetivo, positivo, antes se evidencia em uma infinidade de formas de existir, de se interconectar, de se narrar e de se constituir com diversos significados. Destarte, capturar por meio da observação e da escuta os significados que professores atribuem a relação com seus alunos no Facebook foi desafiador e instigante, principalmente considerando-se a assimetria pedagógica.

O conceito de significado assumido neste trabalho está na dimensão da esfera social personificado por construções intersubjetivas, históricas e sociais. Desse modo, um significado pode ser aceito de maneira consensual histórica e culturalmente, mas [pode] fazer um sentido diferente para algumas pessoas, individualmente. (MIARKA, 2008, p.46)

Figura 18 – Mapa mental sobre os significados atribuídos pelos docentes a relação com seus alunos no Facebook.



Fonte: Própria

O mapa mental acima sinaliza que para os docentes conectad@s a relação com

¹¹⁵ Aula Magna “A pesquisa como forma de vida” proferida na PUC – SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j608M-UQt6I> Acesso em: 09 Ago. 2018

seus alunos é concebida e mediada por valores ligados à condição profissional que os une. Todos os significados estão na dimensão pedagógica. Mesmo o significado liberdade faz parte do contexto da aprendizagem.

Dos relatos dos sujeitos resultantes da entrevista e da observação realizada nos seus perfis no Facebook, constatamos que os professores entendem que o papel docente neste site de redes sociais não deve ser muito diferente deste mesmo papel na sala de aula presencial. Questões como limite, privacidade, imagem docente, amor, representatividade, educação não formal, assimetria pedagógica entre outras emergiram neste cenário e irão compor a discussão deste capítulo.

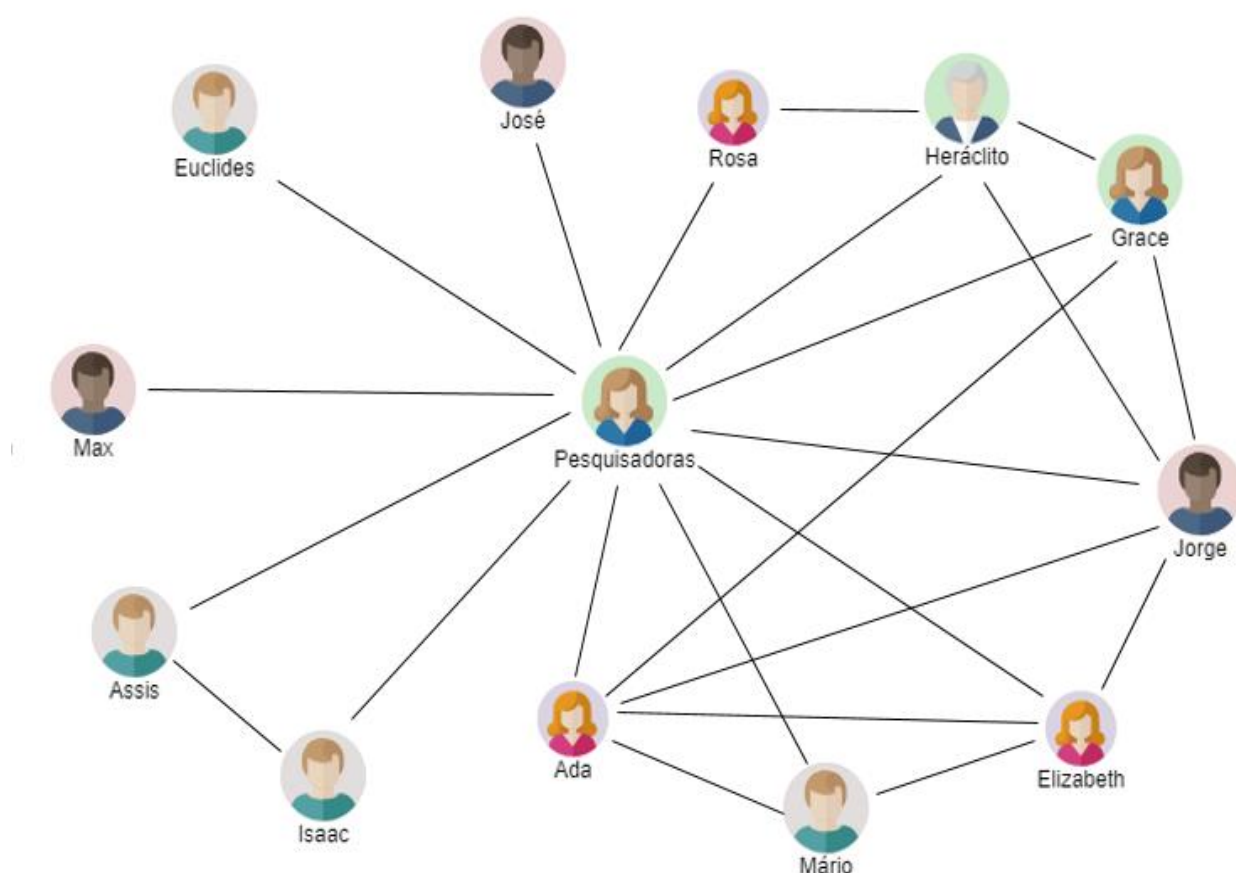
Alguns procedimentos foram adotados no sentido de definir o formato de apresentação da análise dos dados aqui descritos. Entre eles destacamos a intenção de garantir a veracidade e integridade das falas dos sujeitos. Sendo assim, toda transliteração que compôs este trabalho foi realizada *ipsis verbis*, ou seja, todas as transcrições dos discursos dos sujeitos foram feitas sem adaptações, correções ou interferências de quaisquer naturezas.

Outra medida adotada foi a escolha em não revelar o nome dos docentes conectados, mesmo eles estando de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e compartilhando suas ações em um ambiente público que é o Facebook. Optamos por criar pseudônimos para nomeá-los e preservar suas identidades. Esta opção, obviamente, não tem a intenção de englobar a diversidade e pluralidade de seus perfis, apenas e tão somente buscam representar uma nuance dos mesmos na visão das pesquisadoras. Os pseudônimos foram escolhidos tomando como base personagens relevantes da história das áreas de atuação dos sujeitos desta tese somado às características observadas em seus perfis no Facebook.

Desta forma Isaac, Assis, Max, Heráclito, Euclides, Ada, Grace, Mário, Elizabeth, Rosa, José e Jorge são os nomes fictícios dos professores e das professoras de acordo com suas características profissionais e pessoais observadas no perfil no Facebook.

Como podemos observar no sociograma abaixo que os professores estão conectados ao nosso perfil no Facebook e muitos deles também apresentam ligações entre si, podendo ser constituídos por laços fortes ou fracos.

Figura 19 – Sociograma representando da rede social pesquisadoras –sujeitos e sujeitos-sujeitos.



Fonte: Própria.

4. 1 Compartilhando a observação.

Em novembro de 2016 realizamos a observação dos perfis de 22 indivíduos em suas páginas do Facebook. A observação foi realizada de maneira manual nos turnos matutino e vespertino em incursões diárias durante o período. Observamos o conteúdo das postagens dos docentes, os comentários realizados em seus próprios *posts* ou de outras pessoas e quaisquer outras manifestações, ações e interações no Facebook. Para nos auxiliar nesta observação, elaboramos o instrumento Roteiro de Observação (Tabela 1) que vislumbrou perceber:

- o nível de conectividade do professor (alta, média, baixa);
- os laços sociais entre alunos e professores no Facebook (laços fortes ou fracos);
- os sentimentos que sustentam estes laços;

- a interação professor-aluno;
- a interação do professor na rede;
- as postagens do professor;
- a gestão da própria imagem pelo docente;
- o conteúdo das postagens;
- a interseção realizada pelo docente entre o Facebook e outros espaços;
- os significados atribuídos pelos docentes à relação com seus alunos.

A observação em *locus* nos proporcionou conhecer o perfil dos sujeitos no Facebook e desta forma, conhecer também o sujeito, uma vez que nesta pesquisa o ciberespaço é o ambiente de interação e de ação dos professores pesquisados. Destarte, a rotina de postagens, os gostos, os conteúdos mais abordados e as formas de abordagem, o nível de conectividade, a interação com seus pares, seus familiares, amigos e com seus alunos no Facebook nos dá subsídios para construir um perfil dos sujeitos.

A definição do perfil foi condição *sine qua non* para a construção do *corpus* desta pesquisa, visto que ao observarmos e descrevermos os gostos, interesses, comportamentos e interações dos professores na rede, identificamos o nível de conectividade desses sujeitos, as formas de interação, as pessoas com as quais interagiram, bem como tivemos dados para elaborar a entrevista semiestruturada.

A maioria das variáveis do roteiro de observação foi possível de ser constatada. Outras como por exemplo, os sentimentos que sustentaram os laços sociais entre professores e alunos e os significados atribuídos pelos docentes à relação com seus alunos, só foram possíveis de serem compreendidas com mais clareza quando a entrevista semiestrutura foi realizada.

Verificamos que entre os 22 professores observados houve variação significativa de postagens e de comentários na rede, ou seja, tinham professores que apresentavam alto nível de conectividade e outros que não postaram nem comentaram nada no período de observação. O nível de conectividade foi a variável eleita para delimitar o *corpus* da pesquisa. Desta forma, como já explicitamos no capítulo metodológico, os 12 professores com maior nível de conectividade são os sujeitos que compõem o *corpus* da tese.

Outra constatação após o período de observação concerne aos laços entre professores e alunos. Os laços que poderiam ser fortes ou fracos foram identificados nesta pesquisa como fracos, o que depois foi confirmado quando escutamos os professores durante as entrevistas. As ligações entre alunos e professores na rede apresentaram conexões com menos intimidade e proximidade que outros laços sociais dos professores com seus amigos e familiares. Destarte, são laços fracos de acordo com a classificação de Granovetter (1973 e 1983). No entanto apesar dos laços serem considerados fracos não significa que não há afetividade na relação professor-aluno no Facebook.

Algumas postagens foram observáveis e definidas com facilidade, outras devido a sua complexidade, apontavam para temas diversos. Vários foram os conteúdos que emergiram das postagens dos sujeitos: religião, sexualidade, racismo, amor, política, humor, natureza, esporte, culinária, educação, comentários da vida pessoal e cotidiana. Alguns desses temas surgiram com mais frequência demonstrando o interesse dos professores, como podemos observar na nuvem a seguir:

Figura 20 - Nuvem de temas que mais surgiram durante a observação¹¹⁶



Fonte: Própria com base na etapa de observação

¹¹⁶As palavras que estão em tamanho maior na imagem são os temas que mais foram abordados nas postagens dos sujeitos da pesquisa.

Catalogar todos os assuntos que saltaram das páginas dos sujeitos observados constituiu-se em árdua tarefa, já que não identificamos naquele momento nenhum programa ou software que pudesse ser utilizado para quantificar as postagens muito menos catalogar os temas que emergiram. A observação realizada no *locus* possibilitou uma gama de informações sobre os sujeitos-interatores. Foram muitas e diversas as formas de postagens na rede. Destarte, foi necessário criar estratégias de catalogação dos conteúdos com fito de não fugir do tema e sendo o mais fieis possível ao que os sujeitos postaram. Fotos, desenhos, charges, vídeos, atuaram como veículo para a introdução dos assuntos postados e foram oferecendo subsídios para que pudéssemos responder a algumas das questões postuladas no roteiro de observação. Diante não só da quantidade, mas principalmente da diversidade de conteúdos que circularam nas postagens dos docentes, fizemos um recorte dos temas mais abordados. São eles: religião, racismo, educação, vida pessoal, amor, culinária, esporte, política, sexualidade, natureza e humor.

- Empoderamento de pessoas negras em resposta a ações de racismo que ocorreram na mídia, a exemplo de casos com jornalistas, atores e atrizes e jogadores de futebol que foram insultados nas redes sociais por serem negros. Também foram assuntos que estiveram na pauta no tema racismo postagens de conscientização sobre o fato de o racismo ser crime inafiançável. Pouca presença de negros na televisão, relatos de ordem pessoal de pessoas que sofreram racismo ou tiveram seus entes envolvidos em situações de discriminação racial e combate ao preconceito ao cabelo do negro.

Figura 21 – Postagem do professor Max sobre o tema racismo.



Fonte: Facebook

- O tema religião emergiu em *posts* de imagens de santos, em orações, comentários sobre preconceito e intolerância religiosa, vídeos sobre diferentes religiões, mensagens de fé. Alguns professores eram protagonistas da ação que envolvia a religião e isto também foi compartilhado no Facebook.

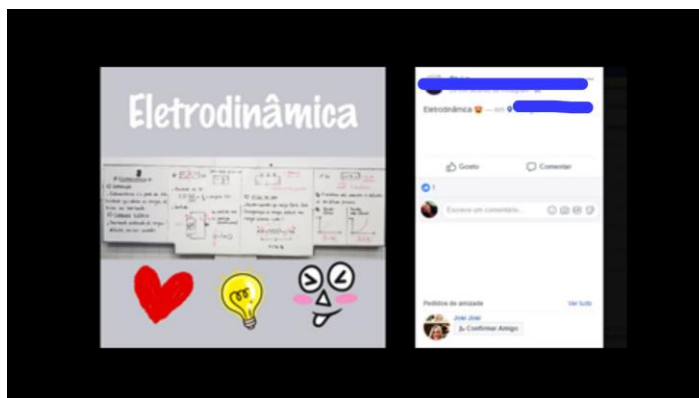
Figura 22 – Postagem do professor José sobre o tema religião.



Fonte: Facebook

- Eventos na área foram as informações que mais circularam sobre o tema educação. Existiram também comentários sobre leis e emendas de leis, escândalos envolvendo governos (em quaisquer esferas), o descaso com a educação escolar, relatos profissionais de experiências exitosas, desabafos de docentes, salário dos professores, manifestações que ocorreram no Brasil em defesa da educação escolar no país, editais de fomento, divulgação e propagação de cursos e concursos, informes aos alunos sobre textos e/ou atividades a serem realizados no espaço online ou presencial. Postagens sobre assuntos relacionados às aulas e às atividades com seus alunos seja no espaço do Facebook ou fora dele, principalmente em sala de aula, neste momento muitas vezes as instituições nas quais trabalham ganharam evidência e visibilidade. Neste tema podemos sinalizar que os achados observados respondem às questões lançadas no roteiro de observação, tais como citar seus locais de trabalho, incentivar as discussões sobre educação, promover a circulação de informações sobre educação.

Figura 23 – Postagem do professor Isaac sobre o tema educação.



Fonte: Facebook

- Cotidiano e rotina dos professores foram observados por meio de postagens sobre o que as pessoas estavam fazendo onde e com quem. Ir à academia, festas, shows, trabalho, faculdade etc sempre ganham o interesse da maioria que navega no Facebook. Neste tema as fotos têm destaque especial: registro imagético dos filhos, dos lugares onde estão passando férias, atividades temporárias em lugares diferentes do seu cotidiano, viagens românticas ou com amigos. Todos esses acontecimentos ganham maior notoriedade com a possibilidade de se capturar aquele momento inesquecível e que todos precisam saber. Ainda dentro desta lógica, podemos ressaltar a elaboração dos vídeos pessoais e claro a *selfie*¹¹⁷. De acordo com Balakrishnan e Griffiths a *selfie* “é uma ação auto-orientada que permite aos usuários estabelecer sua individualidade [...] e autovalorização [...]” (2017, p.03)¹¹⁸. Tornou-se prática quase que obrigatória quando o assunto é vida cotidiana e popularidade. Registrar e compartilhar sua imagem em vários momentos, inclusive íntimos, faz parte da cultura da conexão e da necessidade de visibilidade das pessoas. Ainda segundo Balakrishnan e Griffiths,

A ação de tirar *selfies* não é uma ação independente porque assume outras dimensões quando é compartilhada por meio da mídia social. Tais ações

¹¹⁷ “A photograph that one has taken of oneself, typically one taken with a smartphone or webcam and shared via social media.” Tradução nossa:

Uma fotografia que alguém tira de si, normalmente uma foto tirada com um *smartphone* ou *webcam* e compartilhada via mídia social. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com> Acesso em: 15 abr. 2018

¹¹⁸ Texto original: “The taking of selfies is a self-oriented action which allows users to establish their individuality [...] and self-importance[...].” Tradutor: SOUZA SOBRINHO, E. C.

permitem àqueles que tiram *selfies* se apresentem de maneira gradual. Nos últimos anos, tirar *selfies* tornou-se uma atividade incrivelmente popular, muitas vezes tornando-se viral quando compartilhadas por meio dos domínios da mídia social[...]" (2017, p. 02)¹¹⁹.

Este tema sempre tinha muita audiência, recebendo inúmeras curtidas e comentários.

Figura 24 – Postagem do professor Jorge sobre o tema vida pessoal

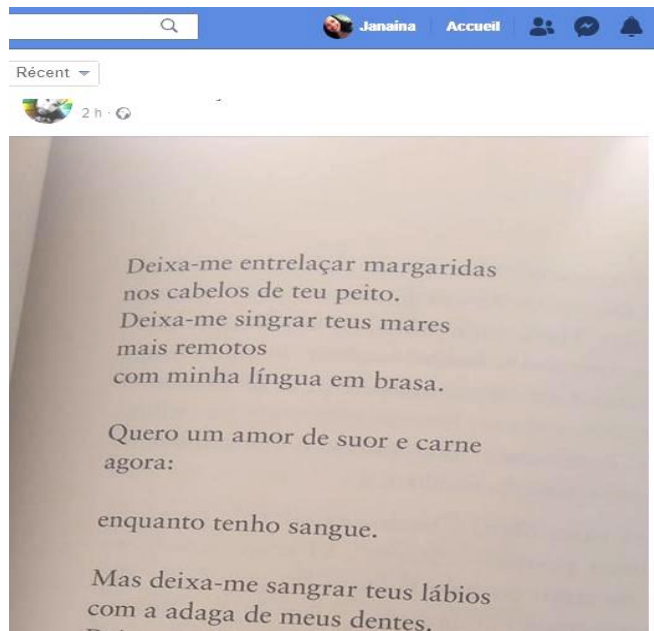


Fonte: Facebook

- Mensagens de amor também circularam muito na rede dos sujeitos desta pesquisa. Eram declarações de amor a alguém ou mensagens que pediam mais amor no mundo, nas relações. A palavra amor foi amplamente citada e mesmo quando não era explícito, podíamos identificá-la através de vídeos, imagens, comentários compartilhados com público.

¹¹⁹Texto original: “The taking of selfies is arguably not a stand-alone action because it takes on other dimensions when it is shared via social media. Such actions enable selfie-takers to present themselves in a controlled way. In recent years, selfie-taking has become an incredibly popular activity often going viral online when sharing selfies via social media domains.” Tradutor: SOUZA SOBRINHO, E. C.

Figura 25 – Postagem do professor Max sobre o tema amor.



Fonte: Facebook

- Pudins, bolos, tortas diversas, sucos, comidinhas de fim de tarde este é um do pouco do cardápio que era oferecido aos olhos e imaginação das pessoas que faziam parte da rede dos sujeitos pesquisados. Culinária foi um tema muito apreciado pela audiência. Muitos eram os comentários quando se tratava de comida. A impressão é que estávamos na cozinha ou na sala da pessoa que postava e a união em torno das iguarias era significativa. E por que a palavra culinária e não comida para nomear este tema? Por que além de “oferecer” o que se estava comendo, existia uma troca de receitas, modos de fazer e por vezes a origem dos pratos, o que movimentava muito a rede. Degustar iguarias (mesmo que inicialmente com os olhos) realmente é algo que mobiliza e agrega as pessoas. Professora Grace era uma das que mais postava este tema, e sempre muito feliz em terminar seus finais de tarde com um chá, por exemplo. O que pudemos verificar aqui também foi o alcance das postagens: observando os comentários verificamos que existiam pessoas que eram marcadas e não faziam parte da rede do sujeito que fez o *post*. Estas pessoas também marcavam outras que quando podiam (caso a postagem fosse pública) faziam comentários e marcavam outras pessoas.

Figura 26 – Postagem da professora Grace sobre o tema culinária.



Fonte: Facebook

- O tema esporte surgiu nos perfis, na maioria das vezes, abarcando partidas de futebol regionais. Questões como investimento público e segurança dos brasileiros durante eventos esportivos igualmente tiveram espaço nas postagens. Atividades físicas realizadas pelos professores figuraram entre as publicações sobre este tema.

Figura 27 – Professor Assis compartilhando sua rotina de exercícios físicos.

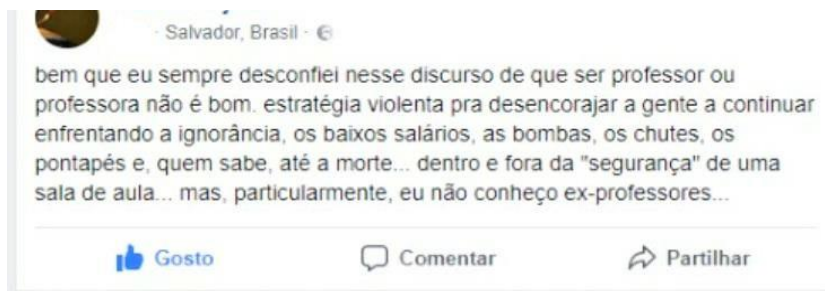


Fonte: Facebook

- O cenário político do país, dos estados e dos municípios foi alvo das postagens. Manifestações tanto de apoio e de descontentamento com governo vigente foram expressas. Informações, opiniões, críticas, elogios e discussões aconteceram no período de observação. Foram feitos muitos compartilhamentos, particularmente

com humor como suporte para abordagem dos temas políticos nacionais e internacionais.

Figura 28 – Postagem do professor Heráclito sobre o tema política.



Fonte: Facebook

- Sexualidade é um termo muito utilizado que abrange uma variedade de significados. É um traço muito íntimo do indivíduo onde tudo pode ser relativo. Desta forma, classificar postagens neste tema foi mais um desafio neste trabalho. Foram fotografias, vídeos, comentários, imagens de partes do corpo humano (inclusive genitais), imagens e postagens sobre os corpos.

Figura 29 – Postagem do professor Max.



Fonte: Facebook

- Postagens com cenas de tragédias ambientais, comentários e informações circularam bastante na rede no período sobre o tema natureza. A maioria cobrava das autoridades locais e federais satisfações, soluções e respostas para todos os desastres ambientais que ocorreram nos últimos anos. Nossos sujeitos, como parte desta rede, expressaram sua indignação, solidariedade, aflição, espanto com muito *posts* e compartilhamentos. Além dos desastres ambientais, assuntos como defesa dos animais, preservação da natureza, fruição de flores e animais também foram assuntos catalogados. Ressaltamos significativa circulação de postagens com fotos de paisagens do cotidiano do sujeito e de seus animais de estimação.

Figura 30 – Postagem do professor Euclides sobre o tema natureza.

Quando o sol se põe, só resta agradecer!!!
#sunset #pordosol



Fonte: Facebook

- Observamos duas situações sobre humor nas postagens dos professores. Muitas vezes o próprio sujeito era alvo do seu humor, fazendo graça do que dizia ou de uma situação divertida que vivenciou ou estava vivenciando. Outras vezes percebemos que os sujeitos tinham como objeto da graça outras pessoas, famosas (da mídia) ou não. Quando a alusão é ao cômico as opções de como as pessoas estão se sentindo que o Facebook oferece ajudam a compor o *post*. O humor transita fortemente na rede como pano de fundo para abordar diversas questões da contemporaneidade e nossos sujeitos utilizaram

amplamente deste dispositivo para expor seus pensamentos e sentimentos. O humor foi observado também nos outros temas que emergiram durante a observação, principalmente quando se tratava de política, o que nos indica que essas pessoas abordavam a maioria dos assuntos com humor.

Figura 31 – Postagem do professor Heráclito sobre o tema humor.



Fonte: Facebook

Percebemos que o tema mais citado nos *posts* durante o período da observação foi religião. Acreditamos que todos os assuntos postados pelos professores são importantes para a sociedade, no entanto, para o encaminhamento deste trabalho, voltamo-nos para nossa área de formação e pesquisa – **educação**.

A observação e identificação dos temas nos possibilitou alcançar o primeiro objetivo específico proposto nesta tese, que é identificar o perfil de conectividade dos professores para compreender como eles se apropriaram do Facebook. Esta etapa da pesquisa contribuiu para a elaboração de uma matriz do perfil de cada docente conectad@, considerando duas dimensões: comportamental e de usabilidade.

Tabela 4 – Matriz tipológica dos perfis dos docentes conectad@s

Comportamental	Usabilidade
Ativista	Entretenimento
Crítico/reflexivo	Política

Narcísico ¹²⁰	Pedagógica
Comunicante	Projeção pessoal
Humorístico	Projeção profissional

Fonte: Própria

Com base na matriz tipológica dos perfis dos docentes concetad@s apresentamos os sujeitos da pesquisa:

Por uma vida que transforme outras vidas! (Professor Max, FACEBOOK).

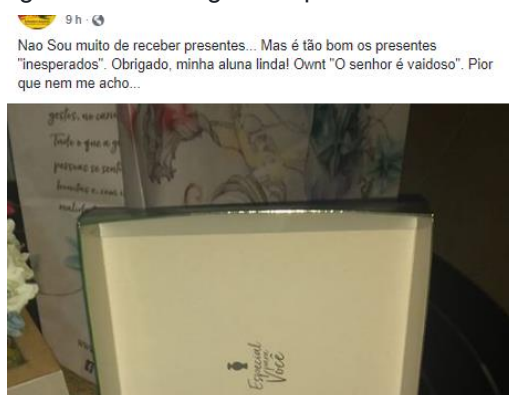
Max é psicólogo clínico, mestre em psicologia e professor de faculdades particulares da cidade de Salvador. Tem registrado 4. 564 “amigos” no Facebook e foi o sujeito com maior nível de conectividade no período de observação. Em seu perfil percebemos que há muito ativismo no que concerne questões sobre religião, sexualidade e racismo. A representatividade é muito marcante em seu discurso e em sua página no Facebook. Foi possível registrar que alunos cotidianamente se declaravam representados por este professor.

Este docente além de ativista, pode ser classificado também de acordo com nossa matriz tipológica como um perfil humorístico e crítico/reflexivo, visto que suas postagens e comentários sempre tensionavam a sua rede, tudo com muito humor e sensibilidade. Ao observarmos o perfil deste professor no Facebook, o sujeito que se revela está preocupado com questões que envolvem o bem-estar psicológico das pessoas e formas de garantir os direitos dos cidadãos, principalmente negros e homossexuais.

Suas postagens propõem mudar a vida de outras pessoas para melhor. É assim que Max administra sua página no Facebook e se mostra para sua audiência que interage com muito carinho com o docente.

¹²⁰ Nesta tese o termo narcísico refere-se ao sujeito evidencia significativamente sua própria imagem por meio de fotos ou de textos. Este termo é utilizado tomando por base o mito grego de Narciso conhecido por sua beleza e orgulho.

Figura 32 – Postagem do professor Max



Fonte: Facebook

Narciso acha feio o que não espelho. (Professor Assis, FACEBOOK)

O professor Assis é classificado como narcísico e crítico/reflexivo no tocante à dimensão comportamental uma vez que *selfies*, postagens sobre atividades físicas e assuntos envolvendo educação circularam na página deste docente.

Com 1.281 “amigos” no Facebook e médio nível de conectividade, Assis ocupava-se também em falar de paisagens e política. Entretenimento foi o perfil da dimensão de usabilidade bastante evidenciada em sua página durante o período. Assis é pós-doutor em linguagem e professor de Universidade e tem alunos e orientandos que compartilham da ambiência do Facebook, porém de maneira discreta.

O Sol entrou em Leão, mores. (Professor Jorge, FACEBOOK)

O professor Jorge é doutorando em Educação e suas postagens sempre são muito repletas de humor. Demonstra gostar de animais e se intitula pai do seu cão de estimação. Na dimensão comportamental da matriz tipológica Jorge é considerado humorístico, narcísico, ativista e crítico/reflexivo, sempre convidando o leitor refletir criticamente sobre alguma questão. São inúmeras as postagens concernentes à literatura e à leitura, compartilhando indicações e descobertas. Jorge ressalta com frequência alguns pontos de sua beleza. Tem significativa audiência de seus alunos e interage bastante com eles. No tocante a usabilidade o perfil é pedagógico e para o entretenimento.

todo mundo cuidando das suas respectivas "lives" rs (Professora Grace, FACEBOOK)

em tudo que se faz... é preciso ter! ❤️ (Professora Grace, FACEBOOK)

A professora Grace compartilha muitas informações sobre educação e tecnologia. De acordo com a matriz tipológica na dimensão comportamental o perfil é de comunicante, crítico/reflexivo e narcísica e na perspectiva da usabilidade podemos verificar que os perfis político e pedagógico são mais evidentes. As postagens sobre política são tão numerosas quanto as fotos que Grace compartilha de si mesma. A interação com os discentes é rápida e sempre ligada a conteúdos sobre educação. Mensagens de cunho motivacional também são vistas nas postagens.

A ficção virando realidade... 🤖 (Professora Elizabeth, FACEBOOK)¹²¹

Uma aula de História da África... (Professora Elizabeth, FACEBOOK)

A professora Elizabeth compartilha o espaço do Facebook com 1.139 “amigos” e entre eles estão seus alunos. Suas postagens são sobre educação, tecnologia, eventos na área e vida profissional. Nada da sua vida pessoal é partilhada neste site. Seu perfil de acordo com nossa matriz é de comunicante e de projeção profissional. Suas postagens geralmente não apresentaram textos e quando apresentaram eram para reforçar uma boa oportunidade de emprego ou atividade acadêmica ou fazia referência a conteúdos da sua área de atuação. Eram imagens que comunicavam por si mesmas.

#euamomeutrabalho #auladecampo (Professor Isaac, FACEBOOK)

Reunidos para prestigiar nossos alunos. **Parabéns** pela montagem "Além da Coxia". Vocês arrasaram! (Professor Isaac, FACEBOOK)

Isaac, professor com expressiva atuação pedagógica no Facebook, é mestrado na área de ensino de física e atua em escolas particulares de Salvador. Apresenta em sua página uma lista numerosa de lugares nos quais atua como professor. Com 3.138

¹²¹ Texto da postagem sobre uma imagem do seriado Black Mirror.

“amigos” no Facebook, Isaac é um professor com alto nível de conectividade e muita interação com seus alunos. As suas postagens expunham muitos momentos de atividades profissionais: em sala de aula com seus alunos, participação em eventos da área, viagens para qualificação. A vida pessoal também surgiu na página deste docente. Viagens de férias, passeios, transados entre o trabalho e sua casa, passeios, shows, idas a teatros, tudo acompanhado por sua audiência discente. Existia abundância de comentários de seus alunos e de outros professores em seus *posts*. Todos muito afetuosos e respeitosos, quase sempre se referindo à dificuldade da disciplina ministrada pelo professor e à satisfação dos alunos em partilharem de sua didática docente.

Neste perfil percebemos muito nitidamente que o público e o privado coabitavam no mesmo espaço de maneira equilibrada. Os perfis identificados de acordo com o comportamento assumido na rede foram humorístico, crítico/reflexivo e narcísico, fazendo uso pedagógico, de projeção profissional e pessoal. Isaac sempre demonstrou muita satisfação e entusiasmo em ser professor e compartilhar o espaço do Facebook com seus alunos.

Oportunidade! (Professora Rosa, FACEBOOK)

Professora Rosa é docente de Instituição Federal com doutorado na área de biotecnologia. Há interação com seus alunos no Facebook, porém de maneira mais tímida quando comparada com os outros professores da pesquisa. Rosa estabelece conexão com seus alunos para além do site de redes social, principalmente quando indica seu site que é acadêmico e profissional para aprofundamento de discussões sobre temas da sua área de atuação.

Tomando por base nossa matriz tipológica Rosa é considerada comunicante e crítico/reflexivo. São poucas as postagens sobre vida pessoal e inúmeras postagens sobre eventos e atividades acadêmicas e profissionais, no entanto quase nunca Rosa é protagonista das postagens.

é... eu estou compartilhando somente porque não me contive de curiosidade: alguém entendeu este post do MEC? até tentei me convencer que seria uma forma de usar uma certa linguagem para se aproximar das pessoas, dos estudantes, sei lá.

mas, tá muito feio...
 com tantas questões urgentes sobre a nossa educação e cultura pra debater,
 refletir e propor, tentar mexer no imaginário afetivo, propondo falar de "caixa de
 lápis de cor de 36 cores"? sem desmerecer propaganda de determinada marca
 que usava a música "Aquarela" de Toquinho (que, de fato, era muito interessante),
 "faça-me uma garapa" ao invés de um "sol amarelo". tem horas, que n dá pra ter
 paciência.
 sinceramente (Professor Heráclito, FACEBOOK).

A página do Facebook do professor Heráclito é um convite à reflexão sobre vários assuntos, inclusive educação. Sua página é colorida com muitos registros imagéticos de todos os lugares que Heráclito frequentou durante o período observado.

Heráclito está cursando o doutorado e é professor de Instituição Federal de Ensino. A interação com seus alunos acontece de maneira fluida e espontânea. Percebemos um cuidado em responder a todos os comentários feitos pelos alunos em suas postagens, sempre conduzindo o assunto pelo caminho do equilíbrio e da reflexão. Atividades acadêmicas com os discentes, bem como atividades de qualificação profissional e vida pessoal foram postadas pelo docente.

Diante do seu comportamento na rede o perfil de Heráclito é de comunicante, crítico/reflexivo com projeção profissional. Sua página apresenta questões religiosas, costumes locais e internacionais, práticas de reflexão sobre a vida, sobre a política sempre compartilhando de uma audiência discente.

Aquele aniversariante top que vc respeita. Um cara desse, bicho. Um sapão...
 Parabéns para mim. Aceito abraços verdadeiros, repletos de boas energias,
 beijos amigos. Aceito felicitações sinceras, somente essas. Vida, se for pra
 aprender, em mais um ciclo, estou aqui. #escorpião (Professor José, FACEBOOK)

No meu coração, a primavera é ininterrupta. (Professor José, FACEBOOK)

José é professor de letras e doutorando em educação. Possui 1.090 "amigos" no Facebook e a interação com seus alunos acontece de maneira discreta e afetuosa. As postagens giram em torno da vida pessoal e posicionamento político. São muitas fotos de viagens e passeios em praias, teatros e outras diversões. Sempre demonstrando muita alegria de viver. Constitui-se em um perfil narcísico com usabilidade para o entretenimento.

O presidente interino Michel Temer, que é professor universitário, recorre à desculpa clássica para se referir aos alunos que ocupam escolas e universidades no Brasil - "Eles sabem o que é uma PEC? Nem ao menos leram o texto!" (Professor Mário, FACEBOOK)

Mário é pós-doutor em comunicação e professor de Universidade. Tem mais de 3.784 "amigos" no Facebook e uma significativa audiência discente. Ativista político, defende seus posicionamentos com muitos argumentos, gerenciando os desafetos que surgem. Posta seus gostos culinários e étlicos, o que gera também comentários e postagens por parte dos alunos. Não foi visualizado no período nenhum caso de constrangimento. As postagens também são sobre conteúdos da sua área de atuação profissional. A partir dos perfis criados na matriz tipológica Mário é um professor ativista, crítico/reflexivo que faz uso do Facebook para discussões políticas e entretenimento.

Imperdível!!! Para ler e divulgar!! (Professora Ada, FACEBOOK)

A professora Ada é pós doutora em educação e professora de Universidade. Suas postagens foram basicamente sobre vida profissional e divulgação de eventos e atividades na sua área de atuação. Com mais de 3.714 "amigos" no Facebook, Ada interagiu com seu público discente na medida que foi solicitada por eles. Foi possível observar muitas manifestações de afetos de alunos e ex-alunos em relação a Ada. Quaisquer postagens, que, em sua maioria, versavam sobre educação e tecnologia, tinham comentários saudosos, afetuoso e respeitosos endereçado à professora. As questões de sua vida pessoal não emergiram durante a observação. Ada apresenta perfil comunicante com usabilidade pedagógica de acordo com matriz tipológica criada nesta tesa.

Meus dois ex-pupilos aí. Nesta época eram concluintes de graduação. Hoje, quase mestres, retornando para sua cidade para melhorar os desafios da educação pública de qualidade. (Professor Euclides, FACEBOOK)¹²²

Ficou muito evidente nas postagens de Euclides que ele é um professor muito disponível e orgulhoso de seus alunos. Demonstrou entusiasmo em compartilhar com

¹²² Texto da postagem de uma foto do professor com dois ex-alunos.

seus alunos o espaço do Facebook. Suas postagens foram majoritariamente sobre educação, atividades profissionais e acadêmicas, o amor por sua cidade e cuidados com a saúde. É um profissional com perfil crítico/reflexivo, humorístico com usabilidade pedagógica.

Identificar as características dos professores da pesquisa contribuiu para a compreensão dos perfis dos docentes conectad@s e identificou como estes professores se apropriam da plataforma Facebook. Com a mesma intenção, elaboramos a sociomatriz abaixo para demonstrar as relações entre os professores no tocante aos perfis identificados na matriz tipológica (Tabela 2) de perfis elaborada nesta tese.

Tabela 5 - Sociomatriz da relação dos perfis dos professores da pesquisa

Perfis Comportamental Usabilidade	Ada	Isaac	Mário	José	Jorge	Grace	Rosa	Max	Heráclito	Assis	Elizabeth	Euclides
Ada	----	4	6	2	5	3	2	6	3	2	4	4
Isaac	3	----	3	8	4	4	3	6	3	1	4	2
Mário	5	7	----	6	5	9	5	2	5	3	2	2
José	4	6	7	----	2	1	3	4	2	3	3	1
Jorge	2	8	2	7	----	3	6	3	1	2	6	4
Grace	3	3	8	3	5	----	2	5	2	1	1	5
Rosa	2	2	5	6	7	5	----	2	3	5	5	3
Max	4	8	4	8	5	8	8	----	1	2	4	3
Heráclito	5	4	9	3	4	3	4	2	----	1	2	2
Assis	1	2	6	4	8	6	2	5	4	----	5	1
Elizabeth	6	1	2	8	5	4	3	3	1	2	----	6
Euclides	1	3	8	4	2	9	4	6	5	6	3	----

Fonte: Matriz tipológica dos perfis dos docentes construída pelas autoras

A sociomatriz quantifica a interseção entre os professores de acordo com seus perfis tipológicos. Por exemplo, Ada e Jorge tem 5 perfis tipológicos em comum.

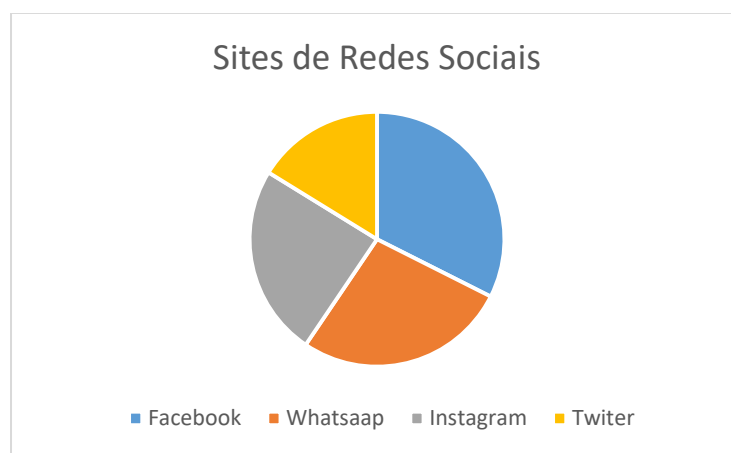
4. 2 Compartilhando a escuta

O segundo momento foi composto por entrevista semiestrutura direcionada aos docentes participantes desta pesquisa. A entrevista foi elaborada após a incursão no campus de pesquisa e teve como subsídio os resultados da observação realizada. As

doze entrevistas foram transcritas e analisadas tomando como base para discussão os teóricos que sustentaram este trabalho.

Os professores relataram que a rede social mais usada por eles é o Facebook. Ler notícias, comunicar, interagir com seus pares profissionais, com amigos, familiares e alunos foi apontado como atividades muito realizadas neste site, ressaltando a rapidez na comunicação e bom uso do tempo uma vez que é possível encontrar com facilidade as pessoas neste site. O Facebook tem 32% do interesse dos professores, seguido pelo Whatsapp com 27%. Instagram e Twitter também são sites usados pelos docentes cada um com 24% e 16% respectivamente. Desta forma, ratificamos a nossa premissa de que este site é muito utilizado por professores.

Gráfico 2 – Sites de Redes Sociais mais utilizados pelos professores da pesquisa



Fonte: Própria

Ao conversarmos sobre as potencialidades das redes sociais para a educação, os docentes sinalizaram que estar no Facebook com seus alunos promove aproximação, criam outros espaços de interação e de aprendizagem. Para os docentes a rede social na internet pode promover situações educativas criativas e significativas.

Commmmm certezaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa! E que bom poder responder sobre isso... em verdade, ela aproxima muito (e isso as vezes pode tensionar), ao mesmo tempo ela afasta, por vezes, de quem tá próximo fisicamente... a questão é buscar o equilíbrio sempre! É um desafio!
Aos poucos vou sabendo através da rede o quanto minhas postagens faz o outro pensar... muitos inclusive relatam sonhos comigo... com o que falo... sei que é a minha afetação... (Professor Max)

Sim, porque vivo isso cotidianamente em meu exercício profissional. Citei alguns exemplos disso, ao responder outras questões. A partir do meu trabalho nas redes sociais, tive a possibilidade de inspirar outras pessoas e de me inspirar com elas. As interações geradas têm fortalecido meu próprio desenvolvimento profissional, assim como me aproximado das realizações de meus ex-alunos e ex-alunas. Sem as interações promovidas pelas redes sociais, seria muito difícil acompanhar esse trabalho, promover discussões para além das paredes da sala de aula. (Professor Euclides)

Na contemporaneidade presenciamos o crescimento da necessidade de responder rapidamente a todas as demandas mediadas pela tecnologia digital, atribuindo urgência a todas as relações *online*: espera-se obter resposta às mensagens imediatamente, comentário no *post* nos segundos subsequentes etc. A comunicação digital tem dispositivos que permitem visualizar que já viu e recebeu a mensagem. Há um imperativo de imediatez urgente nas relações mediadas pela tecnologia digital. Onze professores sinalizaram que passaram a trabalhar mais diante deste quadro sócio-tecnológico:

Commmmmmmmm certezaaaaaaaaaaaaaaaaa! Bem sei disso! A tecnologia triplicou nosso trabalho! Só não somos pagos por isso... em meu caso, pago com a alma e com o desejo de transformação... mas tenho que tomar cuidado... ainda bem que faço análise e cuido de mim... e que bom que amoooooooooooo a minha profissão... se fosse só pelo dinheiro, eu estava lenhado... aliás, trabalho muito... três turnos em duas faculdades e na rede municipal de ensino....Sou formado em ciências sociais e psicologia... Enfim, trabalho muitoooooooooooo! Mas amo o que faço... a questão é “cuidado para que o que te apaixona não te adoça”... Vi esta citação lendo um livro de psicologia das emergências e desastres... Me tocou! (Professor Max)

O professor Euclides pensa diferente dos demais:

Não. Como disse anteriormente, é um processo natural. Utilizar o meu perfil pessoal na rede social me auxiliou no desenvolvimento de meu trabalho como professor. Assim, meus alunos podem acompanhar o que venho desenvolvendo no meu campo de estudos e de desenvolvimento profissional. No meu olhar, o que existe é uma relação complementar entre o trabalho que desenvolvo presencialmente e virtualmente. Eles se nutrem, se inter-relacionam e, ao mesmo tempo, mantém seus aspectos independentes. Isso não me possibilitou trabalhar mais, mas sim trabalhar melhor. Em síntese, tal alternativa melhorou a qualidade de meu trabalho e não me sobrecarregou, com as minhas demandas profissionais. Certamente, imprimiram uma nova dinâmica ao meu trabalho como docente ao ver que o facebook, por exemplo, não é só entretenimento, e sim pode funcionar como um excelente meio comunicacional e de interação com os meus alunos, rompendo com as barreiras físicas e geográficas que nos afastam no nosso trabalho cotidiano de sala de aula.

Foi possível identificar algumas categorias de análise que emergiram dos discursos dos docentes conectad@s. Entre estas categorias elegemos as que se

configuraram e apresentaram maior subsídios para alcançar os objetivos da pesquisa e sustentar o argumento desta tese.

4. 3 Analisando e comentando

Essa pergunta é maravilhosa para me fazer refletir[...] (Professor Euclides)

4. 3. 1 Papel do docente conectad@: reconfiguração?

Quando foi lançada a questão sobre considerar-se um docente conectado ou não, dez dos doze professores preocuparam-se em enfatizar que o mais importante era estar conectado às pessoas seja de maneira *online* ou *offline*. Antes de serem docentes conectados os professores reconheceram-se como sujeitos conectados, pois utilizam em seu cotidiano os meios de comunicação e de informação digitais para manterem-se informados, para comunicar, estabelecer relações, aprender, pesquisar, para entretenimento, para conhecer e compreender a linguagem utilizada por seus alunos, intervir com inovação etc.

Na visão dos professores entrevistados, o mapa abaixo representa as ações que os definem como docentes conectad@s, atendendo ao objetivo específico deste trabalho que se ocupou em mapear na perspectiva dos professores às características para se reconhecerem como tal. Podemos destacar que trabalho, entretenimento e resolução de problemas do cotidiano coabitam no mesmo espaço da internet: o Facebook. É relevante salientar também que os professores não mencionaram criar filtros para os alunos terem acesso ao conteúdo dos seus perfis. Assim como nenhum dos nossos entrevistados possui dois perfis no Facebook, um para alunos e outro para não alunos, ou um profissional e outro pessoal, os docentes apresentam sua imagem pessoal na rede social que automaticamente está somada à sua imagem docente (aquela que foi construída em sala de aula). Desta forma, o pessoal e profissional expostos na rede se misturam ou não se separam, constituindo uma característica do docente conectad@.

Figura 33 – Ações elencados pelos entrevistados para se denominarem docentes conectad@s.



Fonte: Própria baseada na entrevista, instrumento da pesquisa

Foi evidenciado que há uma preocupação com os conteúdos publicados no Facebook, justamente por esta ambiência ser também “frequentada” por alunos. Porém estes conseguem visualizar os mesmos conteúdos que, por exemplo, a família e os amigos dos professores têm acesso.

Os docentes assumiram uma postura ativa nas redes sociais, ou seja, o que os define é sempre a sua atuação. Eles fazem a ação e não sofre a ação.

Santos (2017) sinaliza que o Facebook é um ambiente em que convivem sujeitos diversos, porém essas diferenças podem ser sempre enunciadas, evidenciadas e respeitadas, ou seja, a “impressão de proximidade tenderia a demandar o

reestabelecimento de certas distâncias” (2017, p. 14).

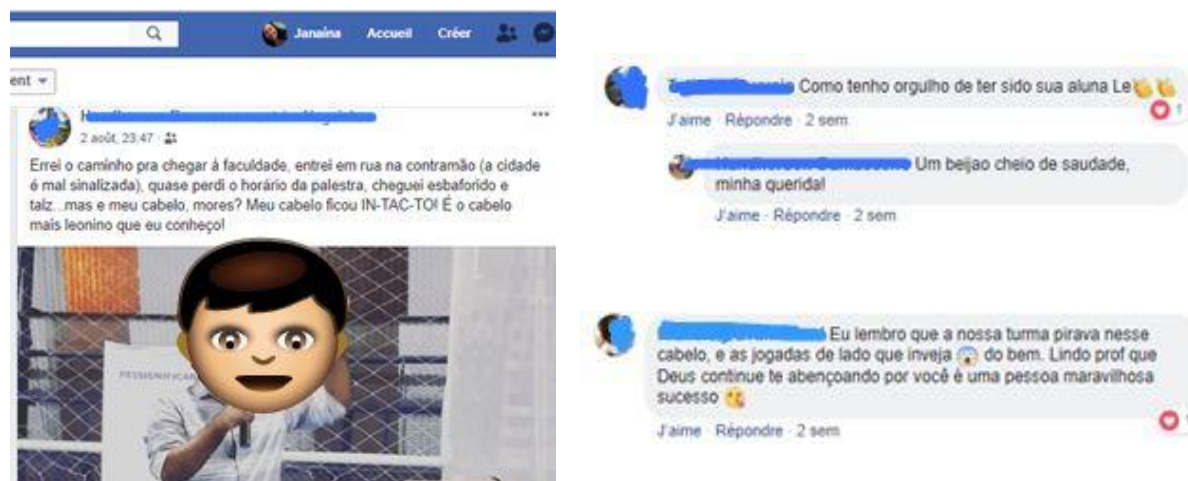
Até pouco tempo, não adicionava os alunos no face, por entender que essa aproximação iria causar ruídos na relação professor-aluno. No entanto, mudei o pensamento, por entender que estamos vivendo em rede e, às vezes, o face pode se tornar um meio eficaz de ensino-aprendizagem, divulgação de pensamentos etc. (Professor Assis)

A autoridade também esteve no discurso dos docentes ao se reportarem à relação com seus alunos. Desta forma, os professores mantêm relações, democráticas e próximas, mas com a preocupação em estabelecer limites aos alunos.

Os professores relataram que exercem sua mestria enunciativa também no Facebook e que sua autoridade docente e respeito por parte dos alunos são mantidos. Denota-se então, que a assimetria pedagógica existe mesmo no Facebook.

Acho muito interessante a forma como os meus alunos me tratam nas redes. Mesmo eu me comportando de maneira engraçada e informal - pelas minhas escritas ou fotografias -, percebo que levam para as redes aquele misto de respeito e receio para comigo. Mesmo na rede, longe da sala de aula, minha autoridade de professor é legitimada e mesmo *retweet*¹²³ ou um *like* quando vindos de mim, parecem ter mais “peso”, pelo simples fato de ser professor (Professor Jorge).

Figura 34 – Postagem do professor Jorge e comentários de suas alunas.



¹²³ Uma nova postagem do *tweet* (postagem) de alguém.

Fonte: Facebook

Podemos observar na figura acima que mesmo com as postagens descontraídas do docente no Facebook, suas alunas o evocam pelo nome “professor” o que pode denotar a manutenção de uma assimetria pedagógica necessária para estas alunas no sentido de manter o lugar de mestre de quem lhes ensina. Neste caso, diferente da situação citada anteriormente sobre o Presidente da França e o adolescente, são as alunas que não permitem a diluição da autoridade.

Paradoxalmente quatro dos professores da pesquisa afirmaram que se relacionar com seus alunos no Facebook aproxima-os, de maneira que a relação se torna horizontalizada. Não é incomum perceber que os limites entre público e privado se embaralham. Ora, a especificidade rizomática e flexível do Facebook possibilita interações de vários tipos e demanda dos professores um esforço em pensar o que deve ou não ser visto e acontecer neste espaço compartilhado com sua audiência discente. Os usuários desfrutam de alguma liberdade para esculpir seus acessos e usos na rede por meio de seus interesses e de suas necessidades. Desta forma, os professores são gestores das informações que publicam e da sua imagem na rede.

Estas informações são coletadas pelo Facebook e transformadas em dados que auxiliam os usuários da rede a personalizarem sua usabilidade. Estas manobras apresentam desdobramentos positivos, tais como promoção profissional, aprendizagem e diminuição de distâncias e negativos, como clonagem de informações ou *cyberbullyng*.

No entendimento dos professores compartilhar o espaço do Facebook com seus alunos pode reconfigurar seu papel docente uma vez que novas formas de ser e estar no mundo são exigidas pelas mudanças sócio-tecnológicas. Segundo os sujeitos da pesquisa o professor não é mais o detentor das informações e do conhecimento visto que impossível abarcar todas as informações e conhecimento disponíveis na Web. Mas esta constatação não é novidade, os docentes conectad@s demonstraram ciência disso. A questão é quem é este profissional ante esta mudança. Professor Mário relatou estar confuso com esta situação. Para ele, apesar dos professores não saberem lidar com as tecnologias em sala de aula, há uma reconfiguração do papel docente na medida em nos defrontamos com as nuances da interação com as

tecnologias da informação e da comunicação.

A questão é que o professor não sabe lidar com as tecnologias em sala de aula. Enxergam como barreira da tecnologia em sala de aula. Os professores e alunos não podem se aproveitar desta barreira. O professor tem medo de estar desatualizado frente aos alunos. Já aconteceu comigo: um aluno fez uma investigação na aula que eu estava dando sobre dados do Twitter. Ele encontrou uma estatística mais atualizada que a que eu tinha. Eu reagi da melhor forma possível e aceitei e aproveitei para mostrar que o professor pode não estar atualizado em tudo, mas nem por isso fica em situação de desatualização. (Professor Mário)

Para Nóvoa (2013) a dimensão docente passa por uma transformação importante no papel docente. Uma vez que o conhecimento está disponível na rede de forma caótica e desordenada o professor deverá dar ordem a este conhecimento. Professor Jorge tem ciência que os professores não são detentores de informações é importante para repensar o papel docente e criar estratégias de ação que alcancem a promoção da reflexão discente. Para ele esta reconfiguração docente está ligada e submetida ao hiato existente entre professores e alunos no que tange os usos das tecnologias telemáticas e imersão na cultura digital. O professor Euclides compreende que estar online com seus alunos no Facebook reconfigura seu papel de professor, exigindo uma postura diferenciada, ou seja, um professor que

[...]dialoga com os elementos de uma cultura digital que está imersa no cotidiano de meus alunos e é naturalizada entre eles. Para os meus alunos, certamente, há um ganho pedagógico também, porque um novo espaço comunicacional se abre para nossas interatividades comigo, materializadas para além dos nossos encontros presenciais e das barreiras geográficas que nos são impostas. Além disso, temos também um aluno mais atuante, mais ativo e autônomo em seus processos de aprendizagens. (Professor Euclides)

O professor José chama atenção para o fato de que todos os envolvidos no processo educativo devem repensar seu papel na contemporaneidade, considerando a hiperconectividade nas redes sociais.

Sim, minha função e meu papel docente é totalmente reconfigurado, a fim de tentar acompanhar as novidades do mundo, as informações e as atualidades que são úteis para a prática docente. Na verdade, acredito que todos os papéis dos que estão envolvidos no processo de educação devem ser repensados (escola, família, professor, aluno). O último, por sua vez, muitas vezes, já traz essa nova postura, o comportamento de alguém que vive em rede, que vive conectado, e que vive necessitando das informações, das

aulas, mas sobretudo de um novo modelo de escola, de um espaço de educação formal que esteja repensando as formas de condução, com o objetivo de seduzir e atrair os alunos, para que não se torne obsoleta e enfadonha (Professor José)

O professor Isaac ressalta que as redes sociais amplificam os acontecimentos que ocorrem na sociedade.

Ajudam a reconfigurar o papel do professor. No entanto acredito que mais que “promover” a reconfiguração do papel de professor em nossa sociedade, **as redes sociais “refletem” essa reconfiguração. Não é o facebook que muda a relação professor/aluno, mas evidencia e espelha essa mudança.** (Grifos do autor)

Os relatos dos professores sinalizam que ainda é necessário discutir o papel docente diante deste quadro de avanço ascendente dos meios digitais de comunicação e da hiperconexão com os outros e com o mundo. O professor deverá atentar que atualizar sua profissão neste cenário contemporâneo não significa deter mais informações que os buscadores da internet. O papel do docente conectad@ é em nosso entendimento conectar-se a seus alunos de modo a ser útil em um primeiro momento para no momento seguinte promover que os educandos pensem de forma autônoma, autoral e independente.

4. 3. 2 Imagem docente.

Originalmente este trabalho não se ocupou em refletir sobre a imagem docente no Facebook. Porém esta categoria foi amplamente mencionada pelos docentes conectad@s. Ao compartilhar com seus alunos o mesmo espaço digital de interação, os professores relataram ter cuidado com suas postagens. Esse cuidado algumas vezes foi fruto de situações inusitadas ou desagradáveis vivenciadas pelos professores no Facebook justamente por terem alunos conectados ao seu perfil pessoal.

Uma vez uma aluna veio me criticar por conta dos meus *tweets*. Disse que achava um absurdo um professor como eu, escrever tanta inutilidade. Outra vez pegaram uma foto postada no Facebook em que eu estava na praia e logicamente de sunga, fizeram um meme engraçado e passaram para os

grupos de whatsapp. Levei na esportiva, mas hoje dificilmente posto foto sem camisa ou de sunga. (Professor Jorge)

Ao pensar sobre suas postagens e aplicar um filtro nos conteúdos e assuntos publicados no Facebook o professor demonstra que gerencia sua imagem na rede de modo que suas postagens não influenciem ou interfiram na elaboração e manutenção da sua imagem de docente construída em outro espaço, certamente formal. Porém, ao nosso ver o fato de compartilhar uma ambiência não formal e horizontalizada como o Facebook com seus alunos a imagem docente sofre influências.

A proximidade promovida pela por este compartilhamento, pode promover uma ideia, falsa ou não, de igualdade entre professor e aluno, o que pode provocar um deslocamento da imagem do professor antes vinculada apenas no espaço escolar. Entre os muros da escola a imagem docente mantinha-se protegida e assegurada por pressupostos e regras explícitas e implícitas daquele *locus*.

Quando pensamos neste profissional circulando em um site como o Facebook, não é difícil indagarmos como este professor é visto por seus pares, por seus alunos e por si mesmos. O gerenciamento da imagem docente surge então como uma necessidade de preservação e de proteção na medida em que atividades e ações consideradas inapropriadas para um professor partilhadas na rede podem causar problemas.

A construção da imagem docente é composta por variáveis não só profissionais, mas sobretudo no Facebook por características pessoais, visto que no caso dos docentes conectad@s não existem dois perfis, profissional e pessoal, como já explicitamos anteriormente. Os professores desta pesquisa sinalizaram que fazem algum tipo de filtro das ações e discursos postados no Facebook, justamente por saberem que seus alunos estão de olhos e ouvidos atentos.

É impossível falarmos de imagem docente na atualidade sem nos remetermos a inflação da circulação de imagens. São muitas fotografias, principalmente *selfies* por meio das quais várias histórias são contadas à sua audiência. Desta forma, imagens pessoais em situações de descontração ou profissionais são diariamente compartilhadas contribuindo para a construção, reconstrução ou manutenção da imagem docente.

Professor Jorge costuma postar muitas fotografias de si, inclusive na praia, obviamente com roupa de banho, fotos de passeios, fotos do seu animal de estimação e algumas *selfies* e relatou na entrevista que passou por constrangimentos devido a esta exposição.

Já fui assediado sexualmente por dois alunos: uma garota e um garoto. Entendo que a figura do professor permeia o universo das fantasias, sobretudo para adolescentes e alguns jovens imaturos e por esse motivo creio que o limite reside sempre no bom senso, o que faltou a esses indivíduos. Nos casos específicos, conversei, fui firme e excluí dos meus contatos, uma vez que naquele espaço eu posso escolher quem deva ficar. Como posto fotografias do meu cachorro, de algumas receitas culinárias que me arrisco a preparar, paisagens em que estou, livros que estou lendo ou coisas triviais do cotidiano, alguns alunos acham que têm intimidade suficiente para ir além da apreciação daquela postagem e acabam derrapando nos excessos. (Professor Jorge)

Estar no Facebook e partilhar sua vida seja pessoal ou profissional é uma escolha do docente conectad@ que investe de alguma forma e em alguma medida esforços e estratégias para manter a imagem de docente que deseja difundir. Esta manutenção nem sempre é espontânea, uma vez que pode haver uma encenação que transita de maneira muito tênue entre o indivíduo e sua imagem docente.

Os professores se reconheceram como exemplo e formadores de opinião para seus alunos o que tensiona seu papel docente e a imagem que eles constroem e mantem na rede. Destarte, normatizam sua imagem, controlando e fiscalizando suas ações e palavras, permanecendo atentos às interpretações equivocadas que possam contribuir para macular sua imagem. Foi possível perceber durante a escuta dos docentes que eles também eram críticos de si mesmos, apontando um esforço de vigilância para manter a imagem docente desejada. Imagem que está intimamente relacionada à autoridade da profissão e ao papel docente.

Compartilhar o espaço do Facebook com seus alunos é se apresentar com outras nuances para eles, por exemplo como pai ou mãe de alguém, filho ou filha, marido ou esposa, namorado ou namorada, outra profissão, etc. O imaginário sobre o professor continua povoando os pensamentos dos alunos, mas na realidade das interações digitais, nos espaços de circulação de fragmentos das vidas dos docentes, muitas são as informações propagadas e em princípio os alunos precisam imaginar

muito pouco visto que as informações estão ali postas. Autores como Freud (1996) por exemplo ressaltam a importância de imaginar a vida dos professores para além dos muros da escola como uma das maneiras de constituir-se aluno.

Manter uma imagem no Facebook pode tornar-se um trabalho infundável, principalmente se o sujeito atribui uma alta valoração à sua imagem. Administrar em um espaço tão diversificado várias nuances de si para inúmeras audiências, entre elas os alunos, é um desafio que os professores da pesquisa se preocupam cotidianamente.

4. 3. 3 Assimetria

Todas as pessoas dispostas a usar o Facebook estão submetidas às regras de relacionamento do site que foi construído para abarcar relações horizontais e não assimétricas. Tendo em vista que, a relação professor–aluno que pressupõe uma assimetria pedagógica para existir, também passou a habitar os espaços do Facebook é necessário pensar como se configura e quais os desdobramentos desta relação no site de redes sociais.

Na medida em que imergem no ambiente comunicacional do Facebook primeiro como sujeitos conectados, depois como professores estes se permitem experimentar as interações estabelecidas em suas páginas, entre elas as interações com seus alunos.

Figura 35 – Mapa mental da qualificação realizada pelos docentes pesquisados sobre a relação professor-aluno.



Fonte: Própria baseada na entrevista instrumento de pesquisa

Com base na escuta e analisando o mapa mental acima constatamos haver uma pluralidade de opiniões em relação à qualificação da relação professor-aluno. Há professores que deixam bem delimitado que se trata de uma relação profissional, mesmo que haja afeto. Outros docentes afirmam ser uma relação amistosa, referindo-se ao conceito de amizade. Porém diante análise de todos os dados desta pesquisa compreendemos que a palavra amistosa utilizada por alguns docentes não se aplica ao conceito de amizade historicamente concebido e adotado nesta tese, uma vez que os laços sociais entre estes atores são fracos.

A afetividade que podemos observar está muito mais atrelada ao amor, respeito e a admiração que o aluno tem por seus professores que por sua vez mostraram-se disponíveis a uma relação construtiva e democrática no sentido de que todos têm

direito a voz e escolhas. É uma relação mais próxima quando comparada a que se desenvolve dentro da escola, no entanto, não dispensa a condição de serem professores e alunos, como limite para existir. Os professores foram unânimes em ratificar e evidenciar a necessidade de limites nesta relação, de modo a não invadir a privacidade do docente, muito menos ter a falsa impressão de que o fato de coabitarem o espaço do Facebook iria diluir a autoridade docente e, por conseguinte a assimetria pedagógica.

A distância pedagógica foi citada como outro requisito necessário para a manutenção saudável da relação professor-aluno. Essa distância não é compreendida como frieza ou falta de interesse do professor pelo seu aluno. Diferente disso, significa que ao cuidar para que haja distância pedagógica o professor preocupa-se e empenha-se para que o aluno possa continuar alimentando uma imagem de suposto saber do docente que o fará querer “emprestar as orelhas” para “uma mestria enunciativa” do docente. Esta postura do professor revela além da consciência do seu papel docente, o cuidado com a condição humana dos alunos, uma vez que a subjetividade está intimamente imbricada com o desejo de aprender e com a afetuosidade que alicerça a relação. O entendimento e respeito por parte dos alunos da assimetria pedagógica é entendida pelos docentes conectad@s como indispensável para o êxito da relação. Assim, a assimetria pedagógica está presente e caracteriza a relação professor-aluno também no Facebook.



Considerações finais
#SQN

CONSIDERAÇÕES FINAIS #SQN¹²⁴

Só me resta agradecer... amo a capacidade de intervenção via pesquisa científica! Obrigado por ter me convidado! Sabendo usar, as redes são espaços poderosos de “educação”, formação, desconstrução, afetação, conflitos, mudança, aprendizagem com diversão e empoderamento! Que nós, professoras e professores, potencializemos nosso fazer via redes!!! Obrigadooouooooooooooooo! (Fala do professor Max)¹²⁵

O tempo com sua inexorabilidade nos impõe a conclusão desta tese. No entanto, concluir não significa findar as possibilidades de investigação do objeto deste trabalho. Antes é compreender a necessidade de fechar um ciclo. Toda pesquisa é inacabada no sentido de haver inúmeras possibilidades de caminhos a seguir e de interpretações a serem feitas.

Mas o sentimento que deve prevalecer é de contribuição para discussões atuais e futuras na certeza de que o aprendizado foi profícuo e que ainda há muito a ser feito diante de um objeto que tem natureza complexa e múltipla.

Para alcançarmos o objetivo proposto na tese, foi preciso discutir conceitos importantes para a compreensão do nosso objeto. Destarte, refletir sobre sites de redes sociais, amizade, conectividade e papel docente, assim como a metodologia utilizada para dar conta da pesquisa foi condição *si ne qua non* para a consecução da tese.

Ao investigarmos os significados que os docentes conectad@s atribuem à relação com seus alunos no Facebook e como esta relação tensiona seu papel docente, considerando-se a assimetria pedagógica, nosso intento foi de proporcionar discussões e reflexões sobre a docência na contemporaneidade, mais especificamente diante da imersão tecno-digital que vivemos. Formas de ser e de viver são forjadas diariamente na interação mediada pelas redes sociais na internet. Entre elas, formas de ser e de viver a profissão docente.

Os docentes conectad@s fizeram de suas páginas no Facebook, espaços de discussão, reflexão, divulgação e propagação de informação, sobre diversos temas inclusive educação, tudo isso com base na interação e na audiência que possuem na

¹²⁴ “Só Que Não” Abreviação normalmente utilizada na internet para dar ideia contrária à frase que a precede.

¹²⁵ Sobre como se sentiu ao participar da pesquisa.

rede. Audiência composta por amigos, familiares, colegas de profissão, pais de alunos e próprios alunos.

Retomando o conceito de Jenkins e colaboradores sobre propagabilidade na internet, pensamos que o ato de divulgar e propagar informações sobre educação no Facebook podem constituir-se em formas de manter viva a função docente dentro de uma sociedade na qual cada vez mais a visibilidade é um capital social cobiçado. Concordamos com Santana (2014, p. 217) quando a autora afirma que “a visibilidade é investimento, custo e valor acumulado que associa tantos outros valores para os sujeitos em seus agregados sociais. ” Quem tem capital social além de ter muito alcance nos sites de redes sociais pode também crescer profissionalmente. Este capital social “constitui-se em recursos que são mobilizados através das conexões sociais, única e exclusivamente. (RECUERO, 2012, p.2). Assim, compartilhar e propagar informações no Facebook pode revelar-se como uma estratégia de valorização do sujeito docente e da sua profissão.

Os professores pesquisados apresentaram alto nível de conectividade uma vez que interagiam com sua audiência na rede cotidianamente e várias vezes durante o dia. Foram muitos *posts*, comentários e manifestações de interação. A alta conectividade é uma das características dos docentes conectad@s, observada durante a pesquisa, que se soma a outras elencadas pelos próprios professores. São ações realizadas por eles que os definem, na perspectiva destes sujeitos, como docentes conectad@s. São elas, potencializar as relações comunicacionais, divertir-se *online*, liberdade de expressão, imergir nas redes sociais na internet, comunicar rapidamente, aprender *online*, interagir *online*, extrapolar a sala de aula e a educação formal, orientar *online*, utilizar a internet, trabalhas *online*, produzir *online*, gerenciar pessoas, utilizar os recursos das tecnologias digitais, informar-se *online*, observar o mundo ao seu redor, resolver problemas, promover aulas de acordo com a realidade tecnológica atual, estar no mundo, gerenciar muitas informações.

Ao mapearmos as características dos docentes conectad@s percebemos que são ações realizadas, o que denota a proatividade desses sujeitos e o sentimento de estarem produzindo conhecimento. Constituindo-se em atores de suas trajetórias na rede.

A etapa da observação na pesquisa proporcionou a criação de uma matriz tipológica do perfil dos docentes conectad@s, considerando duas dimensões: comportamental e de usabilidade. Então, os professores desta pesquisa foram identificados como ativista, crítico/reflexivo, narcísico, comunicante, humorístico na dimensão comportamental. Este sujeitos fizeram uso da rede para entretenimento política, pedagógica, projeção pessoal, projeção profissional.

Os significados atribuídos pelos docentes à relação com seus alunos sinalizam a dimensão profissional da relação, que apesar de afetuosa não ultrapassa as condições impostas pelos próprios os limites da relação.

A pesquisa apontou três categorias possíveis de análise que permearam todo o discurso dos sujeitos e constituíram-se na estrutura desta tese: Papel docente, Imagem docente e Assimetria pedagógica. Estas categorias foram importantes para a elaboração das considerações sobre a pesquisa.

Desafios ou *bugs*:

Algumas variáveis foram desafios encontrados ao longo da pesquisa, tais como o tempo vs a necessidade de imersão tanto no site Facebook quanto na leitura e a compreensão dos conceitos necessários a este estudo; o risco da escolha de um site de redes sociais mutável, que está em constante reelaboração e que sofreu mudanças ao longo do tempo destinado a esta investigação; a complexidade, dinamicidade e muitas vezes a instabilidade do Facebook na oferta da visualização das informações.

Encaminhamentos ou possíveis *links*:

Ainda que tenhamos nos empenhado para esgotar todas as potencialidades de análises do problema desta tese, com base nas categorias teóricas escolhidas e nos dados da pesquisa, reconhecemos que podem haver lacunas. No entanto, essas lacunas podem ser *links* para pesquisas futuras.

Nesta perspectiva, apontamos, a título de sugestão, dois encaminhamentos possíveis:

- Investigar a relação entre alunos e professores no Facebook em outros países, uma vez que, em outras culturas, esta relação pode ganhar contornos e conotações diferentes. De acordo com a nossa percepção durante o estágio doutoral na França, a partir de conversas que tivemos com educadores e famílias francesas, pareceu-nos que eles consideram desconfortável para professores e alunos a possibilidade de relação de “amizade” no Facebook entre docentes e discentes. O que para nós, brasileiros, começa a se configurar como algo corriqueiro, para a sociedade francesa, parece constituir-se na diluição da assimetria necessária à relação pedagógica. Desta forma, é possível que os achados de uma pesquisa com este tema em outros países apontem para resultados diferentes dos encontrados nesta tese.
- Discutir sobre a influência das informações oferecidas sobre os docentes no Facebook sobre a imagem docente e seu papel na relação pedagógica. Não foi foco de estudo neste trabalho compreender como se estrutura o imaginário discente sobre seus professores, uma vez que coabitam várias faces do mesmo sujeito na rede: o professor é ao mesmo tempo, pai ou mãe, filho, cônjuge, aluno etc. e todas estas facetas são expostas na rede e a audiência discente tem acesso. Lembrando Freud (1996) que ressalta que imaginar o ânimo e as faces do professor que adentra a sala de aula estrutura este aluno. Então, como se estrutura o aluno que se relaciona com seu professor no Facebook, ambiente que oferece todas as informações expostas pelo docente?

Ressaltamos que todos os professores participantes desta pesquisa acreditam que se relacionar com seus alunos no Facebook tensiona seu papel profissional, por vezes de forma positiva, quando, por exemplo, subsidia investigações e contribui com a preparação das aulas e outras de maneira negativa, na medida que ocorre invasão da privacidade, independente de dia e de horário. Os docentes entendem que os sites de redes sociais reconfiguram o papel docente, na medida que as tecnologias digitais demandam de todos nós, usuários das redes, novas forma de ser e de estar no mundo.

A autoridade docente, que não deve ser confundida com autoritarismo, foi

citada pelos professores como variável importante para manutenção da relação professor-aluno. Desta forma, os professores mantêm relações democráticas e próximas com seus alunos, mas com o cuidado em estabelecer limites que possibilitem o exercício da sua mestria enunciativa também no Facebook. Conclui-se, então, que a assimetria pedagógica permanece mesmo neste site de redes sociais, ambiente originalmente elaborado para abarcar relações horizontais.

O papel do docente conectad@ é o de conectar-se ao aluno, endereçando sua mestria enunciativa e promovendo um enlace de modo a ser reconhecido por este aluno como alguém que tenha algo a ser escutado. Os alunos devem interessar-se em escutar este docente. Desta forma, poderá haver promoção de condições da construção de estudantes que pensam de forma autônoma, autoral e independente.

Uma das considerações acerca desta pesquisa é que estar com seus alunos no Facebook não faz diluir a assimetria pedagógica existente na relação desde que o professor saiba qual seu papel nesta relação e assumá-lo. As possibilidades de invenção de si como professor são inúmeras e devem levar em consideração o contexto tecno-social no qual vivemos. Neste trabalho observamos que reinventar-se é também assegurar que os alunos tenham condições de ancorar mesmo que temporariamente seu amor em um docente, na perspectiva de haver a possibilidade de desenvolvimento deste sujeito. E isso não pode ser feito sem manter as características basilares da relação professor-aluno: autoridade e assimetria pedagógica.

REFERÊNCIAS

ALBARRAN, A. B. Introduction In: ALBARRAN, A. B. (Org.). **The social media industries**. New York: Routledge, 2013.

ALVES, L. R. G. **Aprendizagem em rede e formação docente**: trilhando caminhos para a autonomia, a colaboração e a cooperação. In: VEIGA, Ilma P. A.; D'ÁVILA, Cristina (Orgs.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papirus, 2012. p. 151-162.

_____. **Novas Tecnologias**: instrumento, ferramenta ou elementos estruturantes de um novo pensar? Revista FAEEBA, Salvador, n. 00, p. 141- 152, 1998.

_____. **Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas**: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta. Revista Educação Pública: Cuiabá, v. 25, n. 59/2, p. 574-593, maio/ago. 2016.

ALVES, L. e TORRES, V. **Professores e jogos digitais**: um olhar sobre as possibilidades pedagógicas destas mídias. In: Metodologias de pesquisa em ciências sociais e humanas. Duccini, L. e Barreto, L. R. (Org.) A Cor das Letras — UEFS, n. 14, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316727169_PROFESSORES_E_OS_JOGOS_DIGITAIS_UM_OLHAR SOBRE_AS_POSSIBILIDADES_PEDAGOGICAS_DES TAS_MIDIAS Acesso em: 10 ago. 2018.

ALVIM, L. **Impossível não estar no Facebook!** O nascimento das bibliotecas portuguesas nas redes sociais. Cadernos BAD, 2011 Disponível em: <https://bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/737/736> Acesso em: 25 jul. 2018.

AMANTE, L. **Facebook e novas sociabilidades**: contributos da investigação. In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

ANGROSINO, M., **Etnografia e Observação Participante**. Tradução de José Fonseca. Artmed, 2009.130p.

ARBACHE, Fernando. **Quem é a Geração C?** Disponível em: <http://www.arcauniversal.com/noticias/comportamento/gente/noticias/quem-e-a-geracao-c-11743.html> Acesso em 04 ago 2013.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

_____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

AYMARD, M. **Amizade e convivialidade**. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Ed.). História da vida privada: da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 439-481. Volume 3.

BALAKRISHNAN, Janarthanan e GRIFFITHS, Mark D. **An Exploratory Study of “Selfitis” and the Development of the Selfitis Behavior Scale**. Creative Commons Attribution 4.0 International License. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>. Acesso em: 05 jul. 2017

BARABÁSI, A. L. **Linked - a nova ciência dos networks**. Tradução de Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Leopardo, 2009.

BARAN, P. (1964). **On distributed communications**: I. introduction to distributed communications networks. In: Memorandum RM-3420-PR, August 1964. Santa Mônica: The Rand Corporation, 1964.

BARBIER, R. **A escuta sensível em educação**. Cadernos ANPEd, Belo Horizonte: Editora da UFMG, n. 5, 1993.

BARON, G.-L. **Elèves, apprentissages et « numérique »**: regard rétrospectif et perspectives. Recherches En Éducation, 2014.

BAUDELAIRE, C. **Le Spleen de Paris**. Un texte du domaine public. Une édition libre. ISBN—978-2-8247-1246-8. França : Bibebok, 2016.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **44 Cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.

_____. **A Amizade Facebook**. Entrevista com Zygmunt Bauman. Entrevistado por Fernando Schüler e Mário Mazzilli. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5Lm2O3Q56Wg>. Acesso em: 23 set. 2017.

BIRULES, F. **Um passado para o futuro**. Autoridade e Educação em Hannah Arendt. In: CARVALHO, J. S. F. de e CUSTODIO, C. O. (Orgs.) *Hannah Arendt: a crise na educação e o mundo moderno*. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2017.

BLAIS, M. C.; GAUCHET, M. e OTTAVI, D. **Conditions de l'éducation**. Paris: Editions Stock, 2008.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOYD, D. e M.; ELLISON, N. B. **Social Network Sites**: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*. v. 13, n. 1, 2007. p. 210–230. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/journal/10836101>> Acesso em: 20 jul. 2018.

BOYD, D; **Social Networking às Networked Publics**: Affordances, Dynamics, and Implications. In: *A Networked Self: Identity, Community and Culture on Social Network Sites*. Org. Zizi Papacharissi. New York: Taylor & Francis, 2011.

BOZARTH, J. **Social Media for Trainers**: Techniques for Enhancing and Extending Learning. San Francisco, CA: Pfeiffer, 2011.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei n. 267, de 8 de fevereiro de 2011**. Acrescenta o art. 53-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que “dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências”, a fim de estabelecer deveres e responsabilidades à criança e ao adolescente estudante. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/195755-PROJETO-ESTABELECE-PUNICOES-PARA-ESTUDANTE-QUE-DESRESPEITAR-PROFESSOR.html> . Acesso em: 12 ago. 2018.

CARVALHO, J. S. F. de **Educação, uma herança sem testamento**: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. 1) Ed. - São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2017.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CASTRO, V. J. **Estou no Facebook, logo existo**. São Paulos: Paulus. Revista de Comunicação da FAPCOM. Volume 1 – No 1 – 1o semestre, 2017.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M.; MATTAR NETO, J. A. **Saber Digital e suas Urgências**: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1077-1094, set. 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362018000301077&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 jul. 2018. Epub 09-Abr-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623674528>.

DACAL, M. D. P. O. **Significados e sentidos das práticas psicológicas no contexto de um hospital geral**: uma construção dos profissionais de saúde / Maria Del Pilar Ogando Dacal. Salvador, 2012. 214 f.; il. Orientador: Prof. Dr. José Carlos Santos Ribeiro Mestrado (dissertação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Psicologia, 2012.

DAL BELLO, C. **Visibilidade mediática cibercultural: apontamentos sobre a fenomenologia do “apareSer”**. In: Simpósio Nacional de Cibercultura, 5, 2011. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura, 2011.

DAMANI, K. **Les pratiques enseignantes sur les réseaux sociaux : entre fantasmes et réalités**. Thèse (doctorat) Sous la direction du Professeur Jean-Luc RINAUDO. Universidade de Rouen. Sciences de l'éducation, Mont-Saint-Aignan, 2015.

DAMANI, K. et SULE, F. **Enseigner le français avec les réseaux sociaux**. Synergies Pays Scandinaves n°8. p. 127-139. 2013.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia**, vol. 1, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998

DUNKHER, C. **Como aprender a escutar o outro?** (Vídeo). 2017. Canal Casa do Saber. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zo-jk4kVtE8> Acesso em: 02 abr. 2018.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva; 1998.

_____. **Como se faz uma tese**. Tradução Gilson Cesar Cardoso de Souza. - São Paulo: Perspectiva, 2008. 21. ed.

FACEBOOK. **Principles**. Disponível em: <https://www.facebook.com/principles.php> Acesso em: 23 jul. 2018.

FEIXA, C. **Generación @**: la juventud en la era digital. *Nómadas*, Colômbia, n. 13, p. 75-91, 2000. Disponível em: <http://www.ucentral.edu.co/movil/images/stories/iesco/revista_nomadas/13/nomadas_13_6_generacion.PDF>. Acesso em: 05 jul. 2016

GAUTHIER, Jacques Zanidê. **A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas**: o aporte da sociopoética. São Paulo: Revista Brasileira de Educação, n.25, 2004.

FERREIRA, G. M. dos S. e BOHADAN, E. D. B. **Possibilidades e desafios do uso do Facebook na educação: três eixos temáticos** In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

FINCHER, D. **The Social Network**. (FILME) Estados Unidos. Produção: Michael De Luca; Scott Rudin; Trigger Street: 2010. 120 minutos

FRAGOSO, S., RECUERO, R. e AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

FRANCO, A. de. **Escola de Redes**: novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a Internet, a política e o mundo globalizado. Curitiba: Escola-de-Redes, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13 eds. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1983.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 35 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (Coleção Leitura)

_____. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1981.

_____. **Professora, sim; tia, não** – cartas a quem ousa ensinar. Edições Loyola. São Paulo: Olho d'Água, 1997. ISBN: 85-85428-07-04. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Professorasimtiano.pdf> Acesso em: 10 jul. 2018.

FREUD, S. **Algumas reflexões sobre a psicologia escolar**. In: FREUD, S. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 245-250.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GRANOVETTER, M. **The Strength of Weak Ties**. The American Journal of Sociology, nº 78, 1973.

HER. Texto, Direção e Produção: Spike Jonze. Los Angeles, Warner Bross, 2013.

HINE, Cristine. **Etnografía Virtual.** Colección Nuevas Tecnologías e Sociedad. Editorial: UOC, 2000.

IPPOLITA. **J'aime pas Facebook.** Traduit de l'italien par Isabelle Felici. Paris: Éd. Payot & Rivages, impr. 2012.

JENKINS, Henry., FORD, Sam. e GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável.** Tradução: Patrícia Arnaud. São Paulo: Aleph, 2014.

KASTRUP, V. **Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre.** Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1273-1288, Set./Dez. 2005 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v26n93/27279.pdf> Acesso em: 10 abr. 2018.

_____. **A invenção de si e do mundo:** uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

KEEN, A. J. **#vertigemdigital:** por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Tradução Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KERCKHOVE, D. C. F. de **A Pele da Cultura:** Investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.

_____. **Tecnologia, o Novo Totemismo,** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em <http://www.iea.usp.br/pesquisa/conferenncistas-internacionais/derrick-de-kerckhove> Acesso em 08 julh. 15 KIRKPATRICK, D. **O efeito facebook.** Tradução Maria Lúcia de Oliveira. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Tradução: Daniel Bueno. Revisão técnica: Tatiana Melani Tosi, Raúl Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAJONQUIERE, L. de **Sobre uma degradação geral da vida escolar**. Campinas: Educação Temática Digital, 2009. v.10, n. 2, p. 157 - 168. ISSN: 1676-2592.

_____. **A Mestria da Palavra e a Formação de Professores**. Porto Alegre: Educação & Realidade, v. 36, n. 3, p. 849-865, set./dez. 2011.

_____. **A palavra e as condições da educação escolar**. Educação & Realidade (UFRGS), vol. 38, nº1, pp. 455-469. ISSN 0100-3143, 2013.

_____. **O Selvagem poderia ter falado?** Ou das condições estruturais de uma educação. In: O Garoto selvagem e o Dr. Jean Itard: história e diálogos contemporâneos / Luci Banks-Leite, Izabel Galvão, Débora Dainez, (organizadoras). – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017. ISBN: 978-85-7591-502-8.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas**: teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

_____. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002

_____. **Cibercultura e Mobilidade**: a Era da Conexão In: LEÃO, L. **Derivas**: Cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.

_____. **Ficar [só] para ficar juntos**. Salvador. Caderno especial do Correio, 2015.

_____. **“Isso (não é) muito Black Mirror”**. Passado, Presente e Futuro das Tecnologias de Comunicação e Informação. Salvador: EDUFBA, 2018.

LEBRUN, J. P. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.

LEVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LISPECTOR, C. **A Legião Estrangeira**. Rio de Janeiro: Editora de Autor, 1964.

MACEDO, R. S. **Trajetória, itinerário, itinerância e errância no campo do currículo**. Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPED: “Educação não é Privilégio”. Caxambu, 24 a 28/09/2000.

_____. Estudos e pesquisas em currículo e formação nos âmbitos do FORMACCE FAGED/UFBA: a centralidade da narrativa implicada. MACEDO, E.; MACEDO, R.S.; AMORIM, C. A. (Org.). **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo**. Campinas, SP: FE-UNICAMP, 2009. p. 107-113.

MACHADO, A. **O sujeito na tela**: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. São Paulo: Paulus, 2007.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARGARITES, Ana P. F. **Subjetividade e Redes Sociais na Internet**: As relações entre estudantes e professores no contemporâneo. Pelotas, 2011. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

MATOS, E. L. M. A. e FERREIRA, J. L. **A utilização da rede social Facebook no processo de ensino e aprendizagem na universidade** In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Tradução: Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1964.

MESSIAS, A. R. **O idoso no Facebook: sociabilidade e encontro geracional.** In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MESSIAS, I. e MORGADO, L. **Facebook + LMS: cenários para o envolvimento do estudante na aprendizagem a distância** In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MIARKA, R. **Concepções de Mundo de Professores de Matemática e seus Horizontes Antevistos.** 2008.160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008.

MILGRAM, S. **The small world problem.** Psychology Today, New York, v.6, n.1, p.62-67, 1967.

MINAYO, M. C. de S.(Org) e GOMES, S. F. D. R. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTAIGNE, M. de **Ensaio.** São Paulo: Nova cultural, 2000.

_____. **Sobre a amizade.** Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2012.

MORÉ, C. L. O. **A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde.** Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>. Acesso em: 28 abr. 2018.

MOREIRA, J. A. e JANUÁRIO, S. **Redes sociais e educação: reflexões acerca do Facebook enquanto espaço de aprendizagem** In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MORTON, H. **Computer-Mediated Communication in Australian Anthropology and Sociology.** Social Analysis Journal of Cultural and Social Practices, v. 45, n. 1, pp. 3-11, 2011.

NASCIMENTO. LCN, SOUZA. TV, OLIVEIRA. ICS, MORAES. JRMM, AGUIAR. RCB, SILVA. LF. **Theoretical saturation in qualitative research**: an experience report in interview with schoolchildren. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(1):228-33. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0616>. Disponível: <http://www.scielo.br> Acesso em: 28 abr. 2018.

NIETZSCHE, F. **Humano, demasiado humano**: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária**: mestra ou tia. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

NÓVOA, A. **Entrevista com o Professor António Nóvoa**. Entrevistadora: SANTOS, L. L. Revista Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 224-237, jan./jun. 2013.

_____. **Os professores e a história da sua vida**. In: NÓVOA, A. (Org.). Vida de professores. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

_____. **“Precisamos colocar o foco na formação profissional dos professores”** Entrevista realizada por Bruno Mazzoco. Instituto NET Claro Embratel, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KqopJQO3K0E> Acesso em: 05 ago. 2018.

OLIVEIRA, R. M. C. de. e FELDENS, D. G. **A cidade-rede como currículo informal**: o Facebook, a comunicação ubíqua e as manifestações In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

ORTEGA, F. **Genealogias da amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PAPACHARISSI, Z. (Org.) **A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. Nex York: Taylor e Francis, 2011.

PEIXOTO, Z. **O Facebook para além da rede social**. O usuário como consumidor-mercadoria In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PINTASSILGO, J. Os manuais de pedagogia no primeiro terço do século XX: entre a tradição e a inovação. In J. Pintassilgo; M. C. Freitas; M. J. Mogarro; & M. M. C. Carvalho (Org.). **História da escola em Portugal e no Brasil**: circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Edições Colibri/ C.I.E. - F.C.U.L, 2006.

PINTASSILGO, J.; MOGARRO, M. J.. Das Escolas Normais às Escolas do Magistério Primário: Percurso histórico das Escolas de Formação de Professores do Ensino Primário. In: **Historia y Memoria de la Educación**. Madri, UNED, 2015. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/HMe/article/view/13285/12805>. Acesso em: 10 jul. 2018.

POLIVANOV, B. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. Revista Esferas. Ano 2. Nº 3, 2013.

PORTO, C. de M. e GAMANETO, E. M. da. **Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem**: o Facebook como espaço virtual de usos socioeducacionais singulares. In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PRENSKY, M. **Aprendizagem Baseada em Jogos Digitais**. Tradução: Eric Yama-gute. São Paulo: Senac-SP, 2012.

_____. **Digital Native, digital immigrants**. On the horizon, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 06 set. 2017.

PRIMO, A. et al. **Conversações fluidas na cibercultura**. In: ENCONTRO DA COMPÓS – Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura, 25., 2016, Goiânia. Belo Horizonte: Compós, 2016.

PRIMO, A. **Industrialização da amizade e a economia do curtir**: estratégias de monetização em sites de redes sociais. In: BALDI, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). A

insustentável leveza da web: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 109-130.

_____. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. Porto Alegre: Sulina, 2007. ISBN: 978-85-0465-9

_____. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0.** E-Compós, 9. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.30962/ec.v9i0.153> Acesso em: 16 mar. 2017.

_____. **E se Aristóteles usasse o Facebook?** Uma genealogia da amizade. **Rumores**, Brasil, v. 10, n. 20, p. 46-67, dec. 2016. ISSN 1982-677X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/120923>>. Acesso em: 23 jul. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2016.120923>.

QUEDA LIVRE. Diretor: Joe Wright. In: BLACK Mirror. Produtor: Charlie Brooker. United Kingdom: Netflix, 2016. temp. 3, cap. 1 (63 min), color., son Livre, 2016.

QUINTANA, M. **Porta Giratória.** [Recurso eletrônico] 1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2014. Recurso digital Formato: ePub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web 192p. ISBN 978-85-7962-303-5 Disponível em: <http://le-livros.com/wp-content/uploads/2018/08/Porta-Giratoria-Mario-Quintana.pdf> Acesso em: 07 Julh. 2018

RAIC, D. F. F. **Nas tramas da pedagogidade, a emergência do pedagogo-bricouler.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, 2015.

RECUERO, R. **A conversação em rede:** comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulinas, 2014.

_____. **O capital social em rede:** como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. Contemporânea: comunicação e cultura, v.10, n.03 – set-dez 2012a – p. 597-617. Disponível em:<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6295/0>>. Acesso em: 26 out. 2016

_____. **Curtir, compartilhar, comentar:** trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso, XXVIII(68):114-124, maio-agosto 2014 © 2014 by Unisinos – doi: 10.4013/ver.2014.28.68.06 ISSN 1806-6925.

_____. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVAULT D'ALLONES, M. **Le pouvoir des commencements:** essai sur l'autorité. Paris: Seuil, 2006

RIBEIRO, J. C. e AYRES, M. **Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais.** In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação:** publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

RIBEIRO, J. C. e AYRES, M. **Breves comentários sobre a análise de conversações em sites de redes sociais.** In **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar.** PORTO, C. e SANTOS, E. (Org.). Campina Grande: EDUEPB, 2014.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa Social – Métodos e Técnicas.** São Paulo: Atlas, 1989.

RIFIOTIS, T. e SEGATA, J. (éds.) **Políticas etnográficas no campo da cibercultura** – Brasília : ABA Publicações ; Joinville : Editora Letradágua. 208p., 2016.

ROCHA, T. B. **Scr@ps de ódio no orkut:** cyberbullying, contextos e ressonâncias da violência virtual que atinge o professor. Tese (Doutorado) Prof. Orientador Dr. Roberto Sidnei Macedo – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2010.

SAINT-EXUPÉRY, A. **Le Petit Prince.** Paris: Éditions Gallimard, 2016.

SALOMON, D. V. **A maravilhosa incerteza:** ensaio de metodologia dialética sobre a problematização no processo de pensar, pesquisar e criar. São Paulo: Martins Fontes, 2ª Ed. 2006.

SANATELLA, L. **A pesquisa como forma de vida**. Aula Magna. Pró-Reitoria de Pós-Graduação. TVPUC PUC – São Paulo, 2018.

_____. **Os conceitos anticartesianos de *self* em Peirce e Bakhtin**. *Cognitio*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 121-132, jan./jun, 2006.

SANTANA, C. L. S. e. **Aprendizagem em rede: novos olhares sobre o Orkut**. Dissertação (Mestrado). Profa. Orientadora Lynn Rosalina Gama Alves. Universidade do Estado da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2008.

_____. **Visibilidade mediada: estratégias e ações docentes no twitter**. Tese (Doutorado). Prof. Orientador Edvaldo Souza Couto. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014.

SANTOS, B. de S. **O discurso sobre as ciências**. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008. Técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.

SANTOS, E. e ROSSINI, T. S. S. **Comunidade REA- Brasil no Facebook: um espaço de ativismo, autorias, compartilhamentos e inquietações**. In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

SANTOS, T. R. **A perda da aureola: deslocamento da imagem social e sociológica de professor no Facebook**. Tese (Doutorado). Profa. Orientadora Dr.^a Ione Ribeiro Valle e Prof.^a Coorientadora Dr.^a Maria das Dores Daros. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2017, 156 p.

SENTINELLO, A. e VERSUTI, J. **Facebook: conectividade e reflexões da rede social para o contexto social do século XXI**. In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação: publicar, curtir, compartilhar**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

SER E TER. Direção: Nicolas Philibert. Produção: Gilles Sandoz. França, 2002.

SHIH, C. **The facebook Era**. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/link/a-era-do-facebook/>> 2009. Acesso em: 25 mar. 2018.

SIEMENS, G. **Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age**. In: International Journal of Instructional Technology and Distance Learning. v.2., n.1, 2005. Disponível em: http://www.itdl.org/Journal/Jan_05/index.htm. Acesso em: 07 out. 2017.

SOARES, L. H. **A autoridade docente e a sociedade da informação: educação, crise e liquidez**. Tese (Doutorado) – Orientador: Prof. Dr. Carlos Ângelo de Meneses Sousa. Coorientador: Prof. Dr. Ricardo Spindola Mariz. Universidade Católica de Brasília, 2016. 279 f.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento**. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SOCIETY, Copyright. **Mark Zuckerberg** a-t-il perdu le contrôle de Facebook? Paris: Imprimé par Léonce Deprez. Distribution Presstails. N° 67. Octobre de 2017. ISSN:2426-5780.

STROMAE. **Carmem**. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UKftOH54iNU> Acesso em: 06 dez. 2015.

SUED, G. **“Pensando a Facebook, una aproximación colectiva por dimensiones”**. El Proyecto Facebook y la pos-universidad: sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje Ariel, 2010.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **O eterno desafio brasileiro da valorização docente**. Entrevista realizada por João Vitor Santos. Tradução: Vanise Dresch. In: Base Nacional Comum Curricular: O futuro da educação brasileira. Revista do Instituto Humanitas Unisinos. IHU On-Line. Edição 516, Ano XVII. 04 dezembro de 2017. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7153-o-eterno-desafio-brasileiro-da->

valorizacao-docente Acesso em: 03 ago. 2018.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAPSCOTT, D. **Geração digital**: a crescente e irreversível ascensão da Geração Net. São Paulo: Makron Books do Brasil, 1999.

TIBURI, M. **Democratizar o amor e a amizade I**. Café Filosófico, 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eZAHnedzr10> Acesso em: 10 jul. 2018

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TSUKAMOTO, N. M. S.; FIALHO, N. N. e TORRES, P. L. **A face educacional do facebook**: um relato de experiência In: PORTO, C. SANTOS, E. (Org) **Facebook e Educação**: publicar, curtir, compartilhar. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

TURKLE, S. **Seuls ensemble**: De plus en plus de technologies de moins en moins de relations humaines. Claire Richard (Translator). Paperback: 2015.

_____. **Conectado, mas só?** TED: 2012 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t7Xr3AsBEK4> Acesso em: 12 mar. 2017.

VOLTOLINI, R. **Mal-estar contemporâneo e educação**. Entrevista. Os Psicanalistas e suas Análises, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JGjUkB9tVj0> Acesso em: 13 ago. 2018.

_____. **A relação professor-aluno não existe**: corpo e imagem, presença e distância. ETD - Educação Temática Digital, (2007), 119-139. Disponível em: <http://nbn-resolving.de/urn:nbn:de:0168-ssoar-73806> Acesso em: 18 ago. 2018.

WATTS, D; STROGATZ, S. **Collective dynamics of “smallworld” networks**. Nature, ed. 393, p. 440-442, 1998.

WEINBERGER, D. **Why Open Spectrum Matters**. The end of the broadcast nation.,
Disponivel em: <http://www.evident.com> , 2003.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO NO 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____

Documento de Identidade no: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefone: (____) _____/(____) _____/_____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA:
 “Oi, professor, vc tá on?” Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook.

2. PESQUISADORA RESPONSÁVEL: JANAÍNA DOS REIS ROSADO
 Cargo/Função: DOUTORANDA

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O (a) senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: “Oi, professor, vc tá on?” Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook, de responsabilidade da pesquisadora orientadora Lynn Alves, docente da Universidade do Estado da Bahia que tem como objetivo:

✓ Investigar quais sentidos os docentes conectad@s atribuem à relação com seus alunos no Facebook e como esta relação tensiona sua prática.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer os seguintes benefícios:

- Disseminação do conhecimento acadêmico e científico no campo dos estudos sobre a educação e tecnologias digitais na contemporaneidade;
- Contribuição nas discussões sobre os desdobramentos da relação entre professor e aluno nas redes sociais na internet na prática docente.

Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia, aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil>

- Discutir sobre formas de atuação pedagógica dos docentes conectad@s.
- Escutar os docentes sobre como significam a relação que existe entre eles e seus alunos no *Facebook* e como esta relação tensiona sua prática.

Caso aceite o Senhor(a) será convidado a participar de uma entrevista com perguntas sobre o tema, bem como a autorizar a observação da sua *time line* no *Facebook*, pela aluna/pesquisadora Janaína dos Reis Rosado do curso do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) do Estado da Bahia(UNEB).

A pesquisa não apresenta riscos para os participantes, visto haverá **confidencialidade dos seus nomes. Adotaremos nomes fictícios para a análise e divulgação das informações que emergirão da observação e da entrevista. Este procedimento garantirá que as informações coletadas não sejam relacionadas aos participantes da pesquisa.**

Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Ratificamos que sua identidade será tratada com sigilo e portanto o Sr(a) não será identificado. Caso queira (a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o (a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pela pesquisadora e o Sr(a) caso queira poderá entrar em contato também com o Comitê de ética da Universidade do Estado da Bahia. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o Sr (a) tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O (a) senhor (a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: JANAÍNA DOS REIS ROSADO

Endereço: RUA DAS GAIVOTAS **Telefone:** (71)99914 - 1913, **E-mail:** janainarosado@yahoo.com.br, **Perfil Facebook:** Janaína Rosado

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEP 510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

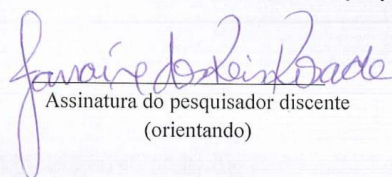
Pesquisa submetida ao Comitê de ética em pesquisa com seres Humanos da Universidade do estado da Bahia , aprovado sob numero de parecer: _____ em _____, consulta disponível no link : <http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrazil>

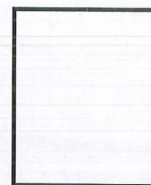
V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

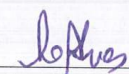
Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **"Oi, professor, vc tá on?" Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook**, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via que a mim.

_____, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa


Assinatura do pesquisador discente
(orientando)




Assinatura do professor responsável
(orientador)

Anexo 2 – Termo de Compromisso do Pesquisador

**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP****TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR**

Declaro estar ciente das normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto intitulado **"Oi, professor, vc tá on?" Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook** sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução CNS 466/12, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, da não maleficência, da justiça e da equidade.

Assumo o compromisso de apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia; de tornar os resultados desta pesquisa públicos independente do desfecho (positivo ou negativo); de Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa, via Plataforma Brasil.

Salvador, 09 de novembro de 2016.

A handwritten signature in blue ink, reading "Janaine de Jesus Rosa", is written over a dotted line. Below the signature, the text "Assinatura do responsável pelo projeto" is printed.

Assinatura do responsável pelo projeto

Anexo 3 – Termo de Autorização Institucional da Proponente

**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP****TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE**

Autorizo a pesquisadora JANAÍNA DOS REIS ROSADO desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado **“Oi, professor, vc tá on?” Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook** o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem estar dos participantes da pesquisa.

Salvador, 09 de novembro de 2016.

.....
Assinatura e carimbo do
responsável institucional

Prof. Dr. Valdério Santos Silva
Diretor do Departamento de Educação
Campus I - UNEB - Matr.: 74335534-1
Port.: 1.538/2016 - D.O.E. 16/03/2016

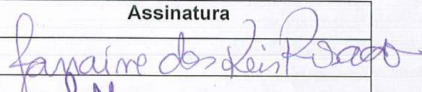
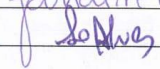
Anexo 4 – Termo de Confidencialidade

**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de Ética em Pesquisa - CEP****TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada “Oi, professor, vc tá on?” **Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook** cujos dados serão coletados através de participar de uma entrevista com perguntas sobre o tema, bem como autorizar a observação da sua *time line* no Facebook, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados no Centro de Pesquisa Comunidades Virtuais da Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a JANAÍNA DOS REIS ROSADO Após este período, os dados serão destruídos.

Salvador, 09 de novembro de 2016.

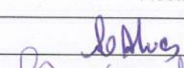
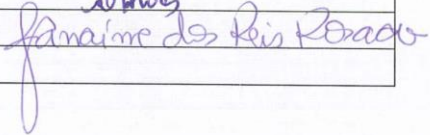
Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
JANAÍNA DOS REIS ROSADO	
LYNN ALVES	

Anexo 5 – Termo de Concordância com o Desenvolvimento do Projeto de Pesquisa

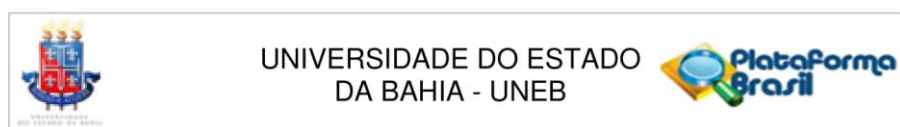
**Universidade do Estado da Bahia
Comitê de ética em Pesquisa - CEP****DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO
DO PROJETO DE PESQUISA**

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado **“Oi, professor, vc tá on?” Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook**, vinculado à instituição Universidade do Estado da Bahia - UNEB, que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Salvador, 09 de novembro de 2016.

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
LYNN ALVES	
JANAÍNA DOS EIS ROSADO	

Anexo 6 - Comprovante de envio do projeto ao Comitê de Ética da UNEB

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Oi, professor, vc tá on? Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook.

Pesquisador: JANAINA DOS REIS ROSADO

Versão: 2

CAAE: 67583517.0.0000.0057

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 040317/2017

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Oi, professor, vc tá on? Docentes conectad@s, laços sociais e sentidos construídos no Facebook. que tem como pesquisador responsável JANAINA DOS REIS ROSADO, foi recebido para análise ética no CEP Universidade do Estado da Bahia - UNEB em 26/04/2017 às 10:11.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Anexo 7 - Pronunciamento de Freud em homenagem ao 50º aniversário da sua escola primária.

Minha emoção ao encontrar meu velho mestre-escola adverte-me de que, antes de tudo, devo admitir uma coisa: é difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres. É verdade, no mínimo, que esta segunda preocupação constituía uma corrente oculta e constante em todos nós e, para muitos, os caminhos das ciências passavam apenas através de nossos professores. Alguns se detiveram a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir outros tantos? – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada. Nós os cortejávamos ou lhes virávamos as costas; imaginávamos neles simpatias e antipatias que provavelmente não existiam; estudávamos seus caracteres e sobre estes formávamos ou deformávamos os nossos. Eles provocavam nossa mais enérgica oposição e forçavam-nos a uma submissão completa; bisbilhotávamos suas pequenas fraquezas e orgulhávamo-nos de sua excelência, seu conhecimento e sua justiça. No fundo, sentíamos grande afeição por eles, se nos davam algum fundamento para ela, embora não possa dizer quantos se davam conta disso. Mas não se pode negar que nossa posição em relação a eles era notável, uma posição que bem pode ter tido suas inconveniências para os interessados (Freud, 1996, p. 286).

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevista semiestruturada (instrumento da pesquisa)

“Oi, professor, vc tá on? ”

Docentes conectad@s, laços sociais e
significados construídos no Facebook.

Tema: Docente conectad@s, laços sociais e Facebook.

Objetivo Geral

Investigar quais significados os docentes conectad@s atribuem à relação com seus alunos no FB e como esta relação tensiona seu papel docente, considerando o a assimetria pedagógica.

Não estamos na era da informação. Não estamos na era da Internet. Nós estamos na era das conexões. Ser conectado está no cerne da nossa democracia e nossa economia. Quanto maior e melhor forem essas conexões, mais forte serão nossos governos, negócios, ciência, cultura, educação.

David Weinberger

1. Você acredita que estamos vivendo realmente a era da conexão? Por que?
2. Você se considera um docente conectado? Por que?
3. Quais as redes mais acessadas por você e como você faz uso delas?
4. Estar *online* no Facebook tensiona a sua prática docente? De que maneira?
5. De que forma você qualifica sua relação com seus alunos no *Facebook*?
6. Que sentidos e significados você atribui à sua relação com seus alunos no Facebook?

7. Vamos imaginar a seguinte situação: Você está domingo à noite navegando no Facebook e surge a caixinha de bate papo. É um aluno querendo conversar sobre a aula de terça feira. Como você se sente? Como você administra?
8. Você acredita na máxima que as redes sociais aproximam as pessoas, criam outros espaços de interação e de aprendizagem? Por que?
9. Você acredita que passou a trabalhar mais depois que adicionou seus alunos em seu perfil pessoal?
10. A escola e a universidade ainda se configuram como espaços conservadores. Como você sente e pensa a relação espaço formal de aprendizagem e redes sociais na internet? Essas redes promovem a reconfiguração do seu papel docente? E o aluno como fica nesta relação?
11. Você continua suas aulas presenciais no Facebook ou em outra rede social na internet? Se sim, como você se sente? E como você acha que os alunos se sentem? Em caso negativo, explique o porquê.
12. Já passou por alguma situação inusitada ou desagradável por seus alunos terem acesso ao seu perfil pessoal no Facebook?
13. Alguma postagem sua na rede reverberou em sala de aula? Qual e como foi sua mediação?
14. Tem algum assunto que não abordamos nesta entrevista que você deseja trazer para a discussão?

Apêndice 2 – Tabelas do Estado da Arte sobre Facebook

Tabela A – Estado da arte do conhecimento: teses e dissertações por área de conhecimento sobre o tema Facebook, realizado em fevereiro de 2015.

Área de Conhecimento	Teses	Dissertações
Administração	01	12
Antropologia	-	01
Comunicação	03	09
Design	-	01
Educação	-	09
Enfermagem	-	01
Engenharia/Tecnologia/Gestão	02	07
Jornalismo	-	01
Letras	-	02
Linguística	-	02
Planejamento Urbano E Regional	-	01
Psicologia	-	04
Sociais e Humanidades	02	04
Artes	-	01
Física	-	01

Fonte: Própria com base na CAPES

Tabela B – Estado da arte do conhecimento: teses e dissertações por área de conhecimento sobre o tema Facebook, realizado em fevereiro de 2018.

Área de Conhecimento	Teses	Dissertações
Administração	14	61
Anatomia patológica e patologia clínica	1	-
Antropologia	1	8
Arquitetura e Urbanismo,	-	4
Artes, dança, música, teatro	3	11
Bioquímica	1	-
Ciência da Computação	13	38

Ciência da Informação	7	8
Ciência política	2	11
Ciências ambientais, meio ambiente e agrárias	-	6
Clínica médica e medicina	1	2
Comunicação	41	212
Desenho	-	9
Direito	1	11
Educação	28	100
Enfermagem	3	4
Engenharias, Tecnologia, Gestão	7	12
Ensino	4	18
Extensão rural	-	1
Física	1	1
Geografia	1	2
História	1	2
Interdisciplinar	3	7
Letras, linguística, literatura e língua portuguesa	20	128
Planejamento Urbano e Regional	1	3
Psicologia , psicolinguística, tratamentos e prevenção psicológica	18	25
Outras Sociologias	1	1
Psiquiatria	1	2
Química		1
Saúde coletiva e saúde pública	3	4
Saúde e biológicas	3	11
Serviço social		1
Sistema de computação e sistema de telecomunicações	1	3
Sociais e humanidades	10	48
Sociologia	11	39
Teologia	1	4
Turismo	-	3

Zoologia	-	1
----------	---	---

Fonte: CAPES com base no BDTD

Tabela C – Estado da arte do conhecimento: teses e dissertações entre os anos de 2010 e 2017 sobre o tema Facebook, realizado em fevereiro de 2018.

Teses	Dissertações	Ano
-	7	2010
2	18	2011
15	47	2012
17	97	2013
39	163	2014
49	196	2015
64	221	2016
17	53	2017

Fonte: CAPES com base no BDTD

Tabela D – Estado da arte do conhecimento: teses e dissertações na área de educação por estado brasileiro sobre o tema Facebook, realizado em fevereiro de 2018.

Estado	Teses	Dissertações
Alagoas	-	1
Bahia	2	1
Brasília	-	8
Ceará	1	5
Espírito Santo	1	2
Goias	1	-
Mato Grosso	5	4
Minas Gerais	3	17
Paraíba	2	1
Paraná	-	1
Rio de Janeiro	7	14
Rio Grande do Sul	1	21
Rio Grande do Norte	-	1
São Paulo	5	5
Santa Catarina	-	10
Sergipe	-	8

Tocantins	-	1
-----------	---	---

Fonte: CAPES com base no BDTD

Tabela E – Estado da arte do conhecimento: teses e dissertações entre os anos de 2010 e 2017 sobre o tema Facebook, realizado em fevereiro de 2018.

Teses	Dissertações	Ano
-	-	2010
-	-	2011
-	-	2012
-	5	2013
2	16	2014
13	2	2015
16	2	2016
12	3	2017

Fonte: BDTD com base no BDTD

Tabela F – Estado da arte do conhecimento: teses e dissertações por estado brasileiro entre os anos de 2010 e 2018 sobre o tema Facebook, realizado em fevereiro de 2018.

Estado	Teses	Dissertações
Amazonas	-	2
Bahia	1	3
Brasília	-	1
Ceará	2	1
Espírito Santo	-	3
Goias	1	1
Minas Gerais	-	6
Pará	-	2
Paraíba	-	2
Paraná	-	3
Pernambuco	-	1
Rio de Janeiro	-	3
Rio Grande do Sul	1	6
São Paulo	4	18
Sergipe	-	3

Fonte: Própria com base no BDTD